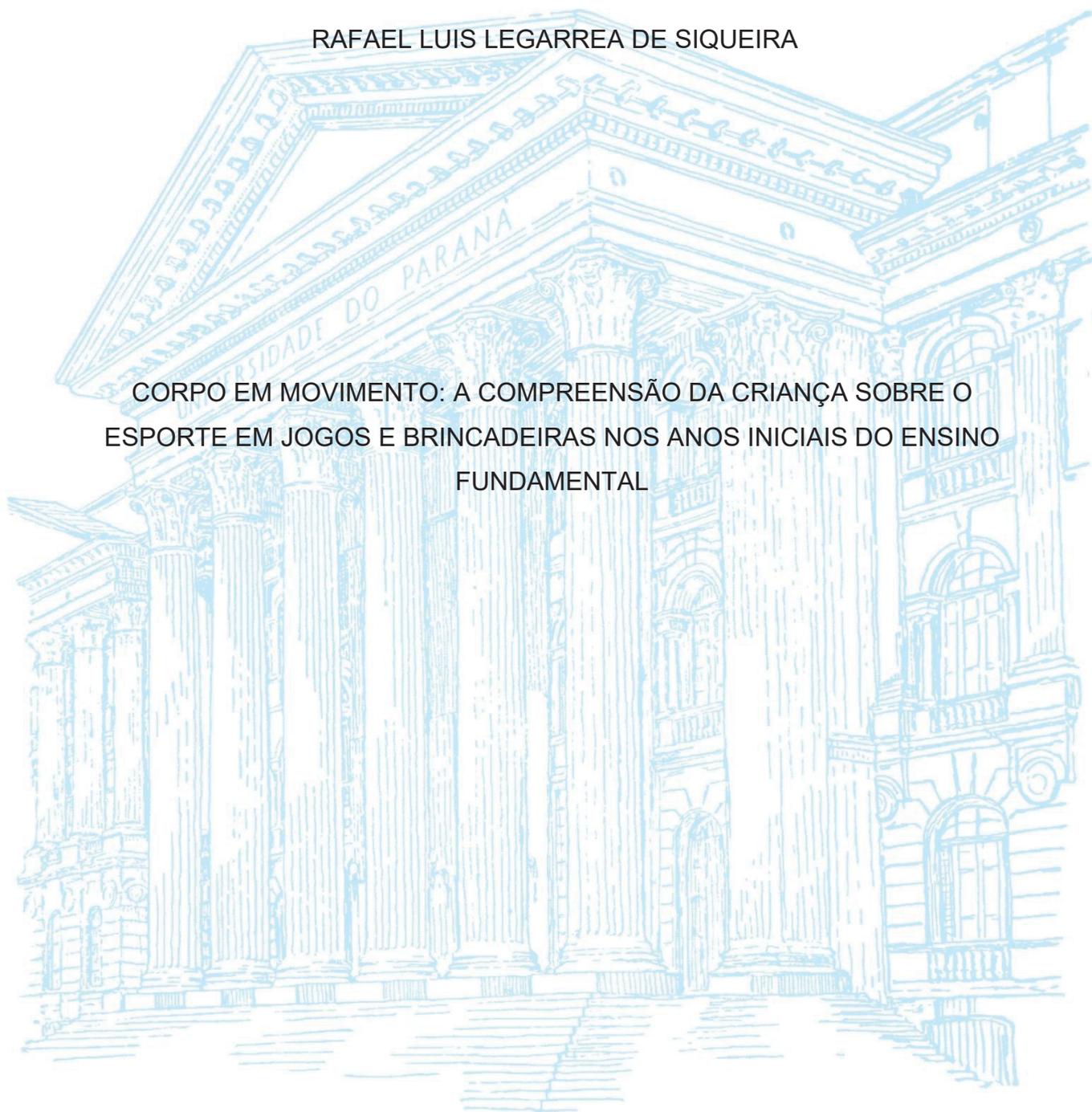


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RAFAEL LUIS LEGARREA DE SIQUEIRA

CORPO EM MOVIMENTO: A COMPREENSÃO DA CRIANÇA SOBRE O
ESPORTE EM JOGOS E BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL



CURITIBA

2025

RAFAEL LUIS LEGARREA DE SIQUEIRA

CORPO EM MOVIMENTO: A COMPREENSÃO DA CRIANÇA SOBRE O
ESPORTE EM JOGOS E BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo João Sonoda-Nunes

CURITIBA

2025

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Siqueira, Rafael Luis Legarrea de.

Corpo em movimento : a compreensão da criança sobre o esporte em jogos e brincadeiras nos anos iniciais do ensino fundamental / Rafael Luis Legarrea de Siqueira – Curitiba, 2025.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo João Sonoda-Nunes

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Jogos escolares. 3. Esportes escolares. 4. Esportes para crianças. 5. Educação pelo movimento. I. Universidade Federal do Paraná. II. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **RAFAEL LUIS LEGARREA DE SIQUEIRA**, intitulada: **CORPO EM MOVIMENTO: A COMPREENSÃO DA CRIANÇA SOBRE O ESPORTE EM JOGOS E BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**, sob orientação do Prof. Dr. RICARDO JOAO SONODA NUNES, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 28 de Março de 2025.

Assinatura Eletrônica

05/05/2025 10:54:51.0

RICARDO JOAO SONODA NUNES

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

05/05/2025 22:36:58.0

MARYNELMA CAMARGO GARANHANI

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

05/05/2025 10:32:37.0

WANDERLEY MARCHI JR

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Dedico este estudo:

Aos que acreditaram em mim, confiaram palavras e atitudes de carinho à criança que fui, ao professor que me tornei.

Àqueles que insistiram e insistem em cuidar e orientar meus passos, como se fossem anjos da guarda.

Àqueles que dedicam parte de suas vidas à escrita.

Àqueles que contaram e continuam contando histórias.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida e por me fazer acreditar ser possível. Por redescobrir a coragem e a fé para prosseguir.

À família, sempre comigo. Amor, carinho, dedicação, união e reciprocidade na vida. Gratidão por estarem ao meu lado e por me cercarem de afeto. Avós, pais, irmã, tios e primos. Esposa e filha.

Aos meus professores de infância e da adolescência, que tanto contribuíram para que as palavras escolhidas e escritas fossem as melhores possíveis. Aos que tanto me incentivaram para os estudos e para ler livros.

Aos professores da UFPR (Departamento de Educação Física e Programa de Pós-Graduação em Educação), que me inspiram com gestos, movimentos e palavras. Por estarem comigo na retomada dos estudos, por elevarem a minha confiança para que fosse possível persistir. Pelo acolhimento, carinho e pela condução desse processo formativo, ao redescobrir minha escrita e olhares para a pesquisa.

Ao meu professor-orientador, Ricardo João Sonoda Nunes, por acreditar no meu trabalho e esforço. Manifesto minha gratidão pelo seu comprometimento, dedicação e companheirismo.

À banca examinadora, Professora Dra. Marynelma Camargo Garanhani e Professor Dr. Wanderley Marchi Júnior, pelo aceite, cuidado e pelas contribuições pontuais para esse trabalho.

Aos amigos e colegas dos tempos de infância, da escola e da Universidade. Aos cúmplices nos jogos e brincadeiras, nas trocas de figurinhas dos álbuns que colecionávamos, dos momentos das aulas de educação física, dos jogos escolares, enfim, dos episódios citados nessa pesquisa.

Às crianças que fortificam o trabalho docente com seus relatos de experiência e (moviment)ações todos os dias na escola. Estendo aqui meu agradecimento às suas famílias que permitiram a participação delas nessa pesquisa sobre o esporte.

À escola que atuo e que construo minha formação profissional diariamente, ao lado de profissionais e professores que tanto se esforçam para oferecer o melhor de si.

Ángel de mi guarda, dulce compañía, no me desampares, ni de noche ni de día. No me dejes solo, que me perdería. Hasta que amanezca, en los brazos de Jesús, José y María.

Oración al Ángel de la Guarda.

RESUMO

O esporte, patrimônio histórico da humanidade, pode estar presente no cotidiano infantil, desde as práticas educativas escolares até em momentos de lazer, ao tornar-se perceptível em gestos e movimentos corporais, em símbolos, nos diálogos, entre outros fatores integrantes de nossa cultura. A presente pesquisa se concentrou no ambiente escolar, contexto em que o esporte se configura também como abordagem pedagógica e prática de movimento, na utilização de jogos e brincadeiras, ferramentas educacionais para a realização do trabalho pedagógico com o esporte, enquanto alternativa de vivências corporais para a criança. Ao considerar esse cenário, teve-se como objetivo geral, analisar como as crianças, vinculadas aos anos iniciais do ensino fundamental, compreendem o esporte em jogos e brincadeiras com o corpo em movimento. O grupo estudado foi selecionado de forma intencional devido ao acesso às práticas educativas de uma escola privada no município de Colombo/PR. Em relação aos procedimentos metodológicos, tratou-se de uma pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, com a utilização da técnica de observação participante, que envolveu o registro de gestos e movimentos das crianças nas atividades propostas, bem como suas narrativas, percepções e reflexões, como produção de dados dessa pesquisa. Em tais intervenções pedagógicas, identificou-se o uso de uma linguagem por parte delas. O esporte como forma de linguagem. Gestos, movimentos e expressividade, constituído de elementos, códigos e símbolos. Uma forma de comunicação que se pode dizer, universal. O universo do esporte e suas linguagens.

Palavras-chave: corpo; criança; escola; esporte; jogos e brincadeiras; movimento.

ABSTRACT

Sport, a historical heritage of humanity, can be present in children's daily lives, from educational practices in schools to leisure moments, becoming perceptible in gestures and bodily movements, in symbols, in dialogues, among other factors that are integral to our culture. The present research focused on the school environment, a context in which sport also constitutes a pedagogical approach and movement practice, using games and play, educational tools for conducting pedagogical work with sport, as an alternative for bodily experiences for children. Considering this scenario, the general objective was to analyze how children, linked to the initial years of elementary education, understand sport in games and play with their bodies in motion. The studied group was intentionally selected due to access to the educational practices of a private school in the municipality of Colombo/PR. Regarding the methodological procedures, it was a qualitative research of an ethnographic nature, with the use of the participant observation technique, which involved the recording of gestures and movements of the children in the proposed activities, as well as their narratives, perceptions and reflections, as the production of data from this research. In such pedagogical interventions, the use of a language by them was identified. Sport as a form of language. Gestures, movements and expressiveness, consisting of elements, codes and symbols. A form of communication that can be said to be universal. The universe of sport and its languages.

Keywords: body; child; school; sport; games and play; movement.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 -	PROCESSO INTERPRETATIVO E SUAS ETAPAS	82
------------	---	----

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ILUSTRAÇÃO 1 - DOCUMENTOS SELECIONADOS POR BASES DE DADOS.	48
ILUSTRAÇÃO 2 - PERIÓDICOS CUJOS ARTIGOS SELECIONADOS NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES FORAM PUBLICADOS.....	49
ILUSTRAÇÃO 3 - REPOSITÓRIOS DE ORIGEM DOS DOCUMENTOS SELECIONADOS NA BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES	50

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO	46
QUADRO 2 - CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS SELECIONADOS NA REVISÃO (CAPES)	61
QUADRO 3 - CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS SELECIONADOS NA REVISÃO (BDTD)	64
QUADRO 4 - FICHA DO REGISTRO DO JOGO “CHUTE AO ALVO”	87
QUADRO 5 - FICHA DO REGISTRO DO JOGO “VOLEIBOL COM ADEQUAÇÕES”	90
QUADRO 6 - FICHA DO REGISTRO DO JOGO “QUEM É MAIS VELOZ?”	93
QUADRO 7 - FICHA DO REGISTRO DO JOGO “É PARA CORRER E SALTAR!”	96
QUADRO 8 - FICHA DO REGISTRO DO JOGO “POSSO ENVIAR MENSAGENS PARA O LEBRON?”	98
QUADRO 9 - FICHA DO REGISTRO DO JOGO “ARREMESSOS COM E SEM OBSTÁCULOS”	100
QUADRO 10 - FICHA DO REGISTRO DO JOGO “QUE TACADA FOI ESSA?”	102
QUADRO 11 - FICHA DO REGISTRO DO JOGO “É BADMINTON OU TÊNIS?”	104

SUMÁRIO

PRELEÇÃO: O PESQUISADOR E SUAS MEMÓRIAS COM O ESPORTE	12
1 “FOI DADO O <i>START!</i>” A PESQUISA EM JOGO	16
2 OLHA O QUE EU SEI FAZER! GESTOS E MOVIMENTOS COM O ESPORTE NA INFÂNCIA	24
3 O QUE A GENTE VAI JOGAR? O ESPORTE NA ESCOLA E UMA REVISÃO DE ESTUDOS	34
4 “EM SUAS MARCAS!” O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA	69
5 ÀS VEZES O JOGO É DECIDIDO NO DETALHE! A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA	84
6 O PÓS-JOGO: AS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO	115
REFERÊNCIAS	122
ANEXOS	130

PRELEÇÃO: O PESQUISADOR E SUAS MEMÓRIAS COM O ESPORTE

Talvez persistência seja a minha maior marca. Desde os primeiros anos de vida, convivi com doenças respiratórias, principalmente bronquite alérgica. Costumava adoecer nos períodos de alternância de temperatura, o que é muito comum na cidade de Curitiba/Paraná. Os medicamentos faziam parte da minha rotina nessas ocasiões. Tenho lembranças do aparelho de inalação e de sua sonoridade, na disposição de combater os principais sintomas: a falta de ar e a tosse contínua.

Paciente, ficava no aguardo das aulas de educação física, dos jogos escolares, do futebol com os amigos do bairro, por diversas vezes, impedido de participar. Em meio às inúmeras crises respiratórias, ao lado de minha mãe, manifestei o desejo de participar mais efetivamente de atividades esportivas, ciente de que deveria me adaptar às condições oferecidas em cada uma delas.

Mantive firme o tratamento médico. Difícil, revoltante. Posso dizer que sim, pois não compreendia não participar das práticas de movimentos com o esporte. Era uma questão de saúde, ou melhor, da falta dela, evitar o esforço físico nos períodos sintomáticos era a solução momentânea, pois não desencadearia mais uma crise respiratória. Pelo menos, foi a recomendação médica recebida naquela época.

Em repouso, durante as crises respiratórias, me concentrava nas lições da escola e assistir televisão. Pensava em como seria possível “driblar” o problema. Mas, qual seria a melhor saída para esse tipo de situação? Qual a melhor decisão a ser tomada?

Imaginei encontrar uma forma de participação a fim de minimizar riscos à saúde e ao bem-estar. Resolvi “sair da linha¹” por um tempo. Sim, tomei o caminho do gol no futebol, o esporte que mais pratiquei durante minha infância. A escolha por talvez uma das posições mais questionadas e ingratas no futebol. Como arqueiro, procurava ver os jogos de outra maneira, com análise e possíveis orientações.

Era preciso adaptar-me às novas formas de participar das práticas desse esporte. Por não ter a estatura esperada para um goleiro, posição em que se recomenda jogadores com altura elevada, foi preciso me desdobrar para evitar gols.

¹Nesse caso, sair da linha trata-se de uma expressão cotidiana utilizada no futebol para dizer que o jogador deixou de exercer funções na linha, executadas pelo zagueiro, meio-campista e atacante; restando para permanecer no jogo, apenas a posição de goleiro. Como exemplo, antes do jogo, costuma-se falar: você irá no gol ou na linha?

Era observador, mantinha o corpo preparado para os momentos defensivos no jogo e procurava ser preciso em minhas ações de ataque. Acumulava funções na equipe, era capitão do time, me aventurava como técnico, pesquisava e comprava os uniformes esportivos, agendava amistosos e, ainda, integrava a banda de nossa torcida na escola, antes dos jogos.

Tamanho envolvimento com o futebol, me faz acessar na memória, os tempos de colégio no ensino fundamental, as aulas de educação física, o atletismo. Jamais me esquecerei dele. Recordo então, o primeiro bimestre letivo, determinado para o ensino dessa referida modalidade na escola. Além dos conhecimentos teóricos apresentados pelo professor na disciplina, tínhamos que realizar atividades práticas. Em uma das avaliações práticas, deveríamos correr determinado percurso em um parque da cidade, localizado próximo à instituição de ensino. Era de se imaginar que o meu corpo daria sinais a essas provas. Tais avaliações eram realizadas no início da manhã. O percurso apresentado pelo professor previa o cumprimento da prova em um determinado período. Sem dúvida, a preocupação com a performance e com a nota na avaliação me impulsionavam a correr. Logo nos primeiros minutos, apresentava tosse e falta de ar. Procurava respirar. Parava. Lentamente, retomava a corrida. Finalizava a prova exausto e permanecia o restante do dia com a respiração comprometida.

Poderia neste caso apresentar um atestado médico e conseguir uma possível dispensa da prática. No entanto, esse recurso me impediria de desempenhar qualquer atividade física e, na escola, os demais estudantes tinham o hábito de questionar a veracidade do estado de saúde de quem o apresentava. Seria motivo de riso para outros colegas, por ser incapaz de cumprir uma tarefa da disciplina de educação física. Afinal, como alguém que não consegue realizar uma prova (relativamente curta) de atletismo, poderia ser considerado esportista?

Foram alguns anos até finalizar o tratamento médico e ter maior espaçamento entre as crises. Passei por benzimentos, simpatias, tratamentos experimentais até conquistar maior autonomia com o corpo em atividades e exercícios físicos. Somente com a chegada da adolescência, percebi a melhora na respiração.

A dificuldade de realizar atividades no futebol e demais esportes, durante a infância, me possibilitou conhecer e vivenciar momentos de dedicação com a música, tão presente na minha vida quanto o esporte. Filho de pai violonista e neto de pianista, aprendi a tocar um instrumento, o contrabaixo me escolheu.

No ensino médio, em outro colégio, optei pelo curso técnico em Administração, em virtude de oportunidade no mercado de trabalho. Além das disciplinas estabelecidas no currículo, estudei música, fui programador de rádio estudantil, continuei com a prática de esportes. Participei de importantes eventos, como estudante e músico, em solenidades com a direção escolar e apresentações para o público geral. Iniciei estágio e quando formado, fui trabalhar no comércio de livros e música.

No cursinho preparatório para o vestibular, me identifiquei com o trabalho docente, lembrando vivências da época de escola. Ingressei na Universidade Federal do Paraná (UFPR), em 2001, como estudante de Pedagogia. Como interesse, a área empresarial e a educação corporativa. O percurso foi alterado. Recebi um convite de uma escola de educação infantil e de ensino fundamental, para ministrar aulas de musicalização, dada minha experiência com a música.

Com o passar do tempo, tive a oportunidade de trabalhar com projetos de Filosofia, Música e Sociologia, além da formação docente. Após a conclusão da graduação, iniciei o curso de pós-graduação lato-sensu em Organização do Trabalho Pedagógico em 2007, na UFPR, movido pela música e pelo trabalho desenvolvido em instituições.

Após um período na coordenação de uma escola de ensino fundamental, fui convidado a integrar o projeto de criação de uma escola de educação infantil também na cidade de Curitiba, com o desenvolvimento de uma proposta de ensino e o desafio de gestão educacional. Iniciava-se assim, uma escola, melhor dizendo, uma nova gestão de escola, formada por duas famílias, sendo uma delas a minha. Um encontro de gerações. Investimento financeiro, de tempo e sobretudo de esforços. Como meta, atender crianças e contribuir significativamente em suas vidas e de suas famílias. Após dois anos, o atendimento educacional foi ampliado. Fundou-se a segunda sede, dessa vez voltada para os anos iniciais do ensino fundamental, na cidade de Colombo/Paraná.

Durante esse tempo como professor e coordenador de ensino dessa referida instituição, aproximadamente dez anos, resolvi ir em busca de algo que havia ficado para trás, a continuidade dos meus estudos. Retornei então à UFPR, para cursar Licenciatura em Educação Física. Uma nova oportunidade acadêmica e profissional para discutir esporte. Foram muitas novidades aos trinta e sete anos de idade. Convivi e estudei com jovens. Inúmeras anotações em meu caderno. Anatomia e Fisiologia.

Nas aulas práticas das disciplinas sobre os esportes foi preciso superar a idade avançada em comparação a de outros participantes.

Fui muito bem acolhido, uma incrível experiência. Participei de Projetos de extensão, como por exemplo, o “Sem Fronteiras”, localizado no Centro de Educação Física e Desportos da UFPR, coordenado pelas professoras Rosecler Vendruscolo e Letícia Godoy, do Departamento de Educação Física (DEF/UFPR), uma valiosa vivência educativa em que pude contribuir com atividades corporais para adultos maduros e idosos, ao falar de esporte e música.

Me orgulhei por retornar aos estudos, depois de tantos enfrentamentos e superações que podem fazer parte da vida de um educador. Acumulei experiências que me encorajaram na permanência do curso, uma vez que conciliei os estudos e a rotina de trabalho. Aprimorei conhecimentos pedagógicos e flertei com possibilidades de objetos de pesquisa.

Na escola, local de realização das intervenções pedagógicas apresentadas neste trabalho, ao longo desse tempo em que atuo como professor, me reconheço como entusiasta do esporte, na medida em que pude estabelecer o diálogo com as crianças quando estas vinham comunicar suas impressões sobre as competições, sobre acontecimentos esportivos, jogadas marcantes, lances polêmicos, a conquista de um campeonato. Com a idealização e realização de projetos educativos com o esporte na escola, nossas conversas foram sobre Copa do Mundo, Jogos Olímpicos, Jogos Paralímpicos, Violência nos estádios; trabalhos esses que desenvolvi com muito entusiasmo devido a participação das crianças nessas atividades. Assim, exatamente por reconhecê-la como lugar de conhecimento e de reflexões, considero relevante a presença do esporte na escola.

Nos instantes finais da preleção e que antecedem a entrada em campo e/ou o início do jogo/partida, compartilho a ideia de que o corpo é capaz de carregar histórias escritas ao longo da vida, quando recordo os primeiros ensinamentos sobre o controle com a bola nos pés e sobre conhecer lugares mesmo pela televisão com o esporte. Ao apresentar minhas vivências durante esse trabalho de pesquisa, descrevo o esporte que conheci, a infância que vivi. A propósito, daqui para frente, compartilho histórias que envolvem o esporte, sob minhas lentes de observação.

1 “FOI DADO O START!” A PESQUISA EM JOGO

Ao escrever parte de minhas memórias, mesmo que brevemente, procurei apresentar algumas experiências vivenciadas com o esporte desde a infância, as quais faço questão de compartilhá-las. Nesse sentido, manifesto minha ciência, compreensão e respeito a cada pessoa, que, ao ler esse texto, lembre seus momentos com o esporte. Afirmo isso, por acreditar que histórias são construídas com particularidades e que, portanto, podem não apresentar semelhanças às minhas, bem como desfechos parecidos. Para adentrar no processo particular da pesquisa, inspiro-me em Marques (2006), ao dizer que, com a mochila nas costas, me aventuro a falar de esporte, tão presente no meu caminho em diferentes oportunidades.

Desde a infância procurei integrar práticas esportivas, a partir do entendimento de que mover o corpo em tais atividades era uma forma de demonstrar que eu poderia superar os problemas respiratórios que me acometiam. Ao crescer, não esqueci de revisitá-lo: fisicamente, cognitivamente e afetivamente, se fez e se faz presente em minha vida. Sendo sincero, posso dizer que, provavelmente, eu tenha feito questão de estar com o esporte.

No presente exercício de pesquisa, convivi com a indagação sobre o que de fato foi capaz de despertar meu interesse em estudar o esporte na escola. Prontamente, poderia elencar diversos motivos acadêmicos e profissionais, os quais tive contato ao longo de minha formação, mas, de imediato como resposta, me remeto ao cotidiano infantil. Arrisco dizer que guardo na memória as experiências construídas com o corpo no esporte, ao optar por realizar suas práticas, desenvolver a preferência por determinadas modalidades, bem como materiais e equipamentos, muito influenciado pelo contexto no qual estive inserido. O interesse pelo esporte desde a infância, foi preponderante para que uma decisão pudesse ser tomada: ingressar no curso de educação física.

Retorno para a UFPR, impulsionado pelo gosto do esporte, exatamente aquele que conheci quando criança. Nos meus primeiros contatos com a nova graduação, no Departamento de Educação Física da UFPR (DEF/UFPR), observei com meus próprios olhos, as pessoas se movimentando em práticas com o esporte. Nos corredores, os estudantes conversavam sobre ele, vestiam uniformes,

participavam das aulas com as camisas de seus times, demonstravam apreço por suas práticas, entre outras formas de manifestação.

Em sala de aula, as leituras e discussões iniciais com o esporte, indicavam uma série de críticas a ele e à sua presença na escola. Nas palavras de Souza (2023), o resumo de um momento reflexivo sobre o esporte e a educação física escolar:

parte significativa da produção de conhecimento em Educação Física ao longo das últimas décadas tem consistido na rotinização de críticas à área e aos artefatos culturais que lhe dizem respeito. Em nome da construção de uma visão de mundo ideal, formulou-se uma crítica ferrenha à Educação Física e ao Esporte como subsistemas umbilicalmente comprometidos com as lógicas dominantes, sendo necessário inclusive se desfazer de suas especificidades, forjar outras identidades epistemológicas para esses campos, soldá-los em um projeto de poder que fosse alinhado com mudanças orientadas por premissas teórico-críticas (Souza, 2023, p. 2).

Considero que, para aquele momento, falar de esporte na escola, exigiu o reconhecimento de estar diante de um enorme desafio pedagógico, com múltiplos olhares e compreensões construídas ao longo do tempo, pois como afirmam Richter; Gonçalves; Vaz (2011, p. 182), o esporte enquanto conteúdo escolar teve a sua presença marcante “[...] no debate acadêmico da Educação Física brasileira, em grande medida como objeto de crítica relacionada à influência da instituição esportiva sobre as práticas escolares”.

Tinha interesse por esse debate e ao cursar a disciplina, Educação Física em Contextos Educativos I, ofertada no terceiro ano da graduação, com estudos sobre a criança e suas infâncias, me senti encorajado a falar e aprofundar meus conhecimentos sobre o esporte. Foi a partir desse momento, que reuni entusiasmo para estudá-lo, o fenômeno que tanto impactou os jogos e as brincadeiras na minha infância acabava por ser definido como objeto de pesquisa no curso de graduação.

Sem dúvidas, como trabalho de conclusão de curso, optei por pesquisar o esporte na escola. E, como ponto de partida, a educação infantil, uma etapa educacional relevante para a criança. Com a monografia intitulada, O esporte na educação infantil: análise do documento Caderno Pedagógico Movimento da Secretaria Municipal de Educação de Curitiba, realizei uma pesquisa de análise documental, de um importante caderno pedagógico de referência para docentes, da Rede Municipal de Curitiba, voltado para as atividades com crianças na educação infantil com enfoque em práticas de movimento. Manifestei assim, o interesse por analisar como o esporte é abordado em documentos que orientam a educação Infantil.

Para o cumprimento da proposta de investigação foi realizada a análise de intervenções pedagógicas propostas pelo Caderno Pedagógico Movimento da Rede Municipal de Educação de Curitiba/PR, no ano de 2009, destinado aos professores dos Centros Municipais de educação Infantil da cidade. As conclusões apresentaram o esporte abordado no documento como possível encaminhamento metodológico, uma vez que propriamente dito não está presente na educação Infantil, mas que tal prática de movimento pode ser observada em jogos e brincadeiras propostos por profissionais, por meio de seus elementos, como por exemplo, os nomes dos esportes, os materiais (bolas, equipamentos e vestimentas), os espaços físicos em que ocorrem as práticas, entre outras possibilidades.

Diante dessa primeira experiência na pesquisa com o esporte, superei desafios e me senti incentivado a dar continuidade com os estudos, ao ouvir da professora orientadora do trabalho de conclusão de curso, a leitura de um trecho da obra de Marques (2006), intitulada, Escrever é preciso:

Mochila pronta, verifiquemos: título preciso; lâmpada de pilhas, isto é, daquelas que se recarregam, no caso com teoria e com dicionário; o suporte físico da folha em branco e da caneta, ou do teclado do computador. Tudo pronto, agora é descansar porque amanhã, bem cedo, inicia nossa aventura do escrever, a ventura do aventurar-se em mares nunca dantes navegados: navegar é preciso. **Mergulhar em águas profundas**, acrescenta uma das primeiras leitoras, aluna minha (Marques, 2006, p. 33, grifos do autor).

Movido, portanto, por essas palavras e tendo a certeza de que deveria avançar com os estudos, no ano seguinte à apresentação do trabalho de conclusão de curso, resolvi participar do processo seletivo de Mestrado, do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPR). Como proposição inicial, o esporte, desta vez nos anos iniciais do ensino fundamental, em que se reconhece uma significativa redução do tempo e do espaço da brincadeira na escola deste ensino (Camargo; Garanhani; 2022), contudo, procurei dar enfoque em sua enorme potencialidade para o desenvolvimento do trabalho educativo com o esporte.

Com interesse na linha de pesquisa: Linguagem, Corpo e Estética na Educação/LiCorEs, obtive a aprovação no processo seletivo e pude retomar, portanto, o tema que permanece comigo ao longo da vida pessoal, acadêmica e profissional. O esporte em meu cotidiano, materializado em vivências pessoais. Considerações feitas sobre o processo que me conduziu ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPR), apresento, nesse momento, questões introdutórias que justificam a

escolha por esse tema e os objetivos gerais e específicos presentes nesse trabalho de pesquisa.

Reverdito *et al.* (2008, p. 43), em seus estudos, afirmam que na escola “[...] encontramos, se não a maior, uma das maiores manifestações das práticas esportivas”. Interessante perceber a constante presença do esporte nesse relevante espaço, sendo marcante em atividades nas aulas de educação física, nos horários de entrada e saída das crianças na escola, no recreio, bem como nas aulas de extraclasse. Particularmente, quando criança na escola, foi assim que o conheci, vivenciei e aprimorei saberes pertencentes a ele ao participar de jogos e brincadeiras.

Os gestos e os movimentos do esporte podem ser observados quando as crianças utilizam o seu corpo em suas práticas. Percebo também que algumas delas procuram se vestir com produtos esportivos, como as camisas de times e seleções, os calçados de notórias marcas. As crianças admiram seus ídolos do esporte e demonstram isso quando adotam um visual inspirado em atletas, por exemplo, quando resolvem cortar o cabelo e solicitam para que o corte seja idêntico ao de tal jogador de futebol.

Por assim compreender, como parte do cotidiano infantil, o esporte ao adentrar os espaços da escola possibilita que haja uma conexão com o trabalho educativo. Sanches e Rubio (2011) corroboram com essa afirmação, ao destacarem o potencial educativo do esporte e de seus benefícios para o desenvolvimento físico, social e afetivo dos participantes. Para as autoras, o esporte oferece a possibilidade da competição entre indivíduos e nações **uns contra os outros**, ao mesmo tempo em que **une pessoas** de uma forma muito particular, como poucas outras atividades são capazes de realizar. Reverdito *et al.* (2008) apontam também para essa questão da competitividade, ao considerá-la um dos elementos fundamentais do esporte. Segundo os autores (2008), a competição dá sentido a existência do esporte, pois é nela que sua manifestação se realiza em sua plenitude.

Ao trazer essas considerações iniciais que envolvem a potencialidade de trabalho com o tema, reflito a possível repercussão que o esporte pode representar no cotidiano das pessoas. Destaco assim, os estudos de Marchi Júnior (2006), na medida que o autor traz apontamentos sobre o esporte, ao considerar como um dos fenômenos de maior impacto sociocultural do final do século XX e início do XXI.

Nesse sentido, como alguém impactado pelo esporte desde a infância, compartilho que simultaneamente ao processo de escrita de parte deste trabalho de

pesquisa foi realizada a edição dos Jogos Olímpicos 2024, em Paris, na França. A reverberação de informações sobre o esporte, com a conquista de medalhas, dos recordes, de histórias emocionantes, de improváveis resultados, foi capaz de atrair a minha atenção e de inúmeras pessoas, entre essas, as crianças.

Na escola, local de realização da pesquisa, as crianças demonstravam conhecimentos sobre determinados atletas olímpicos, em especial de modalidades como a ginástica e o skate. Nessas ocasiões, visualizei a imitação de gestos e movimentos pelas crianças na escola, os quais puderam ser vistos por elas na referida edição olímpica. Ao conversar com algumas crianças na escola, manifestaram interesse pela prática das duas modalidades, com pretensão de frequentar locais que oferecessem a prática e o ensino de tais esportes.

Impressionante a relevância de uma edição de Jogos Olímpicos para a presença do esporte nas falas das crianças. Como exemplo disso, pude acompanhar pela televisão², a torcida de um grupo de crianças e adolescentes em Ubaitaba, cidade localizada no sul da Bahia, que assistiam a prova que garantiu medalha de prata ao atleta da canoagem velocidade, o brasileiro Isaquias Queiroz. Por um telão montado no ginásio do Centro Educacional Ubaitabense, o grupo de estudantes visualizava o esforço do conterrâneo para estar presente no pódio olímpico. Há de se ressaltar, que o município no sul da Bahia é também conhecido como a Cidade das Canoas, pois o Centro de Canoagem que formou Isaquias e se tornou um celeiro para canoístas brasileiros, localiza-se na referida região do nordeste brasileiro. Além da conquista do canoísta brasileiro, o meu olhar esteve voltado para a organização dos estudantes daquele município. Aglomerados na quadra da escola, demonstravam admiração, entusiasmo e orgulho pelo desempenho do sportista.

Em outra oportunidade, acompanhei da minha casa a conquista das medalhas pela ginástica artística brasileira nos Jogos Olímpicos 2024. O Brasil conquistou a medalha de bronze na competição por equipe, formada por Flávia Saraiva, Jade Barbosa, Júlia Soares, Lorrane Oliveira e Rebeca Andrade. Em provas individuais, com a ginasta Rebeca Andrade, obtive a medalha de prata em duas oportunidades (geral e salto) e por fim, a tão sonhada medalha de ouro no solo. Tais feitos realizados por Rebeca, fez com que a procura pela prática da ginástica no local em que a atleta

² Reportagem no site de notícias (G1 GLOBO, 2024).

costuma realizar seus treinamentos fosse impulsionada, conforme reportagem³ publicada por um site de notícias.

Sobre essa influência que atletas exercem sobre o público, cito o exemplo de Rayssa Leal, destaque nos Jogos Olímpicos de Tóquio 2020, realizado em 2021, por motivos pandêmicos, ao conquistar sua primeira medalha olímpica aos 13 anos de idade naquela ocasião. O resultado de Rayssa na edição de Tóquio, incentivou inúmeras pessoas para a prática do *skate*, com destaque para as crianças, admiradoras de suas manobras. Recentemente, a skatista brasileira, agora com 16 anos, conquistou a medalha de bronze no *skate street* dos Jogos Olímpicos de Paris. Novamente, as crianças demonstraram-se entusiasmadas com a prática do *skate* e comentaram a conquista da atleta brasileira na escola. Diante da visibilidade, Rayssa foi procurada pelo Comitê Olímpico Internacional (COI), para colaborar com a conscientização sobre a importância de proteger a natureza⁴, uma maneira de influenciar positivamente o comportamento das pessoas com a questão do meio ambiente. Esses são alguns dos exemplos capazes de ilustrar a maneira como o esporte pode estar presente na vida das pessoas, em especial das crianças, que o assistem, admiram e demonstram apreço por suas práticas.

A partir desse contexto e demais informações ora mencionadas, sintetizo a problematização do presente trabalho com a seguinte questão: como as crianças, vinculadas aos anos iniciais do ensino fundamental, compreendem o esporte em jogos e brincadeiras com o corpo em movimento?

Com a apresentação de argumentações sob a ótica de um adulto, professor de educação física, que na infância buscou experienciar práticas de esporte, aceno para o interesse em conhecer a compreensão da criança sobre o tema.

Ao longo desse exercício investigativo, menciono momentos vividos em minha infância durante a escrita dos capítulos. A meu ver, entendo ser essa uma forma de compartilhar experiências que me conduziram a escolher o caminho do estudo sobre o esporte. Destaco nesse caso, as atitudes investigativas que envolvem o processo de pesquisa, as quais Garanhani (2008) compreende:

[...] como comportamentos que nos mobilizam a vontade de sempre conhecer e analisar, a um desejo constante de questionar, a uma disposição pessoal para elaborar e re-elaborar, a ousadia de experimentar, a coragem

³ Reportagem publicada pelo site uol.com.br (UOL, 2024).

⁴ Reportagem publicada no site Olympics (OLYMPICS, 2024).

de inventar e a disponibilidade em socializar os não saberes e as sínteses construídas” (Garanhani, 2008, p. 205).

Nesse sentido, esse estudo tem por objetivo geral, analisar como as crianças, vinculadas aos anos iniciais do ensino fundamental, compreendem o esporte em jogos e brincadeiras com o corpo em movimento. E como objetivos específicos: registrar os relatos das crianças sobre o esporte, a partir de movimentos corporais em jogos e brincadeiras e descrever a utilização de movimentos com o corpo para demonstração dos conhecimentos das crianças sobre o esporte.

Como justificativa para a realização dessa pesquisa, apresento os aspectos vinculados, a partir de três níveis de envolvimento, a saber: pessoal, acadêmico e social. Em relação ao primeiro, meu apreço pelo esporte desde a infância, ao participar de práticas no ambiente escolar, bem como em outros espaços, momentos esses que reverberam até os dias atuais em minha memória. De forma acadêmica, atribuo a possibilidade de construir conhecimentos com/sobre o esporte e suas práticas, no sentido de contribuir com suas discussões e o trabalho docente, questionamentos que fomentem tal discussão com a elaboração de outros estudos. Acrescento ainda, que do ponto de vista social, esse trabalho, ao trazer o esporte e a sua presença na escola, pode desenvolver o exercício reflexivo sobre como as crianças o compreendem, bem como conhecer suas experiências anteriores e atuais, gestos e movimentos utilizados por elas em jogos e brincadeiras com o esporte. Por fim, possibilitar que gestores e professores, especialmente da área de educação física, entre outros profissionais que atuam nesse contexto, tenham interesse em propor intervenções pedagógicas voltadas para o trabalho educativo com o esporte.

A seguir apresento a estruturação do presente trabalho em relação à organização dos conteúdos em cada capítulo. Após esta seção introdutória, prossigo com a proposição de apontamentos sobre o corpo, gestos e movimentos no esporte como forma de linguagem apresentada pela criança.

No capítulo 3, apresento considerações sobre o esporte e sua presença na escola, ao destacar a utilização de jogos e brincadeiras como forma de apresentá-lo às crianças. No capítulo 4, demonstro a escolha pelos procedimentos metodológicos adotados para o estudo, com referências sobre a pesquisa etnográfica, de cunho qualitativo e o uso da técnica de observação-participante.

No capítulo 5, procuro revelar as anotações sobre o diário de campo, o detalhamento de informações com elementos fundamentais para a realização da

análise dos dados e, por fim, no último capítulo, possibilito discussões com aportes teóricos sobre o tema e apresento considerações finais sobre o estudo.

2 OLHA O QUE EU SEI FAZER! GESTOS E MOVIMENTOS COM O ESPORTE NA INFÂNCIA

Nesse capítulo, recordo os jogos e as brincadeiras na infância; a incessante busca e conquista da quadra no recreio; as aulas extracurriculares que participei; a chegada antecipada à escola e a saída tardia para jogar futebol com as pinhas que caíam dos enormes pinheiros, localizados no pátio da escola, uma espontânea brincadeira de criança, sem a definida função pedagógica, como afirmam Sayão (2002) e Buss-Simão (2019).

Outras reminiscências da infância: assistir esporte na televisão, ouvir no rádio narrações de partidas de futebol, escutar o grito da torcida, as entrevistas na beira do campo, colecionar álbuns e figurinhas, adquirir materiais esportivos, utilizar vestimentas marcantes da década de 1980 e 1990, narrar brincadeiras inspirado em ícones das transmissões esportivas no Brasil, guardar pôsteres, recortes de jornais impressos, ingressos de jogos e autógrafos. Ao reler Kramer (2007), encontrei uma passagem em seu texto bem interessante em que a autora apresenta considerações sobre essa criança que coleciona, na procura por dar sentido ao mundo e produzir história:

como um colecionador, a criança caça, procura. As crianças, em sua tentativa de descobrir e conhecer o mundo, atuam sobre os objetos e os libertam de sua obrigação de ser úteis. Na ação infantil, vai se expressando, assim, uma experiência cultural na qual elas atribuem significados diversos às coisas, fatos e artefatos. Como um colecionador, a criança busca, perde e encontra, separa os objetos de seus contextos, vai juntando figurinhas, chapinhas, ponteiras, pedaços de lápis, borrachas antigas, pedaços de brinquedos, lembranças, presentes, fotografias (Kramer, 2007, p. 16).

Sobre a memória televisiva que tenho com o esporte, pelo que me recordo, se inicia com a Copa do Mundo de Futebol, no ano de 1986, no México. Telespectador assíduo dos noticiários esportivos, tinha gosto por narrar as diversas brincadeiras que participava, inspirado em Galvão Bueno, Luciano do Valle, Osmar Santos e Silvio Luiz, ícones da narração esportiva no Brasil.

Ainda na infância, buscava realizar movimentos com o corpo no esporte, ousava tentar a bicicleta no futebol, arremate característico, consagrado por Leônidas da Silva. Alugava na antiga locadora perto da minha casa, os filmes de Pelé. Curioso, investigador e analista mirim. No rádio ou na televisão, consumi o futebol também com as idas ao estádio.

Nas aulas de educação física na escola, arriscava o saque “jornada nas estrelas”⁵ no voleibol, inspirado no jogador Bernard Rajzman, nos anos 1980. Eu adorava ver a viagem inesperada da bola e definir sua trajetória exigia um movimento específico com o braço para atingi-la. Com esse movimento realizado, assumia o risco no saque, de não converter o ponto e de perder a bola para fora dos muros da escola.

No basquete, tinha em mente criar uma fantástica jogada e encerrá-la com a enterrada⁶ na cesta, como se fosse o astro americano, Michael Jordan. Adoraria desenvolver a precisão no arremesso, como se fosse possível ter a “mão santa” do ídolo do basquete brasileiro, Oscar Schmidt, durante as brincadeiras.

Confesso ainda, que tentei permanecer acordado para assistir às lutas de boxe televisionadas de madrugada. No dia seguinte, buscava simular golpes do pugilista brasileiro Adilson Rodrigues (Maguila), do mexicano Julio César Chávez e dos norte-americanos Evander Holyfield, George Foreman, Mike Tyson, Sugar Ray Leonard. Busquei frequentar academias de luta, porém não permaneci por muito tempo, devido às questões de saúde. As atividades eram desenvolvidas na sala de lutas, em que o piso era de cimento. Úmido. Sempre com os pés descalços, conforme orientação do professor, adoecia.

Por fim, acompanhava com o meu avô pela televisão, geralmente aos domingos, as corridas de Fórmula 1 e ouvíamos muitas vezes a memorável melodia do “tema da vitória”, canção de Eduardo Souto Neto. Tamanha admiração da coragem e o foco na condução do carro de Ayrton Senna.

Compartilho assim, o pensamento de Kramer (2007), ao lembrar desses momentos marcantes com o esporte na minha vida, pois como afirma a autora:

a maioria de nós – adultos que estamos lendo este texto – tem também caixas e gavetas em que verdadeiras coleções vão sendo formadas dia a dia, como partes de uma trajetória. A história de cada um e cada uma de nós vai sendo reunida, e só pode ser contada por nós. Nós conhecemos os significados de cada uma dessas coisas que evocam situações vividas, conquistas ou perdas, pessoas, lugares, tempos esquecidos (Kramer, 2007, p. 16).

Ao escrever e reler nesta pesquisa minhas memórias, concordo com Le Breton (2007, p. 7), ao compreender que “antes de qualquer coisa, a existência é

⁵ Tipo de saque em que o atleta golpeia a bola para cima (OLYMPICS, 2024).

⁶ Arremesso realizado com um grande impulso próximo a tabela, em que a bola é direcionada para cima do aro, sendo colocada para dentro da cesta (DICIONÁRIO OLÍMPICO, 2024).

corporal”. Sim, inúmeras lembranças que tenho com o esporte foram desenvolvidas em vivências com o corpo, as quais carrego comigo. Permito-me nesse caso, recordar uma passagem do estudo de Le Breton (2020) em que o autor afirma:

Os gestos que alimentam o relacionamento com o mundo e colore a presença não se enquadram em uma fisiologia pura e simples, nem numa única psicologia, ambas se emaranham numa simbólica corporal que lhes dá sentido, alimentam-se da cultura afetiva que o sujeito vive à sua maneira (Le Breton, 2020, p17-18).

Quando proponho considerar o corpo em práticas no esporte, procuro enaltecer a relevância que os gestos e os movimentos demonstram, como forma de expressar “[...] conhecimentos sobre si, sobre o outro, sobre o universo social e cultural” (Buss-Simão, p. 69, 2019).

Assim, com o corpo em movimento no esporte presente no meu pensamento, durante a escrita desse texto, deixo-me guiar por sons que insistem em permanecer na minha memória: da batida da bola, do rangido dos tênis na quadra, das vozes que comunicam as ações do jogo. Ouso até mesmo acreditar que músicas me fazem lembrá-lo.

Ao ouvir *Chariots of fire*⁷, composta por *Vangelis*, retomo as brincadeiras de criança com a corrida, em busca do primeiro lugar na linha de chegada. Posso dizer que a melodia da música era cantada por todos aqueles que participavam da brincadeira. Era extremamente divertido, simular uma disputa de corrida acirrada, com movimentos realizados em câmera lenta⁸ ou *slow motion* (termo em inglês) para dar contornos de dramaticidade à brincadeira.

Outra experiência prática com o esporte acompanhada por música acontecia ao ouvir o som da introdução de *Eye of the tiger*⁹, da banda *Survivor*. Imediatamente, me preparava para imitar os movimentos e os golpes em uma suposta luta (esportes de combate), muito inspirado no personagem do ator americano Sylvester Stallone, o boxeador Rocky Balboa. Estava a brincar com a luta, conforme minha imaginação, no sentido como aponta Borba (2007), ao considerar que:

Quando as crianças brincam de luta, é preciso que elas saibam que aqueles gestos e movimentos corporais **fingem** uma luta, não causando machucados

⁷ Faixa instrumental inicialmente com nome de "*Titles*". Trilha sonora do filme "Carruagens de fogo" (tradução para o português) (G1 GLOBO, 2024).

⁸ Efeito especial de cinema, em que os movimentos podem ser vistos em uma duração maior do que o normal, com sensação de que o tempo passa mais devagar.

⁹ Música tema do filme *Rocky III* (1982) (LETRAS, 2024).

uns nos outros. A brincadeira é um espaço de **mentirinha**, no qual os sujeitos têm o controle da situação. Justamente essa atitude não-literal permite que a brincadeira seja desprovida das conseqüências que as mesmas ações teriam na realidade imediata, abrindo janelas para a incoerência, para a ultrapassagem de limites, para as transgressões, para novas experiências (Borba, 2007, p. 37, grifos da autora).

Por fim e não menos importante, em minha memória a música *We are the Champions*, da banda Queen. Essa canção esteve e continua presente em diversas cerimônias de premiações no esporte e, de modo particular, me traz recordações de momentos vitoriosos do time de futebol que participava na escola, nos anos de 1990, nas finais dos jogos escolares. É possível dizer que o refrão que embalava a nossa conquista, era cantado por todos que ali estavam.

Julgo ser essas reações do meu corpo às diferentes músicas (Sayão, 2002) e aos sons que me remetem ao esporte, em condições de sentir por meio de estruturação biológica (Garanhani; Paula, 2020). Assim, ao recordar tais momentos, que envolvem sensações, sentimentos e emoções, compartilho o estudo de Le Breton (2020), em que o autor afirma que:

as percepções sensoriais, os sentimentos e a expressão das emoções parecem ser a emanção da intimidade mais secreta do sujeito, mas não deixam de ser social e culturalmente moldados, mesmo que reflitam uma apropriação pessoal (Le Breton, 2020, p. 17).

Com a leitura desse trecho da obra de Le Breton (2020), em que o autor destaca aspectos sociais e culturais, em relação com o que é possível sentir e expressar e, de lembrar músicas que estiveram presentes em diferentes momentos com o esporte na infância, direciono o pensamento durante a escrita desse capítulo novamente aos Jogos Olímpicos de Paris (2024). De uma maneira mais precisa, para o episódio dessa edição, sobre a disputa pela medalha de ouro no vôlei de praia feminino. Para isso, realizo uma breve apresentação: a dupla de vôlei de praia brasileira, formada por Ana Patrícia Ramos e Eduarda “Duda” Lisboa, enfrentavam a dupla canadense, Melissa Humana-Paredes e Brandie Wilkerson, na grande final olímpica da modalidade. Após uma decisiva jogada, ocorreu um desentendimento entre as atletas Ana Patrícia e Wilkerson, com a troca de provocações frente a frente. Entre elas, apenas a rede de vôlei.

No entanto, destaco o atual formato da competição, em que é possível acompanhar uma partida de vôlei com trilha sonora executada por um DJ (Disc Jockey), profissional responsável pelas músicas do evento. Diante daquele momento

de tensão, de uma final olímpica, do entrave entre as atletas, o DJ optou por tocar a música “Imagine”, de John Lennon, como forma de acalmar os ânimos.

A referida música, naquele instante, tratava-se de uma tentativa para amenizar o clima tenso entre as jogadoras. O jogo foi reiniciado e, as brasileiras com um ótimo aproveitamento, conquistaram a medalha de ouro nessa ocasião. Com o encerramento da partida, as atletas concederam entrevistas e ao serem perguntadas sobre o episódio que envolveu Ana Patrícia e Wilkerson, comentaram a situação de uma forma bem-humorada, sendo cordiais.

Percebo nesse caso, a música em uma situação com o esporte e o corpo capaz de sentir e reagir a ela. Naquele momento, foi possível notar as emoções expressas por um corpo, influenciado pelo meio, um ambiente de competição esportiva, de extrema dedicação, da busca por objetivos, de competitividade, de emoções na vitória e/ou na derrota. Uma canção é executada durante aquele momento da partida. Nela, uma mensagem de paz. Algo inusitado a meu ver, digno de ser compartilhado. Levarei comigo esse momento.

Imagino inúmeras crianças assistindo aos eventos esportivos, capazes de reproduzirem comportamentos de atletas. Exemplos como esse, são passíveis de discussões em diferentes lugares, inclusive na escola, um local onde costumam realizar práticas de movimento com o esporte.

No que compreende a criança e o esporte, o repertório gestual e de movimentos, bem como sensações e percepções, podem ser traduzidas, com base nos apontamentos de Garanhani e Paula (2020), na particular maneira de compreender e expressar o mundo, ao transformar em símbolo aquilo que experimenta corporalmente, os significados do corpo infantil (Garanhani; Moro, 2000).

O corpo que ousa experimentar gestos, movimentos e sensações oferece uma valiosa oportunidade, nesse caso, à criança “[...] para conhecer o mundo e a si mesmo, sua capacidade e força” (Agostinho, 2018, p. 356). Avalio dessa forma, a potencialidade pedagógica do esporte, ao possibilitar em suas práticas, o acesso a esse conhecimento para a criança. Ao menos era assim que eu me sentia, enquanto jogava e brincava na infância com o esporte.

O esporte pode ser considerado um fenômeno observável no cotidiano infantil, presente no vocabulário, nos gestos e nos movimentos corporais da criança, uma vez que desde o nascimento, se demonstra diante de um mundo de objetos próprios (Carneiro; Dodge, 2007). Conhecer, experimentar e interagir com o esporte pode

significar o contato com o mundo simbólico da cultura, na apropriação de conhecimentos, a partir das interações com pessoas e com o meio cultural que se faz parte. Ao compreendê-lo dessa maneira, o corpo em movimento tem enorme relevância, por se apresentar dotado de expressão e comunicação, como forma de linguagem a ser utilizada pela criança (Garanhani; Paula, 2020), fundamental para a manifestação e a ampliação de conhecimentos presentes em suas práticas, entre outras possibilidades que lhe possam ser conferidas.

Ao considerar que gestos e movimentos podem ser uma forma de linguagem da criança, realizo o seguinte exercício: imagino um grupo de crianças de diferentes nacionalidades reunidas em um espaço para jogar futebol. Inicialmente, seriam necessários alguns combinados para a organização do jogo, como por exemplo a divisão de equipes, definir previamente posições, momentos em que a linguagem oral seria importante. No entanto, a realização do jogo tornar-se-ia possível, pois os gestos e os movimentos do futebol me parecem próprios, conhecidos em diferentes lugares do mundo pela maioria de seus praticantes, ao optarem pela realização de um passe, a execução de um lançamento para a construção de uma jogada, ao arriscarem interceptar certas ações ofensivas do adversário e procurar realizar o chute no gol a seu favor.

Apesar da linguagem oral ter a sua relevância para a comunicação dos jogadores, o corpo por meio de gestos e movimentos poderia ser utilizado para demonstrar as intenções dos jogadores durante suas ações defensivas e ofensivas em uma prática desse esporte. Assim como no futebol, isso seria possível em outras modalidades esportivas, as quais apresentam elementos, símbolos e códigos que permitiriam serem reconhecidas por seus praticantes.

A criança desde pequena tem a oportunidade de conhecer elementos que estão presentes no esporte. Embora essa pesquisa procure conhecer a compreensão da criança sobre o esporte na escola de ensino fundamental, considero indispensável a contribuição de autores que se dedicaram à construção de conhecimentos sobre a criança na educação infantil. Ao acessar aportes teóricos dessa etapa inicial da educação da criança, almejo desenvolver e aprimorar a leitura das linguagens infantis, na busca pela compreensão de sentidos e significados (Sayão, 2002).

Para dimensionar a educação infantil e sua relevância para a criança, me inspiro nas palavras de Sayão (2002), ao dizer que,

na pedagogia da educação infantil, as crianças e as interações que estabelecem entre si e com os adultos são o ponto de partida para a construção e reconstrução de uma cultura que está viva, é dinâmica, na qual o **corpo e o movimento**, seus sentidos e significados são vistos e vividos como características especificamente humana (Sayão, 2002, p. 65, grifos da autora).

Nos escritos desse trabalho, citei por diversas vezes a palavra infância. Ao recorrer ao uso desse vocábulo, revisito os estudos de Qvortrup (2010, p. 638), para dizer que, segundo o autor, “[...] não seria possível imaginar existirmos sem a infância [...]”. Considero primoroso, que as crianças possam experimentar momentos com o esporte na infância, uma que vez que assim o conheci, joguei e brinquei. Convido, portanto, as novas gerações que estão por vir, a participarem de vivências com o corpo em movimento no esporte em suas brincadeiras de infância.

Aceno com esse convite à criança, uma vez que ao crescer e assim, estiver de vez na fase adulta, “[...] a sua infância terá chegado ao fim, mas enquanto categoria a infância não desaparece, ao contrário, continua a existir para receber novas gerações de crianças” (Qvortrup, 2010, p. 673). Assim, na figura de ocupante temporário da infância, em meados dos anos de 1980 e 1990, não me custa avisá-las.

Para Kramer (2007) a infância é vista como uma categoria da história, na medida em que as:

crianças são cidadãos, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas. Esse modo de ver as crianças favorece entendê-las e também ver o mundo a partir do seu ponto de vista. A infância, mais que estágio, é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância. As crianças brincam, isso é o que as caracteriza (Kramer, 2007, p. 15).

Sobre contar histórias e ter infância, compartilho ao longo desse trabalho de pesquisa algumas das minhas vivências que são capazes de demonstrar como o esporte esteve presente nesses momentos. Nesse sentido, relembro a criança que fui, enquanto “[...] única, singular e individual, que se constitui no coletivo, marcado pelas estruturas sociais e pela cultura” (Garanhani; Paula; Camargo, 2024, p. 6), que continua a inspirar o professor-pesquisador. Quando criança conheci o esporte, ao assistir televisão, acessar escritos e imagens dos jornais, revistas, álbuns e figurinhas e, por intermédio do corpo, explorei gestos e movimentos do esporte em jogos e brincadeiras.

Apresentar o esporte à criança, penso que essa possa ser uma oportunidade concedida a ela, para (re)construção de conhecimentos, ao considerar a notoriedade desse fenômeno e a forma com que geralmente lida com o que lhe é apresentado. Nesse sentido, as palavras de Sarmiento (2004), podem oferecer suporte a essa questão, pois o autor considera que “as crianças, todas as crianças, transportam o peso da sociedade que os adultos lhes legam, mas fazem-no com a leveza da renovação e o sentido de que tudo é de novo possível” (Sarmiento, 2004, p. 10).

Ao propor conhecer a compreensão da criança sobre o esporte, reconheço que o processo para o alcance dos objetivos da pesquisa está pautado em uma ação que considero educativa. Nesse caso, apresento o estudo de Kramer (2007), em que a autora afirma que:

conhecer a infância e as crianças favorece que o humano continue sendo sujeito crítico da história que ele produz (e que o produz). Sendo humano, esse processo é marcado por contradições: podemos aprender com as crianças a crítica, a brincadeira, a virar as coisas do mundo pelo avesso. Ao mesmo tempo, precisamos considerar o contexto, as condições concretas em que as crianças estão inseridas e onde se dão suas práticas e interações. Precisamos considerar os valores e princípios éticos que queremos transmitir na ação educativa (Kramer, 2007, p. 17).

Tendo como base as palavras de Kramer (2007), as experiências com as brincadeiras com o esporte que fizeram parte da minha infância e as vivências educativas, como professor de educação física de criança, considero ser fundamental estar atento a essas questões.

Ao reconhecer o aprendizado com as crianças, procuro refletir sobre suas vivências, na medida que compreendo que questões contemporâneas podem estar relacionadas com o brincar. Borba (2007) destaca em seu texto essa situação:

de que as crianças brincam hoje? Como e com quem brincam? De que forma o mundo contemporâneo, marcado pela falta de espaço nas grandes cidades, pela pressa, pela influência da mídia, pelo consumismo e pela violência, se reflete nas brincadeiras? As brincadeiras de outros tempos estão presentes nas vidas das crianças hoje? Diferentes espaços geográficos e culturais implicam diferentes formas de brincar? Qual é o significado do brincar na vida e na constituição das subjetividades e identidades das crianças? Por que à medida que avançam os segmentos escolares se reduzem os espaços e tempos do brincar e as crianças vão deixando de ser crianças para serem alunos? (Borba, 2007, p. 33).

Sem dúvida, a questão do brincar me parece oportuna para essa pesquisa, na medida que busco conhecer a compreensão da criança sobre o esporte. Nesse

caso, é bem possível que algumas crianças em suas brincadeiras possam estabelecer as primeiras aproximações com o esporte e suas práticas.

Para Nascimento (2007, p. 30), “[...] a brincadeira se torna essencial, pois nela estão presentes as múltiplas formas de ver e interpretar o mundo”. Com essa curiosidade, as interpretações das crianças do mundo, apresento no próximo capítulo considerações complementares que envolvem o jogar e o brincar da criança com o esporte na escola.

Na busca pelo conhecimento do esporte, persisto a contar e a escrever histórias. Ao considerar e apresentar as vivências da infância, retorno com os estudos de Le Breton (2020, p. 18), em que o autor afirma que “a criança tem de aprender o mundo para o desfrutar”. É dessa maneira, ao colher os frutos do aprendizado que obtive com o esporte e, com a mochila pronta, tendo como destino novas aventuras, procuro desvendar caminhos e permanecer na busca pela construção de conhecimentos que possibilitam o corpo realizar gestos e movimento no esporte.

Para encerrar esse capítulo e não essa discussão, remeto a uma passagem da obra de Sabino (2020), a qual me possibilita recordar momentos com o corpo, gestos e movimentos na infância, quando eu buscava participar dos jogos de futebol. Compartilho o trecho a seguir do livro *O menino no espelho* (2020), em que o autor conta um episódio de infância com o futebol. De forma inesperada, Fernando, personagem da obra (o autor quando menino) é chamado às pressas para integrar o time de futebol, em uma partida decisiva:

Depois de dominá-la em uma manobra que arrancou aplausos da torcida, e tendo Jacy na cobertura, driblei Nariz, deixando-o estatelado de surpresa, e tablei com meu companheiro. Este passou a Jorivê, enquanto eu me deslocava para recebê-la de volta. Então disparei num pique, sob o delírio da assistência, e lá fui eu com minhas perninhas curtas no meio daqueles cavalões, driblei um, outro, deixei para trás a defesa adversária. E me vi frente a frente com o goleiro. Kafunga abria os braços gigantescos, achei que queria me pegar e não à bola. Fiz que chutava, como se fosse encobri-lo, ele pulou. Então passei com bola e tudo por entre as pernas dele e marquei o gol da vitória (Sabino, 2020, p. 133).

No trecho apresentado, o autor descreve de forma detalhada sua participação em um jogo de futebol, Fernando é responsável por marcar o gol, que confere a vitória a seu time. Em sua escrita, é possível perceber a descrição de algumas de suas habilidades futebolísticas, a forma de pensar a jogada e de realizar ações.

A forma como o autor narra o episódio surpreende o leitor, haja vista que em outros momentos do livro, são apresentadas as dificuldades enfrentadas por Fernando para jogar bem futebol, ao não ser imediatamente escolhido por seus colegas nas brincadeiras com tal esporte. O menino na história resolveu treinar e assim superar desafios.

Esse recorte do livro de Fernando Sabino (2020) aqui apresentado não procura enfatizar a surpreendente performance daquele menino, em uma história vivida e narrada por ele, mas sim demonstrar como suas memórias com o corpo em movimento na infância são capazes de perdurar e serem contadas em um livro.

Por assim compreender a relevância de momentos como esses, de gestos e movimentos durante a infância, emprego esforços para contribuir com novas narrativas, na convivência com crianças, em atividades desenvolvidas na escola com o esporte durante essa referida fase de suas vidas.

No próximo capítulo, apresento estudos que, a meu ver, demonstram-se fundamentais para o conhecimento desse trabalho de pesquisa, ao considerar o esporte presente na escola, no trabalho educativo de uma instituição de ensino, com proposições e intervenções pedagógicas.

3 O QUE A GENTE VAI JOGAR? O ESPORTE NA ESCOLA E UMA REVISÃO DE ESTUDOS

Para construir as primeiras linhas desse capítulo, considero fundamental apresentar o entendimento de esporte que procuro empregar nesse trabalho de pesquisa. Para que isso fosse devidamente possível, recorri à algumas de minhas leituras realizadas desde os tempos da graduação na Universidade e às bibliografias indicadas em cada um desses textos, os que tinham como pretensão a abordagem sobre o esporte.

Para que tal atribuição fosse cumprida, resgato em minha memória um texto de Barbanti (2012), em que ao escrever sobre o tema, o autor discorre que:

quando amigos discutem o resultado de uma partida de futebol ou alguém lê a seção de esportes de algum jornal, ou ainda quando um hotel anuncia que oferece esportes aos hóspedes, ninguém fica confuso sobre o significado do termo. Contudo, para entender o esporte do ponto de vista acadêmico, é necessário desenvolver algo mais do que uma simples definição do termo (Barbanti, 2012, p. 54).

Ao concordar nesse quesito com o pensamento de Barbanti (2012), manifesto que durante esse período de pesquisa percebi o esporte facilmente pronunciado pelas pessoas, seja por quem o pratica, quem procura consumir produtos esportivos, quem o conhece por meio das transmissões televisivas, séries e filmes, entre outras possibilidades. No entanto, para que o tema pudesse ser devidamente apresentado nesse estudo, é no mínimo, condizente que exista uma preocupação acadêmica em procurar defini-lo. De imediato, opto então por iniciar pela apresentação do termo esporte.

No sentido etimológico, Marchi Júnior (2015) afirma que o termo, inicialmente conhecido por *deport* surge na França e, ao longo do tempo, o vocábulo passa a ser incorporado pelos ingleses que o denominam *sport*. Ao ser traduzido para a língua portuguesa, temos a palavra **esporte**. Nas palavras do autor (2015):

a palavra desporto tem origem francesa, *deport*, significando prazer, descanso, esparecimento, recreio, sendo que na incorporação do termo os ingleses atribuíram-lhe modificações, acrescentando o sentido de um uso atlético submetido às regras, dando-lhe a definição de *sport*. Posteriormente, o vocábulo inglês foi aportuguesado como esporte, entretanto, os quinhentistas de Portugal faziam uso e empregavam o termo desporto em seus escritos (Marchi Júnior, 2015, p. 47- 48).

A partir dessa exposição que envolve a origem da palavra esporte, a incorporação sofrida pelo termo, considero essencial seguir com alguns apontamentos que envolvem o conceito de esporte para essa pesquisa. Posso dizer que, dentre as inúmeras contribuições teóricas historicamente construídas, no sentido de conceituar o esporte, adoto como referência para a pesquisa os estudos de Marchi Júnior (2015), ao possibilitar um olhar sociológico para o tema, em que o autor o considera:

fenômeno processual físico, social, econômico e cultural, construído dinamicamente e historicamente, presente na maioria dos povos e culturas intercontinentais, independentemente da nacionalidade, língua, cor, credo, posição social, gênero ou idade, e que na contemporaneidade tem se popularizado globalmente e redimensionado seu sentido pelas lógicas contextuais dos processos de mercantilização, profissionalização e espetacularização (Marchi Júnior, 2015, p. 59).

O conceito de esporte acima destacado demonstra a polissemia dimensional do esporte, compreendido assim de maneira ampliada. Considera-se, nesse caso, o esporte diante de múltiplos sentidos, significados, contextos e dimensões, com base nos estudos de Marchi Júnior (2015).

Para dar continuidade sobre o entendimento de esporte, torna-se interessante observar as considerações apontadas por Marchi Júnior (2015) sobre a construção das práticas de esporte. Para o autor, essas foram ressignificadas com o tempo, com processos de expansão e internacionalização. As modalidades esportivas foram sendo multiplicadas, com derivações de práticas consideradas originais. Durante esses processos houve um aumento considerável do número de seus praticantes. Com o passar dos anos as competições foram sendo planejadas e elaboradas, com o interesse e assim a adoção da ideia de espetáculo esportivo. Foram implantadas inovadoras metodologias de treinamento e diferentes formas de avaliação da performance esportiva. Com inúmeras transformações esportivas, a questão econômica esteve em pauta, ao observar, nesse tempo, uma contínua influência no esporte, bem como política também.

Em uma de minhas leituras, me deparei com os estudos de Melo (2010) sobre o esporte. Refleti sobre um trecho desenvolvido pelo autor, o qual demonstra como o tema em questão é capaz de gerar impactos na vida das pessoas:

Uma imagem. Muitas imagens. A todo momento, a todo instante. Em todos os lugares. Quase uma onipresença. Quase um fenômeno total: é praticamente impossível encontrar algum lugar nesse planeta em que o esporte não esteja presente no cotidiano de milhões de pessoas. Atletas em

publicidades e desfiles de modas; fotos nos jornais e nas revistas; matérias na televisão e no rádio; inspiração para o **design** de produtos; jogos nos videogames e computadores; milhares de **sites**, **blogs** e **fotologs**. Se uma imagem vale mais do que mil palavras, como diz a máxima moderna, sobre o esporte temos então certamente milhões de informações (Melo, 2010, p. 112, grifos do autor).

Ao apresentar e ler novamente esse trecho escrito por Melo (2010), me sinto impactado pelo esporte, pois sou capaz de lembrar alguns dos meus hábitos e de alguns pedidos solicitados aos meus familiares, quando criança. Como exemplo disso, nas datas comemorativas, adorava ganhar presentes: materiais e equipamentos para a prática esportiva. A mais nova camisa oficial do time de coração. Com o corpo em movimento, inspirava-me em uma rotina de treinamento de atletas profissionais, quando resolvia participar de competições/eventos esportivos escolares como atleta de futsal. Nos momentos de descanso, estabelecia uma espécie de compromisso diário para acompanhar os noticiários esportivos e as transmissões televisivas com o esporte.

Macagnan e Betti (2014) afirmam que a mídia exerce influência na formação de crianças e jovens. Segundo os autores:

As mídias têm participação fundamental no contexto escolar, por disseminarem valores e sentidos com referência ao esporte, influenciando o entendimento que temos do que é esporte e do que é ser esportista. Particularmente, a “fabricação” dos ídolos esportivos por parte das mídias é um dado importante a ser considerado quando pensamos na formação das crianças e jovens, pois os discursos das mídias põem em destaque qualidades e atributos distintos desses sujeitos, que os configuram como especiais, e que se tornam referências de comportamento. Tal processo de fabricação ocorre em todas as instâncias das mídias (Macagnan; Betti, 2014, p. 316).

Com tal disseminação de valores e sentidos, a criança tem o esporte como uma de suas referências. Marchi Júnior (2015) também aponta para essa discussão ao afirmar o interesse de estudantes sobre o esporte. De acordo com o autor:

[...] quantas vezes nossos alunos inseridos no sistema formal de ensino, especificamente nas aulas de Educação Física, independentemente da faixa etária, não manifestam o claro e evidente interesse em determinadas práticas esportivas a partir de seus ídolos ou destaques do alto rendimento? Quantas vezes nos finais de semana, em clubes socioesportivos, seus frequentadores não se organizam para disputar torneios específicos de modalidades esportivas aferindo, mediante um regulamento **oficial** e todo seu conjunto de normas e procedimentos, a melhor equipe, o melhor **atleta**, assim por diante, e suas respectivas premiações? Quantas vezes não presenciamos ou ouvimos discursos midiáticos de atletas profissionais declarando seu esforço, empenho, dedicação e superação para atingir determinados resultados e

conquistas a partir de um **quadro virtuoso**, quase um enredo novelístico, indispensável para se atingir essas vitórias? (Marchi Júnior, 2015, p. 57-58, grifos do autor).

Por inúmeras vezes, acordei para ir à escola com tamanha apreensão tendo em vista colocar em prática nas aulas de educação física, nos horários de recreio e nas aulas extracurriculares, as novas jogadas que havia aprendido. Isso ao assistir televisão, simples assim. Nesse sentido, percebo que, quando criança, busquei encontrar uma maneira particular de lidar com o esporte, muito em razão das minhas experiências com ele.

Por identificar situações na escola que se assemelham a esse comportamento por mim apresentado durante a infância, de conhecimentos e aprendizados com o esporte, penso em seus impactos no cotidiano infantil.

Assim, ao apresentar o esporte na escola trago alguns apontamentos que julgo ser importantes para essa discussão. Referência para o campo da produção de conhecimento da Educação Física, o Coletivo de autores, denominação atribuída às quatro autoras e aos dois autores que refletem temas presentes na área, discute o esporte vinculado à perspectiva sociocultural. Para tais autores, o esporte deve ser compreendido como “[...] prática social que institucionaliza temas lúdicos da cultura corporal, se projeta numa dimensão complexa de fenômeno que envolve códigos, sentidos e significados da sociedade que o cria e o pratica” (Vários autores, 2012, p. 69-70).

A partir da compreensão desses autores sobre o esporte, destaco que, em meados dos anos de 1980 e 1990, houve uma ampla discussão sobre ele, com a participação de teóricos da Educação Física escolar. Sobre tal afirmação, apresento a seguir um trecho escrito por Vago (2009), em que o autor discute a predominância do esporte sobre outros conteúdos na escola:

A predominante (muitas vezes exclusiva) presença do esporte nos programas escolares de Educação Física produz um efeito perverso na formação cultural dos estudantes: um analfabetismo em outras práticas corporais da cultura, como os jogos populares (um riquíssimo patrimônio imaterial da cultura), as danças (cuja ausência dos programas é um contrassenso, em um país que tanta dança produz), a ginástica (como arte de exercitar o corpo, e não como técnica de dominá-lo e discipliná-lo), a capoeira (e sua presença na história do Brasil), entre outras práticas (Vago, 2009, p. 37).

No trecho em destaque acima, Vago (2009) procura dar ênfase a monocultura do esporte muitas vezes adotada na escola, ao tê-lo prioritariamente presente como

prática nesse espaço. No entanto, para o autor, não se trata de uma negação ao esporte, mas sim de também considerar a presença de outros conteúdos na escola e assim evitar uma possível sobreposição sobre outras práticas.

Vago (2009) apresenta ideias de como a educação física escolar poderia lidar com a questão de o esporte estar presente nas práticas sociais de estudantes. Segundo o autor:

Esse entendimento não deve ser confundido com uma posição de não tratar o esporte na Educação Física, o que seria também um contrassenso, pois não se pode negligenciar e subestimar sua marcante presença e circulação nas práticas sociais. Ademais, conhecer e praticar o esporte e problematizar sua presença na cultura constituem direitos dos estudantes, que devem ser respeitados na Educação Física (Vago, 2009, p. 38).

Aliás, sobre essa questão, recorro um trecho escrito por Vaz (2002), em que o autor ressalta a oportunidade de a criança desenvolver algumas técnicas com o corpo, o que inclui o esporte, pois para o autor:

As aulas de Educação Física – assim como muitas vezes os momentos de recreio – sem dúvida constituem espaços privilegiados para o ensino de uma grande conjunto de técnicas corporais, notadamente os esportes, os jogos, as danças, as ginásticas, as acrobacias, enfim, todos os elementos que se configuram como uma linguagem por meio da expressão corporal, lúdica, estética e agonística da cultura humana (Vaz, 2002, p. 93).

O esporte como expressão corporal, lúdica, estética e agonística, conforme afirma Vaz (2002). As técnicas corporais trazidas pelas crianças quando assistem pela televisão, por aparelhos de celular, computadores. Acompanham familiares e amigos em suas práticas esportivas. Praticam assim o que é visto, ensinado e repassado por seus pares.

Outra importante questão presente nessa discussão sobre o esporte na escola refere-se à sua abordagem pedagógica nesse referido espaço, com destaque para as aulas de educação física. Sobre o trabalho educativo, destaco a produção teórica de Machado *et al.* (2009), em que os autores compreendem que:

[...] uma EF calcada no esporte (ou em qualquer outro elemento da cultura corporal de movimento), sem que este seja tratado pedagogicamente, permanece carente de justificção dentro do ambiente escolar. Não se trata, pois, de negar o esporte como elemento de ensino da EF ou ser contrário ao seu ensino na escola, mas de apontar a necessidade de que este receba um trato pedagógico (Machado *et al.*, 2009, p. 143).

Importante considerar que os autores apontam para a forma como o esporte deve ser tratado na escola, no planejamento e desenvolvimento de atividades nas aulas de educação física. O trabalho pedagógico com o esporte em suas práticas na escola. Contribuições, debates e questionamentos. Dar sentido ao esporte na escola, justificar assim sua presença.

Para o desenvolvimento da proposta, no que diz respeito à apresentação do esporte na escola e assim, conhecer a compreensão da criança sobre ele, demonstro interesse pelas práticas de movimento com jogos e brincadeiras neste ambiente, ao atuarem como ferramentas educacionais, dada a sua capacidade de contribuição para a apresentação do tema à criança, ao oportunizar outras formas de comunicação para além do diálogo, como por exemplo, as descobertas com o corpo em movimento nessas situações, nesse caso, com o esporte.

No entanto, é preciso ressaltar que os termos “jogo” e “brincadeira”, constantemente apresentados no contexto escolar, revelam peculiaridades em suas definições. Para possíveis esclarecimentos sobre essa discussão, utilizo os estudos de Paula e Garanhani (2021), em que as autoras tratam sobre a diferenciação existentes entre os termos, ao considerarem que:

[...] uma brincadeira quando se estrutura se torna um jogo. Porém, o momento em que um jogo se desorganiza para se reestruturar é uma brincadeira. Enfim, teoricamente, são conceitos que devem caminhar juntos. E para a docência com crianças é interessante que sejam esclarecidos (Paula; Garanhani, 2021, p. 1740).

Realizadas as considerações que envolvem a diferenciação entre os termos, apresento a possibilidade de desenvolver o tema com as crianças, ao utilizar o jogo e a brincadeira na escola, a partir de suas contribuições, uma vez que, como dizem as autoras, os termos caminham juntos. De acordo com Paula e Garanhani (2021), o brincar é um verbo de ação da criança, que se materializa em brincadeira ou jogo. Sobre essa questão do brincar, Borba (2007) afirma que:

A experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados, atividades e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros – adultos e crianças. Mas essa experiência não é simplesmente reproduzida, e sim recriada a partir do que a criança traz de

novo, com o seu poder de imaginar, criar, reinventar e produzir cultura (Borba, 2007, p. 33-34).

Sobre o uso da imaginação, a criança é surpreendente, pois demonstra sua capacidade imaginativa enquanto brinca. Oliveira e Souza (2018, p. 10), ressaltam que “[...] brincar e jogar são elementos favoráveis e que demarcam uma série de implicações positivas na vida das crianças”. Com base nos estudos dos autores (2018), tais elementos se oferecem como uma das primeiras formas que a criança estabelece relações sociais com quem está a sua volta e assim, a capacidade de viver em um mundo com possibilidade de conflitos. Nesse sentido, ao experimentar situações que possibilitem a reflexão e o diálogo, nesse caso com o esporte, podem ser vistas como fundamental para o desenvolvimento da criança.

Particularmente, lembro que na infância, na escola de ensino fundamental, ao participar dos jogos escolares e disputar partidas de futsal no evento promovido pelo colégio, convivi com situações que testaram minha paciência, minha capacidade de argumentação, enfim de lidar com minhas emoções e sensações. Uma breve apresentação, portanto, daquele cenário: ânimos alterados, discussões a todo momento, a cobrança excessiva entre os colegas de time, os pais e demais familiares presentes nas arquibancadas. Em meio a cada lance de jogo, o calor da emoção em uma conquista ou de uma decepção. O que surpreendia eram as reações em quadra e posso dizer que me incluo nesse quesito. Para tranquilizar a todos que ali estavam na disputa, uma sequência de cartões era distribuída pelo árbitro e isso refletia como um balde de água fria em tais discussões.

Após os conflitos gerados nas partidas disputadas no colégio, os professores de educação física e da coordenação pedagógica orientavam os envolvidos com relação ao comportamento adotado em quadra. No sentido de acalmar as crianças que ali estavam, ou minimamente buscar uma alternativa para que isso fosse possível, os professores conversavam sobre as atitudes que foram tomadas durante o jogo. As crianças eram acalmadas, sendo eu uma delas, havia o consolo por parte dos outros colegas de turma e de familiares que reconheciam o esforço de cada um participante durante aquela atividade esportiva na escola.

Sobre essas características presentes no jogo, recordo os estudos de Huizinga (2017), em que apresenta as formalidades dessa atividade. Desse modo, o autor afirma que se trata de:

uma atividade livre, conscientemente tomada como **não-séria** e exterior à vida habitual, mas ao mesmo tempo capaz de absorver o jogador de maneira intensa e total. É uma atividade desligada de todo e qualquer interesse material, com a qual não se pode obter lucro, praticada dentro de limites espaciais e temporais próprios, segundo uma certa ordem e certas regras. Promove a formação de grupos sociais com tendências a rodearem-se de segredo e a sublinharem sua diferença em relação ao resto do mundo por meio de disfarces ou outros meios semelhantes (Huizinga, 2017, p. 16, grifo do autor).

Quando penso nessa absorção intensa e total do jogador, apresentada por Huizinga (2017), relembro a forma como eu terminava esgotado mentalmente o jogo e as situações emocionais que me eram oferecidas. Com o passar do tempo, aprendi a lidar com o que sentia, ao menos assim compreendo.

Ressalto que a ocorrência de conflitos no decorrer de uma atividade pedagógica proposta com o esporte na escola, não necessariamente deve ser descartada. Como exemplo, naquela ocasião em que participei do jogo de futsal na escola, desfrutei de situações conflituosas. No entanto, ao experimentar esse tipo de situação, percebi com o passar do tempo que a minha presença em jogos e brincadeiras podem proporcionar novas vivências, que “[...] além de atenuarem esse rígido processo de formação, podem criar ambientes favoráveis para o exercício de gerência desses sentimentos que são instilados pelas nossas sociedades cada vez mais complexas” (Oliveira; Souza, 2018, p.11).

Reconheço nesse caso, a relevância que a utilização de jogos e brincadeiras voltadas para as proposições com o esporte na escola podem oferecer, pois conforme apontam Oliveira e Souza (2018):

existem atividades que são realizadas desde a infância e que permitem externar sentimentos e emoções que foram lançadas em segundo plano nas nossas rotinas de seriedade durante o processo civilizador. Entre essas atividades se encontram as brincadeiras e os jogos que, como vimos, são atividades essenciais para o desenvolvimento da criança, não sendo somente atrelado ao amadurecimento físico e cognitivo, mas também ao estímulo das relações socioculturais. Frente a esse cenário, as brincadeiras, os jogos e esportes funcionam como atividades pedagógicas adequadas que possibilitam negociar, em escala mimética, uma série de tensões do cotidiano. A brincadeira no seu estado mais lúdico contribui para que as crianças estabeleçam uma relação com o mundo concreto, mesmo que no limite da compreensão delas. Os jogos e esportes, por sua vez, permitem, através de ambientes controlados por regras, resolvermos contendas e problemas, além de estimularem a reflexão e o autocontrole. Em suma, o ato de brincar e jogar é um revigorante exercício de convívio social (Oliveira; Souza, 2018, p. 17).

Neste caso, reforço a ideia de utilizar “[...] brincadeira, o jogo e o movimento corporal das crianças para além do aspecto funcional de contribuição para a melhoria das aprendizagens cognitivas ou dos esportes de rendimento” (Sayão, 2002, p. 58), ao dar ênfase também para as vivências com o esporte, no sentido de conhecê-lo e experimentá-lo, na utilização de equipamentos/materiais, do aceite e do usufruir de regras, ao propor interações sociais com outros participantes, como possibilidades de trazer tal discussão para dentro da escola.

Marchi Júnior (2015), em seu modelo de análise do esporte contemporâneo, conhecido como “Modelo Analítico dos 5 E’s”, apresenta cinco dimensões que permitem situar, compreender e discutir o fenômeno esportivo em sua complexidade de relações, a partir da **emoção**, da **estética**, da **ética**, do **espetáculo** e do **educacional**.

A primeira dimensão apresentada ou melhor dizendo, o “primeiro E”, faz referência à emoção. Segundo o autor (2015), existem desafios e riscos controlados, que provocam um intenso nível de excitação e uma sensação de perda de controle (o que na verdade não ocorre), em decorrência de aparatos tecnológicos ou mesmo de quem detém um monopólio de controle das emoções. Como o próprio autor exemplifica em seu estudo, essa questão pode ser observada na participação intensa de um grupo de torcedores em estádios de futebol e a ação deliberada da instituição policial na manutenção da ordem social.

Compreendo que na escola é possível a observação de manifestação de sentimentos e de sensações das crianças ao participarem de atividades com o esporte. Nas aulas de educação física, costumam competir em certas tarefas que são propostas durante os encontros da disciplina. Em outras ocasiões, as crianças costumam torcer por colegas de turma em atividades pedagógicas desenvolvidas com jogos e brincadeiras. Por vezes, preciso orientá-las com relação as provocações e acalmar os ânimos de algumas delas.

A segunda dimensão, o “segundo E”, refere-se à estética. Para o autor (2015) o esporte estabelece relações com a saúde, com o bem-estar, com aspectos biofisiológicos de quem o pratica. Com a presença de estereótipos e de padrões corporais de beleza em uma sociedade de consumo, tem-se a adoção de um estilo de vida, de um habitus social. Nessa dimensão, é possível perceber vidas estetizadas e o compartilhamento de afirmações em diferentes âmbitos: da arte, do mercado, do turismo, do entretenimento, da realização pessoal e da sua qualidade de vida.

Sobre essa segunda dimensão, posso dizer que as crianças desenvolvem uma admiração pelo que os atletas representam em suas vidas, uma vez que comentam conquistas, técnicas por eles utilizadas, a maneira como atingem seus objetivos, os treinos específicos. Na escola observo e ouço as crianças comentando que gostariam de ser jogadores de futebol, ginastas e skatistas, quando adultos. Ao externarem comentários e opiniões, revelam a importância de uma rotina de treinamentos, uma vez que para elas o corpo é algo que deve ser treinado para que tais gestos e movimentos possam ser realizados da melhor forma possível.

A terceira dimensão destaca a ética. Marchi Júnior (2015) ressalta o conjunto de regras, valores e condutas (fair play) existentes no esporte, ao citar o código de honra estabelecido entre participantes, as saudações patrióticas e institucionais, a cordialidade, presente em um comportamento conhecido como ético. No entanto, ao momento em que as performances nos esportes se iniciam, em meio aos resultados e efeitos, toda essa “ética”, tende a ficar apenas nas palavras, segundo o autor, ao considerar como uma situação de retórica.

Para essa dimensão, destaco que as crianças além de observadoras, demonstram curiosidade sobre as regras de jogos e brincadeiras desenvolvidos na escola. Em diversas situações, é necessário dar explicações sobre elas para que as crianças prossigam com as atividades, devido às interpretações das regras e dos combinados. O esporte na escola pode oferecer a possibilidade de ampliar discussões, ao construir coletivamente combinados, ao flexibilizar regras e propor possíveis adequações nas atividades. No entanto, peço perdão pela redundância: mas combinado é combinado.

Como quarta dimensão, ou quarto “E”, o espetáculo. Marchi Júnior (2015) apresenta o esporte e sua capacidade de promover a movimentação no contexto econômico e mercadológico; com ofertas e demandas; em aspectos motivacionais e emocionais; na plasticidade e na viabilidade midiática; na comunicação, na interferência global e na mobilização populacional; um produto globalizado e mercantilizado, como “habitus social de consumo”, destacado pelo autor. Paralelamente a isso, tem-se o aspecto econômico, como uma das principais variáveis no processo de constituição do espetáculo. Para Marchi Júnior (2015) o esporte é compreendido como um dos possíveis elementos potencializadores e estruturantes das relações e interdependências sociais.

As crianças demonstram conhecimentos sobre esporte, muito pelo que assistem e/ou pelo que vivenciam com seus pares. Seus olhares podem estar voltados para as telas e as informações sobre o esporte podem ser recebidas com facilidade. Os anúncios de produtos esportivos vistos, são capazes de despertar a atenção delas. Percebo comentários das crianças quando realizamos uma prática com uma suposta marca de bola. Demonstram conhecimentos sobre empresas fabricantes de materiais esportivos e revelam onde conheceram o produto. Anunciam suas novas chuteiras e seus pares de tênis. Conhecem a marca que vestem.

Por fim, o quinto “E”, chamado de educacional, interconecta os demais com um princípio formativo e correlacional, em processos institucionalizados e informais. Trata-se da ação formativa de reflexividade e criticidade do ser humano nas diversas dimensões sociais do esporte.

Interessante notar que seu caráter formativo dependerá do contexto em que pessoas se encontram inseridas, de suas experiências com o esporte no caso, a ponto de influenciar e/ou pender para uma ou para demais dimensões apresentadas. Ao estar presente na escola, o esporte pode oferecer à criança conhecimentos e assim propor reflexões sobre assuntos que podem estar relacionados com suas práticas.

Como exemplo disso, as crianças têm a oportunidade de desenvolver atividades com o esporte, sanar suas dúvidas sobre modalidades, compartilhar aprendizados e sensações, refletir sobre acontecimentos observados por elas em transmissões esportivas. Comparam performance e resultado. Um tema que carrega uma potencialidade pedagógica e que pode ser amplamente discutido nesse espaço, um ambiente capaz de oferecer condições para ouvir as crianças e dialogar com elas.

A partir dessa perspectiva educacional do esporte, presente no modelo de análise de Marchi Júnior (2015), reflito sobre apresentar o esporte no ambiente escolar, para as crianças dos anos iniciais do ensino fundamental e assim conhecer a compreensão delas sobre ele, tendo como base as minhas observações e interações com elas. No entanto, demonstro apreço e curiosidade sobre trabalhos produzidos tendo em vista a temática de estudo. Esforço-me para identificar e construir um levantamento de pesquisas que manifestam aproximações com a que desenvolvo.

Para que fosse possível tomar conhecimento das produções científicas que envolvem a presente temática de estudo idealizei desenvolver uma busca por duas bases de dados: o Portal de Periódicos da Capes e a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Com o interesse em pesquisas que pudessem

apresentar aproximações com o meu trabalho. Para isso, considerei definir alguns critérios, como a seleção de estudos que apresentassem relações com o esporte na escola, nas aulas de educação física e que, se possível, se interessassem pela compreensão/opinião da criança sobre esse referido tema.

Estando definidas as bases de dados e os critérios estruturantes da busca, em termos metodológicos, optei por trabalhar com a revisão sistemática, que tem como características: especificação do objeto de estudo; critérios de busca especificados e reproduzíveis; analisar a qualidade metodológica dos estudos; nível elevado de evidência científica (Unesp, 2015).

É considerada ainda com uma revisão de avaliação e síntese, pois define estratégias de diagnóstico crítico, exige transparência ao estabelecer critérios de inclusão e exclusão, bem como, foca na integração e agregação dos dados ou na interpretação das evidências, para realizar a sistematização dos resultados (Vosgerau; Romanowski, 2014).

E para orientar a revisão sistemática, utilizei o protocolo *Preferred Reporting Items for Systematic reviews and Meta-Analyses (PRISMA statement)*¹⁰ elaborado em 2009 a partir de uma atualização do protocolo *QUality Of Reporting Of Meta-analyses (QUOROM statement)* desenvolvido em 1996 (Moher; Liberati; Tetzlaff; Altman, 2009, tradução nossa).

Page et al. (2021), destacam que o protocolo PRISMA considera as seguintes diretrizes:

- i) definição dos objetivos com metodologia explícita e reproduzível;
- ii) busca sistemática de evidências seguindo critérios de elegibilidade;
- iii) avaliação da validade dos achados; e
- iv) apresentação e síntese sistemática das características e achados dos estudos incluídos.

A partir de tais diretrizes, foram definidos os critérios para inclusão e exclusão de estudos, que estão descritos no quadro a seguir:

¹⁰ Relatório de itens preferenciais para revisões sistemáticas e meta-análises (declaração PRISMA). Tradução nossa.

QUADRO 1 – CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO
<ol style="list-style-type: none"> 1) Artigos/documentos publicados que apresentam proximidade com o tema pesquisado na dissertação; 2) Artigos/documentos que mencionem, se possível, a compreensão da criança sobre o esporte; 3) Artigos/documentos publicados entre os anos de 2015 e 2025; 4) Artigos/documentos revisados por pares; 5) Texto completo acessível ou disponibilidade de resumo.
CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO
<ol style="list-style-type: none"> 1) Artigos/documentos eliminados após a leitura do <u>título e resumo</u>, por não estarem adequados ao tema de pesquisa; 2) Artigos/documentos publicados antes do período determinado para a busca de estudos nas bases de dados (últimos dez anos); 3) Artigos/documentos que os conceitos de esporte diferem da temática de pesquisa; 4) Artigos/documentos que não podem ser referenciados.

Fonte: o autor (2025).

Ao ter como estratégia de busca, pesquisas que pudessem se assemelhar ao estudo, iniciei o levantamento de documentos publicados pela base de dados do Portal de Periódicos da Capes. Realizei a busca com a utilização dos termos, **educação física escolar, esporte**, conectados, nesta ordem, pelo operador booleano **AND**, formando a seguinte *string*: “educação física escolar AND esporte”. Dessa forma, foram encontrados 788 estudos, sendo 784 artigos.

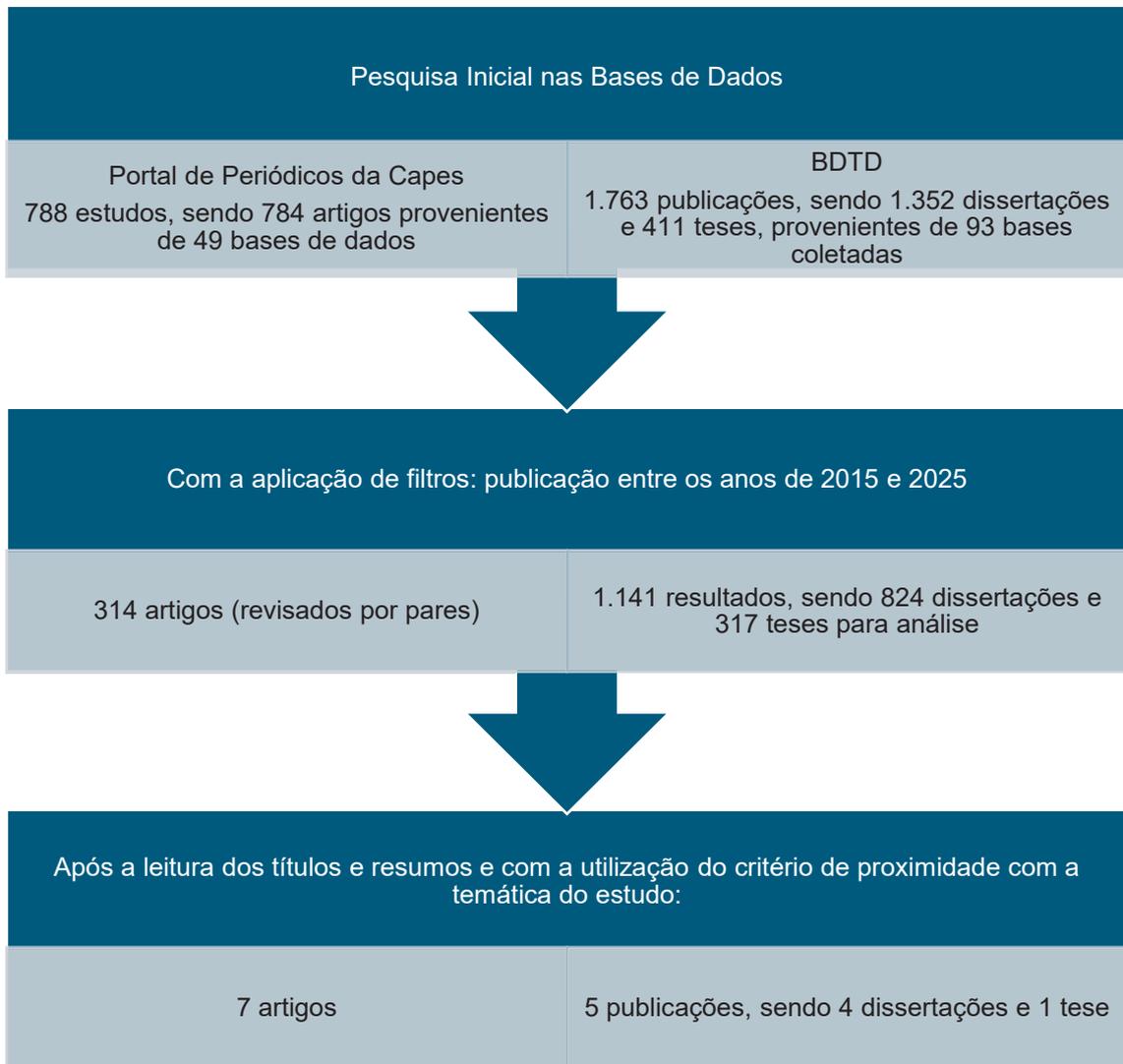
Na sequência apliquei os filtros, “artigos publicados entre os anos de 2015 e 2025” e “artigos revisados por pares”, correspondentes aos critérios de inclusão estabelecidos previamente, implicando em uma redução dos resultados, de forma a restar um total de 314 artigos para análise.

Prosseguindo com os critérios de exclusão, efetuei a leitura dos títulos e dos resumos, reduzindo o escopo da busca, findando a seleção no Portal de Periódicos da Capes com um total de 6 estudos, mediante os critérios adotados para a revisão.

Conforme definido no início do processo, realizei a busca em outro repositório, a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a fim de ampliar o conhecimento de publicações sobre o tema. Novamente para iniciar esse processo, foram utilizados os termos **educação física escolar, esporte**, conectados, nesta ordem, pelo operador booleano **AND**, formando a seguinte *string*: “educação física escolar AND esporte”. Foram encontradas 1.763 publicações, sendo 1.352 dissertações e 411 teses.

Com a aplicação dos filtros, “trabalhos publicados entre os anos de 2015 e 2025”, obtive 1.141 resultados, sendo 824 dissertações e 317 teses para análise dos trabalhos. Com os critérios de inclusão, ao considerar as publicações nos últimos dez anos e os critérios de exclusão, efetuando a leitura dos títulos e dos resumos, restaram 5 estudos (4 dissertações e 1 tese) na seleção.

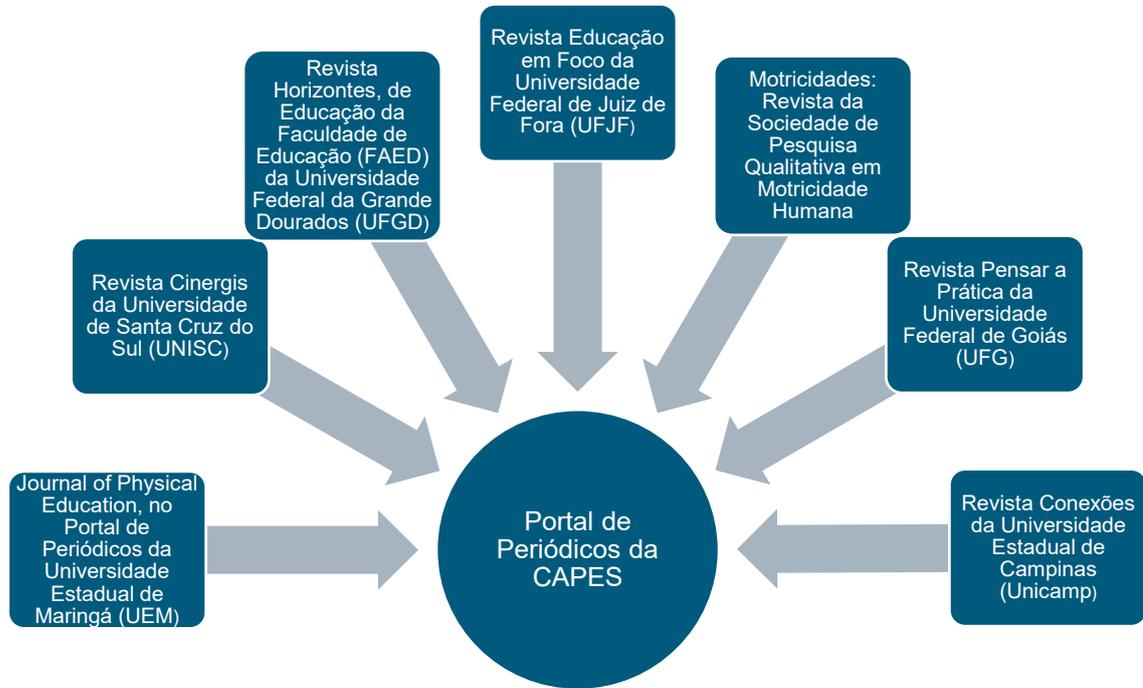
Nas ilustrações que seguem, demonstro o caminho percorrido na revisão e a sistematização de documentos nas duas bases de dados, Portal de Periódicos da Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

ILUSTRAÇÃO 1 – DOCUMENTOS SELECIONADOS POR BASES DE DADOS¹¹

Fonte: o autor (2025).

¹¹ Caminho percorrido na revisão.

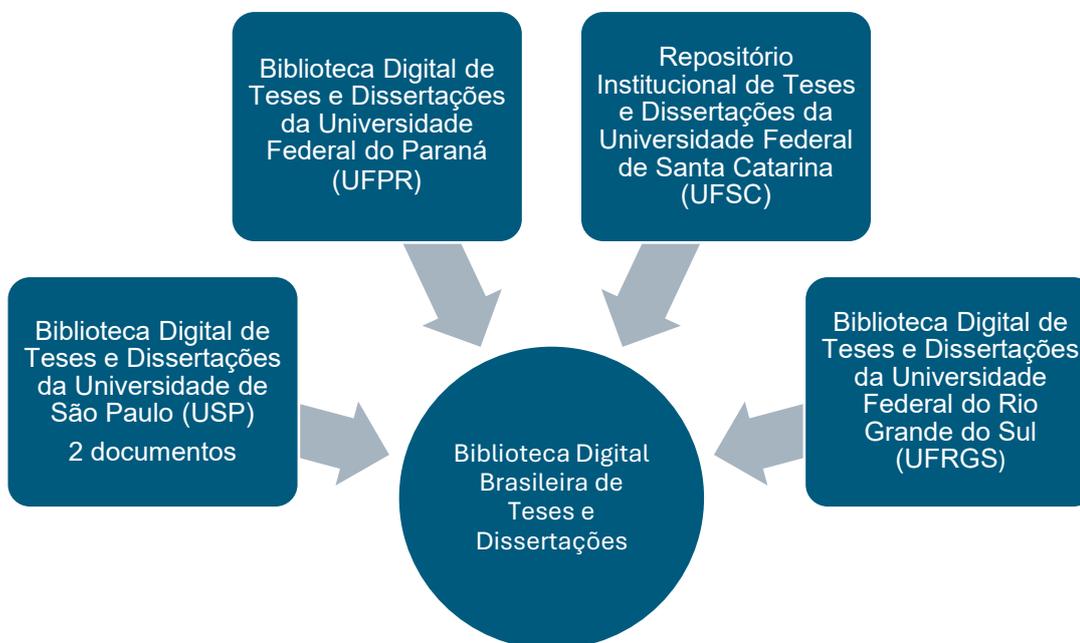
ILUSTRAÇÃO 2 – PERIÓDICOS CUJOS ARTIGOS SELECIONADOS NO PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES FORAM PUBLICADOS¹²



Fonte: o autor (2025).

¹² Sistematização dos documentos encontrados na base de dados do Portal de Periódicos da Capes.

ILUSTRAÇÃO 3 – REPOSITÓRIOS DE ORIGEM DOS DOCUMENTOS SELECIONADOS NA BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES¹³



Fonte: o autor (2025).

Com os estudos selecionados, apresento especificidades presentes em cada um deles, ao destacar aspectos que possibilitam aproximações com o tema de pesquisa da dissertação. A seguir, compartilho informações sobre os 6 artigos encontrados na base de dados do Portal de Periódicos da Capes.

O artigo intitulado “Sentidos e significados do esporte no contexto da educação física escolar”, de Sedorko e Finck (2016), publicado no *Journal of Physical Education*, Portal de Periódicos da Universidade Estadual de Maringá (UEM), teve por objetivo identificar como ocorre a abordagem pedagógica do esporte nas aulas de educação física dos anos finais do ensino fundamental, bem como verificar as concepções dos alunos do referido segmento educacional em relação ao conteúdo esporte e a disciplina de educação física.

¹³ Sistematização dos documentos encontrados na base de dados do Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações.

A pesquisa foi realizada no município de Ponta Grossa/PR, em 3 escolas da rede pública estadual de ensino. A observação e o questionário foram os instrumentos utilizados para a coleta dos dados, sendo participantes da pesquisa, 5 professores de Educação Física e 334 alunos dos 8º e 9º anos do ensino fundamental. Os dados obtidos foram categorizados e analisados por meio da Análise de Conteúdo. Como resultados do estudo, verificou-se que as metodologias empregadas pelos professores para o ensino do esporte não apresentaram os elementos hegemônicos que caracterizam um ensino balizado pelo esporte de rendimento e que a maioria dos estudantes não apresentaram experiências com o esporte em nível de competição.

Embora não seja exatamente esse o objeto de interesse de minha pesquisa, reflito sobre a abordagem do esporte em determinado contexto escolar, a necessidade de ampliar o seu entendimento, de conhecer as vivências e as formas de organização das práticas esportivas com os estudantes, além da criticidade quando esses exercem o papel de expectadores.

A predominância do esporte, muitas vezes questionável na maneira como deve ser compreendido. Conversar sobre ele, francamente. A influência sobre as pessoas, sobre o comportamento delas, sobre as práticas de movimento. Valiosa oportunidade para discuti-lo em um ambiente de formação, quiçá nos anos iniciais do ensino fundamental.

No artigo intitulado “O processo de ensino e aprendizagem do esporte na escola na perspectiva dos professores de Educação Física”, de Taques e Madrid (2017), publicado na Revista Cinergis da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), teve por objetivo evidenciar alguns elementos básicos sobre os saberes e estratégias que os professores apresentam sobre o esporte e as ferramentas que podem ser adotadas com esse conhecimento, durante as aulas de educação física, nos anos finais do ensino fundamental.

Um estudo qualitativo com delineamento pautado na pesquisa de campo, tendo como instrumento para a coleta de dados, o questionário aberto para professores de educação física de duas instituições de ensino públicas estaduais do município de Guarapuava/PR. A Análise de Conteúdo ocorreu a partir da delimitação da categorização, do agrupamento e da seleção das respostas que apresentavam semelhanças e significados relevantes para a reflexão da temática. Como resultados, reflexões, discussões e possíveis ações docentes para o ensino

do esporte na escola. Em uma perspectiva pedagógica, a valorização do processo de pesquisa para novos estudos do esporte no contexto escolar, uma vez que as práticas docentes são abordadas de diversas maneiras. Para os autores, um processo de reflexão sobre as práticas pedagógicas vem sendo desenvolvido no contexto do ensino fundamental; sendo necessária a sistematização do conhecimento e análise criteriosa na organização das estratégias metodológicas que podem ser adotadas.

A constante preocupação sobre a abordagem do esporte na escola, recorrentes questionamentos sobre o processo de ensino-aprendizagem adotados por alguns professores de educação física, com atividades baseadas no esporte de alto rendimento. A seguir, apresento um estudo capaz de contribuir ainda mais com essa discussão.

Em outro artigo intitulado “Reflexões sobre a prática pedagógica dos professores por meio do esporte”, também escrito por Taques e Madrid (2018), publicado na Horizontes, Revista de Educação da Faculdade de Educação (FAED) da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), apresentou como objetivo evidenciar elementos básicos sobre o processo de intervenção desenvolvido pelos professores, a partir de duas realidades do município de Guarapuava/PR, durante as aulas de educação física, nos anos finais do ensino fundamental. O estudo qualitativo, com delineamento pautado na pesquisa de campo, utilizou como instrumento para a coleta de informações, a observação de aulas. Buscou-se a contribuição com reflexões e possíveis ações para o ensino do esporte na escola a partir de uma perspectiva pedagógica, bem como valorizar o processo de pesquisa que possibilitem estudos à luz do desenvolvimento do esporte no contexto escolar.

O estudo “Memórias das práticas educativas dos professores de educação física escolar”, de Sampaio Junior, Marta e Rocha Junior (2024), publicado na Revista Educação em Foco da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), teve como objetivo identificar nas memórias de professores de Educação Física, desde o tempo de escolarização até as etapas profissionais, referências que podem ter influenciado suas práticas educativas, a fim de analisar as permanências e as mudanças ocorridas no trabalho educativo. A pesquisa foi desenvolvida na cidade de Jequié/BA, com professores de educação física formados a partir da década de 1980. A pesquisa de abordagem qualitativa pauta-se na História Oral como método

de coleta e análise de dados, juntamente com a produção na área. O ponto de vista de três professores de educação física que narram suas histórias de vida, trajetórias profissionais e a forte influência exercida pelo esporte de alto rendimento. Como resultado da pesquisa, as limitações inerentes ao sistema educacional brasileiro e às limitações dos profissionais da área, na superação de visões que persistem da Educação Física, que se restringe às discussões apenas dos elementos da cultura corporal, em especial o esporte de rendimento, ao reproduzir valores das sociedades, recordes e a competição. Para os autores, torna-se importante legitimar a escola como espaço de discussão e crítica às práticas sociais, cuja lógica está atrelada ao mercado que defende o rendimento como única possibilidade de ascensão econômica e social.

O conteúdo do esporte sendo reproduzido. Passado e repassado adiante, com especificidades de uma época. Experiências escolares anteriores conduzidas em novos cenários. Inúmeras questões para os estudos sobre o esporte na escola. Contudo, tenho como interesse saber o posicionamento de estudantes sobre o tema.

O artigo intitulado “Ensino do esporte na educação física escolar: perspectivas de estudantes do 9º ano”, de Freitas e Lemos (2023), publicado na Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana, teve por objetivo investigar as perspectivas discentes sobre o desenvolvimento de unidades didáticas de ensino do esporte em aulas de educação física escolar, com estudantes de 2 turmas de 9º ano de uma escola pública de Campinas/SP.

Uma pesquisa qualitativa, com 2 unidades didáticas com modelos de ensino e modalidades esportivas tradicionais e inovadoras, sendo a coleta de dados realizada por meio da gravação das rodas de conversa. Os dados foram analisados sob a modalidade fenômeno situado. As análises decorrentes das experiências demonstraram, na primeira delas, perspectivas discentes em relação ao conforto de permanecer com que é conhecido frente os desequilíbrios causados pela mudança, e na segunda, um contexto pelo qual as falas foram direcionadas às facilidades e dificuldades no aprendizado, na interação e linguagem.

Para os autores, questionamentos sobre a adoção mecânica de modelos de ensino sem uma reflexão crítica. Modelos restritivos e instrucionais, com sensação de privilégio, algo que raramente ocorria nos jogos formais sob a expectativa de

vencer, sem espaço para os menos hábeis. Modelos de ensino, novos papéis e com destaque para as contribuições, diferentemente das aulas envolvendo modalidades esportivas tradicionais. No entanto, evidenciou-se a dificuldade de desempenhar papéis alternativos, muitas vezes aquém das expectativas dos próprios participantes.

Reflico nesse caso, sobre as situações com o esporte podem e devem ser observadas na escola. Me refiro às expressões das crianças nos jogos e brincadeiras. Por vezes, entre o dito e o não dito em uma atividade com o esporte, no comportamento com outros colegas, na escolha por participantes de uma equipe, ao preferirem determinados jogadores para uma ação de jogo.

Prossigo com o estudo intitulado “Educação Física Escolar e esporte: significações de alunos e atletas”, de De Souza Rizzo et al. (2016), com publicação na Revista Pensar a Prática da Universidade Federal de Goiás (UFG), cujo objetivo foi analisar as significações que alunos de educação física e atletas de um centro esportivo têm sobre o esporte, diferenças e “possíveis” semelhanças de seus significados.

A pesquisa de natureza qualitativa, apresentou como sujeitos do estudo, 100 atletas (entre meninos e meninas) devidamente matriculados em alguma modalidade esportiva num Centro Esportivo em Dourados-MS (Futsal, Futebol e Karatê), e 100 alunos (entre meninos e meninas) que frequentam as aulas de educação física nos 1º, 2º e 3º Ano do ensino médio em uma escola da Rede Estadual de Ensino no Estado de Mato Grosso do Sul; com idades que variaram de 13 a 18 anos. Os dados foram coletados por meio de uma aplicação de questionário e suas respostas foram analisadas com auxílio do software *Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ)¹⁴. Como resultados, as aulas de educação física ainda se caracterizam como reprodutoras de características competitivas e do esporte de rendimento, apontando para a necessidade do tratamento didático-pedagógico inerente a prática esportiva.

O esporte presente na escola como se fosse de alto rendimento. Indispensável ampliar essa discussão, para externar conhecimentos, vivenciar experiências em diferentes práticas esportivas, comunicar sensações, entre outras

¹⁴Utilizado para análises textuais: pesquisa de especificidades de grupos; análises de similitude e nuvem de palavras. Categorização de palavras em classes, e conseqüentemente, visualizar aproximações e distanciamentos em seus discursos.

possibilidades. Logo, busco estabelecer uma reflexão sobre estudantes e professores, influenciados por algo que os façam reproduzir práticas e comportamentos na escola.

O artigo denominado “Esporte-espetáculo e sociedade: estudos preliminares sobre sua influência no âmbito escolar”, de Rodrigues e Montagner (2015), publicado na Revista Conexões da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), teve por objetivo compreender o fenômeno do Esporte-Espectáculo, ao estabelecer relações com o desenvolvimento histórico e as suas transformações na sociedade, mais especificamente relações com o esporte escolar. A interação da sociedade com o esporte, reportando-se para a compreensão de como o Esporte-Espectáculo influencia determinado segmento social, com conexões entre os meios de informação, o Esporte-Espectáculo e a Educação Física Escolar, sobretudo, em crianças e adolescentes no seu processo de formação. Por meio de uma revisão de literatura, os autores ressaltaram como o esporte-espetáculo pode se fazer presente no âmbito escolar, como por exemplo, ao discutir mudanças de regras, a reformulação de estruturas de organização do esporte, o diálogo crítico e reflexivo sobre suas práticas.

Conhecimentos sobre esporte adentram escolas. Organizar o tratamento de informações torna-se essencial, uma vez que estudantes tendem a reproduzir o que assistem, caso do esporte-espetáculo. Reitero novamente o diálogo com as crianças e adolescentes no ambiente escolar, o que inclui a compreensão deles sobre esse fenômeno. Por acompanhar o dia a dia de estudantes, observo que seus comportamentos são inspirados em atletas, demonstram interesse pelo consumo de marcas esportivas, por informações sobre os últimos acontecimentos do esporte, sobre os novos contratos dos jogadores, entre outros aspectos.

O primeiro dos 5 estudos selecionados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, trata-se de uma dissertação de Mestrado, “Representações sociais de crianças sobre a Educação Física na escola”, de Oliveira (2023), publicada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (USP), tendo como objeto de estudo as representações sociais de um grupo de 13 crianças com 11 anos de idade, matriculadas no 6º ano de uma escola municipal de Ribeirão Preto/SP; a fim de compreender os elementos que implicam na constituição destas representações e analisá-las a partir de sua aproximação com as expectativas do referido ciclo escolar.

Utilizou-se nessa pesquisa, o aporte teórico e metodológico da Teoria das Representações Sociais, elaborada por Serge Moscovici para orientar o processo de análise das falas dos participantes, a técnica de evocação de palavras, a produção de desenho e a Análise Temática Reflexiva. Como resultados da pesquisa, o binômio Educação Física e esporte, o referido componente curricular representado por um dos seus conteúdos de ensino. As representações do estudo majoritariamente objetivadas ao futebol, ao voleibol, o destaque para as influências históricas que relacionam a Educação Física aos exercícios e às atividades físicas que ainda refletem e interferem na maneira como representam o referido componente curricular, com possível fortalecimento decorrente do discurso midiático.

A pesquisa de Oliveira (2023) procura dar voz as crianças, atores sociais do processo educativo, ao ouvi-las sobre as aulas de educação física nos anos iniciais do ensino fundamental. Proponho em meu estudo conhecer a compreensão da criança sobre o esporte, tendo em vista sua presença notável nas aulas de educação física. Ao tomar conhecimento do que pensam sobre o fenômeno esportivo, será possível refletir ainda mais sobre o tema na escola e a tomada de ações docentes voltadas para o trabalho educativo com o esporte.

A propósito, sobre o esporte, o trabalho de dissertação intitulado “O brincar em experiências de iniciação esportiva da escola: um estudo com crianças pequenas”, de Tamashiro (2023), publicada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Paraná (UFPR), teve como objetivo compreender como o brincar se apresenta em experiências de iniciação esportiva da escola de crianças pequenas. Trata-se de uma investigação interpretativa, realizada com 11 crianças entre 5 e 7 anos de idade, nas aulas de iniciação esportiva de um colégio particular de Curitiba/PR. O instrumento/procedimento metodológico utilizado na pesquisa foi a roda de conversa, sendo a análise dos dados realizada pela Análise Temática, considerando: 1. A polissemia do esporte na infância, 2. Eixos que estruturam o brincar da criança na iniciação esportiva e 3. Brincar para aprender esporte. Como resultado, o esporte se apresenta, para as crianças, como um conceito polissêmico e elas o compreendem como brincadeira, jogo ou treino, conforme suas experiências e o contexto que estão inseridas. Segundo o autor, para as crianças a iniciação esportiva é lúdica e permite fantasiar o real pela imaginação. Aprendem por meio da reiteração e na interatividade entre

pares, interpretação dada as falas das crianças com base nos eixos que estruturam as Culturas Infantis, provenientes de estudos da Sociologia da Infância. Para a pesquisa, a iniciação esportiva poderá se constituir como uma prática da escola quando vivenciada pelo brincar. E as narrativas das crianças, sobre suas vivências na iniciação esportiva da escola, as configuram como experiências de aprendizagens do esporte.

Procuro destacar nesse caso a relevância do jogo e da brincadeira para ouvir e identificar os conhecimentos apresentados pela criança, pois nessas ocasiões, ao falar de esporte, é possível manifestar o que sabe sobre ele, externar a maneira como vivencia e aprende em tais atividades. Oferece-se, portanto, o compartilhamento de experiências, diálogos com outras crianças e professores, a expressão de sentimentos durante uma prática esportiva. A escola e suas relações com o brincar, a meu ver, algo genuíno. Brincadeiras e jogos na escola com o esporte, que assim seja!

O trabalho de dissertação denominado “Representações sociais e o currículo de educação física: com a palavra os alunos”, de Guarinon (2016), publicada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (USP), apresentou como objetivo identificar as Representações Sociais dos alunos de uma escola da Rede Estadual de Ensino, no Município de Santo André/SP, sobre o componente curricular Educação Física. Fizeram parte do estudo 40 alunos do terceiro ano do ensino médio que vivenciaram aulas de educação física orientadas pelo Currículo Oficial de Educação Física da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo durante o ensino médio. Os dados foram coletados através de entrevista semiestruturada, gravada e transcrita. A análise foi realizada a partir da Teoria das Representações Sociais, seguindo orientações metodológicas da análise do discurso. Os resultados apontaram que a Representação Social dos alunos sobre a educação física é entendida como uma matéria/aula igual aos outros componentes curriculares, tendo como diferencial aulas práticas conjuntamente com aulas teóricas. Além disso, consideraram os conhecimentos aprendidos importantes, pois podem ser utilizados em seu cotidiano fora da escola. Identificou-se que a motivação para as aulas se dá por uma razão estética (por gostarem dos conteúdos relacionados às modalidades esportivas), do que por uma razão normativa (visando à nota ou conceito final).

O esporte perdura pela sua notoriedade na educação física escolar, inclusive no ensino médio. Passam-se os anos e lá está ele. Por vezes, a grande motivação dos estudantes. Esporte vilanizado ou romantizado, lá continua ele. Nos telejornais, nos anúncios, nas redes sociais, nos jogos de videogame, nas revistas, nas escolas, estampado em peças de vestuário, o esporte presente.

A tese de doutorado intitulada “Quando o esporte-da-mídia vende sonhos e desejos: publicidade e infância na Copa do Mundo da FIFA 2014”, de Lisboa (2016), publicada no Repositório Institucional de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), teve como objetivo compreender o discurso publicitário relacionado à infância, tendo como pano de fundo a Copa do Mundo da FIFA - 2014, a fim de refletir sobre suas (re)significações na cultura esportiva das crianças e possíveis implicações para a educação física escolar. Foram investigados os nexos entre as intenções e estratégias do discurso publicitário esportivo e as interpretações das crianças escolares, reveladoras de desejos, consumos, práticas e sonhos em relação ao esporte. Em uma perspectiva qualitativa e embasado em preceitos da mídia-educação, o trabalho se caracterizou como um estudo descritivo. O corpus de análise foi constituído por: 14 anúncios de televisão e suas narrativas transmídias; e documentos (registros em diário de campo, questionário, gravações em vídeo e de áudio, desenhos, produções midiáticas) produzidos em uma Oficina Temática com crianças do 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública de Florianópolis/SC. A interpretação dos dados, por meio da análise de conteúdo, identificou três eixos de reflexão: i) Integração e mediações diante da mídia/TIC; ii) Negação e envolvimento com a publicidade: linguagens, recursos e consumos; iii) O esporte-publicitário-interativo: patrocínios, representações e desejos.

Do contexto de análise, o novo recurso/formato híbrido do conteúdo esportivo midiaticizado, denominado de esporte-publicitário-interativo, derivado da articulação da comunicação persuasiva com o entretenimento, que explora as narrativas transmidiáticas e propõe a interatividade, inclusive para as crianças. Para a pesquisa, a publicidade no/do esporte promove a mercadorização da cultura esportiva, com destaque para o poder conferido ao patrocinador privado, e em prejuízo a garantia pública do esporte como direito dos cidadãos. Como possibilidade da mediação escolar perante a semicultura esportiva conduzida pela publicidade, destaca-se a autorreflexão como experiência formativa, no confronto

com o real contraditório e heterônimo, que necessita do resgate permanente da dimensão crítica nas práticas de mídia-educação.

Procurei destacar esse estudo em razão de ouvir das crianças durante as aulas de educação física, informações ligadas ao esporte que assistem. Falam sobre as jogadas no futebol, imitam comemorações, provocam os adversários nos jogos na escola com base em episódios protagonizados no esporte profissional. Afirmam que irão ganhar de presente a chuteira de um determinado jogador. Orgulhosamente apresentam o vestuário de marcas bastante conhecidas no esporte, contam sobre suas jogadas de futebol no videogame, levam na mochila da escola a camisa de um time, de um jogador preferido. Posso dizer que até conversam comigo, ao apitar os jogos, como se estivessem diante de um juiz, ao questionarem um lance. Arremessam seus coletes no chão ao término de um treino ou de um jogo. Assistem, consomem e reproduzem comportamentos.

A dissertação de mestrado intitulada “A participação de crianças no esporte de alto rendimento: para além de como deve ser”, de Freitas (2015), publicada na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), teve por objetivo compreender como crianças são constituídas atletas na iniciação esportiva para o alto rendimento na Ginástica Artística e quais os significados que essas crianças atribuem ao contexto do treino esportivo do qual fazem parte. Durante 9 meses foram realizadas observações em treinos e competições de uma pré-equipe feminina de Ginástica Artística (GA), composta por atletas com idades entre 8 e 12 anos, de um clube esportivo de Porto Alegre/RS. Incluindo também, diários de campo e entrevistas semiestruturadas com as atletas e uma treinadora.

A partir da produção dos dados, identificou-se que o processo da formação de ginasta ia além do preparo de corpos hábeis para a prática da GA, pois as meninas também aprendiam a ‘ser’ e a se ‘comportar’ como ginastas. Essas maneiras de ‘agir’ nos treinos incluíam aspectos estéticos, como prender os cabelos, e comportamentais, como saber resistir à dor, enfrentar o medo, submeter-se a algumas restrições e assumir muitos compromissos. Segundo a autora, alguns aspectos dos treinos eram ‘atrativos’ para as ginastas, como o ‘movimento’, o enfrentamento de ‘desafios’ que essa modalidade exigia e a ‘diversão’.

Após os apontamentos sobre alguns significados que o contexto esportivo possuía para as ginastas, a autora estabeleceu uma relação entre o debate sobre o esporte na Educação Física e a Infância em diferentes áreas. Para a autora, o esporte muitas vezes tratado como uma prática homogênea, disciplinadora e reprodutora da lógica capitalista, a infância entendida de um modo generalista, assim como a criança é vista como reprodutora da cultura que lhe é transmitida e um produto da sociedade capitalista. Com o auxílio da Antropologia da Criança e da Sociologia da Infância, a autora faz apontamentos interessantes, dos quais destaco proximidade com o meu estudo, ao citar além dessas questões, a brincadeira em sua pesquisa.

Concordo com Freitas (2015) sobre a relevância do brincar, uma possibilidade para aprender, ensinar, criar, socializar e representar o mundo a cerca. É por confiar em seu potencial educativo, que o esporte, na medida do possível, pode estar presente nas brincadeiras das crianças, no cotidiano escolar. Pois bem, que o esporte se faça presente em suas brincadeiras também.

Nos quadros que seguem, apresento uma síntese com informações sobre os estudos selecionados nas bases de dados (Portal de Periódicos da Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações) para a revisão:

QUADRO 2 – CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS SELECIONADOS NA REVISÃO (N=6, PORTAL DE PERIÓDICOS DA CAPES).

AUTORIA, ANO E LOCAL	TÍTULO DO ARTIGO	MÉTODOS	RESULTADOS
Clóvis Marcelo Sedorko e Silvia Christina Madrid Finck (2016), <i>Journal of Physical Education</i> .	“Sentidos e significados do esporte no contexto da educação física escolar.”	A observação e o questionário foram os instrumentos utilizados para a coleta dos dados. Dados obtidos categorizados e analisados por meio da Análise de Conteúdo.	Metodologias empregadas para o ensino do esporte não apresentaram os elementos hegemônicos que caracterizam um ensino balizado pelo esporte de rendimento. A maioria dos estudantes não apresentaram experiências com o esporte em nível de competição.
Marcelo José Taques e Silvia Christina de Oliveira Madrid (2017), publicado na Revista Cinergis (UNISC).	“O processo de ensino e aprendizagem do esporte na escola na perspectiva dos professores de Educação Física.”	Como instrumento para a coleta de dados, a utilização do questionário. A Análise de Conteúdo a partir da delimitação da categorização, do agrupamento e da seleção das respostas, semelhanças e significados relevantes para a reflexão da temática.	Reflexões, discussões e possíveis ações docentes para o ensino do esporte na escola. A valorização do processo de pesquisa para novos estudos à luz do desenvolvimento do esporte no contexto escolar, uma vez que as práticas docentes são abordadas de diversas maneiras. Para os autores, um processo de reflexão sobre as práticas pedagógicas vem sendo desenvolvido no contexto do ensino fundamental; sendo

			necessário a sistematização do conhecimento e análise criteriosa na organização das estratégias metodológicas que podem ser adotadas.
Marcelo José Taques e Silvia Christina de Oliveira Madrid (2018), publicado na Revista Horizontes.	“Reflexões sobre a prática pedagógica dos professores por meio do esporte.”	A pesquisa de campo, utilizou como instrumento para a coleta de informações, a observação de aulas.	Contribuir com reflexões e possíveis ações para o ensino do esporte na escola e valorizar o processo de pesquisa para o desenvolvimento do esporte no contexto escolar.
Natanael Vaz Sampaio Junior, Felipe Eduardo Ferreira Marta e Coriolano P. da Rocha Junior (2024), publicado na Revista Educação em Foco (UFJF).	“Memórias das práticas educativas dos professores de educação física escolar.”	História Oral como método de coleta e análise de dados, juntamente com a produção na área. O ponto de vista de três professores de educação física que narram suas histórias de vida, trajetórias profissionais e a forte influência exercida pelo esporte de alto rendimento.	As limitações inerentes ao sistema educacional brasileiro e de profissionais da área, na superação de visões que persistem da Educação Física, às discussões apenas dos elementos da cultura corporal, em especial o esporte de rendimento, ao reproduzir valores das sociedades que adotaram o rendimento, recordes e a competição como caminho. A escola como espaço de discussão e crítica às práticas sociais, cuja lógica está atrelada ao mercado, o rendimento como única

			possibilidade de ascensão econômica e social.
Guilherme de Arruda Carvalho Freitas e Ricardo Mizuno Lemos (2023), publicado na Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana.	“Ensino do esporte na educação física escolar: perspectivas de estudantes do 9º ano.”	A coleta de dados realizada por meio da gravação das rodas de conversa. Os dados foram analisados sob a modalidade fenômeno situado.	Questionamentos sobre a adoção mecânica de modelos de ensino sem uma reflexão crítica. Evidenciou-se a dificuldade de desempenhar esses papéis alternativos, muitas vezes aquém das expectativas dos próprios participantes.
Eduardo Fantato Rodrigues e Paulo Cesar Montagner (2015), publicado na Revista Conexões (Unicamp).	“Esporte-espetáculo e sociedade: estudos preliminares sobre sua influência no âmbito escolar.”	Revisão de literatura.	O esporte-espetáculo pode se fazer presente no âmbito escolar, como por exemplo, ao discutir mudanças de regras, a reformulação de estruturas de organização do esporte, o diálogo crítico e reflexivo sobre suas práticas.

Fonte: o autor (2025).

QUADRO 3 – CARACTERIZAÇÃO DOS ESTUDOS SELECIONADOS NA REVISÃO (N=5, BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES).

AUTORIA, ANO E LOCAL	TÍTULO TESE/DISSERTAÇÃO	MÉTODOS	RESULTADOS
<p>Cristiana Aparecido de Souza Oliveira (2023). Orientadora: Myrian Nunomura. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (USP).</p>	<p>Dissertação de Mestrado: “Representações sociais de crianças sobre a Educação Física na escola.”</p>	<p>O aporte teórico e metodológico da Teoria das Representações Sociais, elaborada por Serge Moscovici para orientar o processo de análise das falas dos participantes, a técnica de evocação de palavras, a produção de desenho e a Análise Temática Reflexiva.</p>	<p>O binômio Educação Física e esporte, o referido componente curricular representado por um dos seus conteúdos de ensino. As representações do estudo majoritariamente objetivadas ao futebol, ao voleibol, o destaque para as influências históricas que relacionam a Educação Física aos exercícios e às atividades físicas que ainda refletem e interferem na maneira como representam o referido componente curricular, com possível fortalecimento decorrente do discurso midiático.</p>
<p>Guilherme Tamashiro Sarmiento (2023). Orientadora: Marynelma Camargo Garanhani. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Paraná (UFPR).</p>	<p>Dissertação de mestrado: “O brincar em experiências de iniciação esportiva da escola: um estudo com crianças pequenas.”</p>	<p>Roda de conversa, sendo a análise dos dados realizada pela Análise Temática, pelos temas: 1. A polissemia do esporte na infância, 2. Eixos que estruturam o brincar da criança na iniciação esportiva e 3.</p>	<p>O esporte se apresenta, para as crianças, como conceito polissêmico e elas o compreendem como brincadeira, jogo ou treino, conforme suas experiências e contexto. A iniciação esportiva é lúdica e</p>

		Brincar para aprender esporte.	permite fantasiar o real pela imaginação. Aprendem por meio da reiteração e na interatividade entre pares, interpretação dada as falas das crianças com base nos eixos que estruturam as Culturas Infantis, provenientes de estudos da Sociologia da Infância. A iniciação esportiva poderá se constituir como uma prática da escola quando vivenciada pelo brincar. E as narrativas das crianças, sobre suas vivências na iniciação esportiva da escola, as configuram como experiências de aprendizagens do esporte.
Poliani Claro Guarinon (2016). Orientador: Osvaldo Luiz Ferraz. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade de São Paulo (USP).	Dissertação de Mestrado: "Representações sociais e o currículo de educação física: com a palavra os alunos."	Dados coletados através de entrevista semiestruturada, gravada e transcrita. A análise realizada a partir da Teoria das Representações Sociais, seguindo orientações metodológicas da análise do discurso.	A representação social dos alunos sobre a educação física entendida como matéria/aula igual aos outros componentes curriculares, tendo como diferencial aulas práticas conjuntamente com aulas teóricas. Os conhecimentos são importantes, pois podem ser utilizados em seu cotidiano fora da escola. A motivação

			para as aulas se dá por uma razão estética (por gostarem dos conteúdos relacionados às modalidades esportivas), do que por uma razão normativa (visando à nota ou conceito final).
Mariana Mendonça Lisboa (2016). Orientador: Giovani De Lorenzi Pires. Repositório Institucional de Teses e Dissertações da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).	Tese de Doutorado: “Quando o esporte-da-mídia vende sonhos e desejos: publicidade e infância na Copa do Mundo da FIFA 2014.”	Estudo descritivo. O corpus de análise foi constituído por: 14 anúncios de televisão e suas narrativas transmídias; e documentos (registros em diário de campo, questionário, gravações em vídeo e de áudio, desenhos, produções midiáticas). A interpretação dos dados, por meio da análise de conteúdo, identificou três eixos de reflexão: i) Integração e mediações diante da mídia/TIC; ii) Negação e envolvimento com a publicidade: linguagens, recursos e consumos; iii) O esporte-publicitário-interativo: patrocínios, representações e desejos.	O esporte-publicitário-interativo, derivado da articulação da comunicação persuasiva com o entretenimento, que explora as narrativas transmidiáticas e propõe a interatividade, inclusive para as crianças. A publicidade no/do esporte promove a mercadorização da cultura esportiva, com destaque para o poder conferido ao patrocinador privado, e em prejuízo a garantia pública do esporte como direito dos cidadãos. Como possibilidade da mediação escolar perante a semicultura esportiva conduzida pela publicidade, a autorreflexão como experiência formativa, no confronto com o real

			contraditório e heterônimo, que necessita do resgate permanente da dimensão crítica nas práticas de mídia-educação.
Maitê Venuto Freitas (2015). Orientador: Marco Paulo Stigger. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).	Dissertação de mestrado: “A participação de crianças no esporte de alto rendimento: para além de como deve ser.”	Observações, diários de campo e entrevistas semiestruturadas com as atletas e uma treinadora.	A formação de ginasta, para além do preparo de corpos hábeis para a prática. Aprender a ‘ser’ e a se ‘comportar’, os aspectos estéticos e comportamentais. O esporte muitas vezes tratado como prática homogênea, disciplinadora e reprodutora da lógica capitalista. A infância de modo generalista, a criança reprodutora da cultura transmitida e um produto da sociedade capitalista.

Fonte: o autor (2025).

A presente revisão, com o interesse em produções científicas sobre o tema pesquisado, possibilitou conhecer as compreensões, as convicções e as experiências de autores, ancorados em aportes teóricos, ao estabelecerem relações entre a Educação Física e o esporte. Particularidades de cada um ao tratar sobre o tema. Contribuições para o trabalho do pesquisador e para estudos em construção.

Após a revisão sistemática, estudos sobre a educação física escolar e o esporte e, a caminho do término desse capítulo, compartilho o pensamento de Vago (2009) em que autor faz referência à forma como o esporte deve estar presente na escola. Para o autor:

Um esporte que tenha a marca distintiva da escola: que seja um direito para todos, porque todos podem dele usufruir. Um esporte que não esteja submetido aos princípios do esporte de rendimento, que não pode ser tomado nem confundido como referência para a organização da Educação Física na escola. Sim, porque a referência da Educação Física na escola são os estudantes, suas histórias, suas culturas, seus interesses, seus direitos. Com isso, pensar então na construção de outras maneiras de organizar e praticar o esporte na escola: é possível, acredito, organizar práticas de esporte que tenham como orientação pedagógica a própria escola e o seu público – que são crianças, adolescentes, jovens, adultos, e não atletas. E todos com potencial para experimentar o esporte como prática cultural, tanto quanto a dança, os jogos, os brinquedos... Então, em vez de se preocupar em encontrar **talentos esportivos**, é importante preocupar-se com aqueles que já encontramos todos os dias nas escolas, que lá estão exigindo nosso respeito à sua potência de aprender, de experimentar, de conhecer, de fazer de muitos jeitos (Vago, 2009, p. 38-39, grifos do autor).

Pois bem, continuo a me arriscar com o estudo do esporte na escola, ao possibilitar conhecer e aprofundar questões inerentes ao trabalho educativo. Orientações para assim desfrutá-lo, nesse lugar de aprendizagem e de possíveis trocas de experiências. Compartilhar vivências educativas com o esporte.

Machado *et al.* (2009) acenam que:

Tornar o esporte objeto de intervenção pedagógica intencional permite que seu ensino ultrapasse o desenvolvimento de situações nas quais os alunos apenas vivenciam esse elemento da cultura corporal, com vistas a possibilitar, também, uma compreensão crítica de tudo aquilo que é por ele abarcado, assim como dos demais elementos que envolvem o momento aula (Machado *et al.*, 2009, p. 143).

Me pus a pensar o esporte repleto de possibilidades às crianças, sejam elas com relação à aprendizagem, às maneiras de se movimentar, como forma de expressão, de interação, capaz de aflorar sentimentos, promover suas percepções e de fazer escolhas.

A seguir, no capítulo 4, procuro demonstrar o percurso escolhido nesta pesquisa com o propósito de conhecer a compreensão da criança sobre o esporte, ao apresentar o contexto de realização, seus participantes e as etapas da investigação.

4 “EM SUAS MARCAS!” O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

O presente estudo teve como referência a pesquisa qualitativa, com destaque para a dinâmica dos processos sociais e a compreensão do objeto de pesquisa (Gerhardt; Silveira, 2009). Ênfase então, a relação entre as pessoas envolvidas, os fatos possíveis e os ambientes, os quais fazem parte da pesquisa, sendo que o investigador neste caso, busca a partir do convívio extrair o que é destacado e encoberto como significação, ao desenvolver a sensibilidade da percepção e a competência enquanto cientista (Chizzotti, 2003).

Realizei a escolha por uma pesquisa de cunho etnográfico, haja vista sua característica de proporcionar um contato direto que o pesquisador desenvolve com a situação que deseja pesquisar, aliada ainda a possibilidade de reconstrução de processos e relações que se demonstram presentes nas experiências diárias na escola (André, 1995). Sobre as interações desenvolvidas no dia a dia escolar, André (1995) aponta para especificidades, pois:

[...] para que se possa apreender o dinamismo próprio da vida escolar, é preciso estudá-la com base em pelo menos três dimensões: a institucional ou organizacional, a instrucional ou pedagógica e a sociopolítica/cultural. Essas três dimensões não podem ser consideradas isoladamente, mas como uma unidade de múltiplas inter-relações, através das quais se procura compreender a dinâmica social expressa no cotidiano escolar (André, 1995, p. 42).

Ao levar em conta características etnográficas, apontadas por Geertz (1989), procuro me atentar à interpretação, que segundo o autor, visa registrar o que é “dito” (culturalmente) em um discurso para fixação em formas pesquisáveis. Assim, o registro dos espaços e dos materiais, se soma aos demais já citados como elemento fundamental de entendimento do contexto em questão, sendo o *locus* de interação, o espaço e objeto nos quais se materializa todo o discurso, seja a quadra, o ginásio, a sala de aula, implementos esportivos oficiais ou adaptados, expressão da cultura de jogos e brincadeiras relacionadas ao esporte, compartilhada entre os indivíduos.

Vinculada à essa perspectiva metodológica, optei pela técnica de observação participante, em que o pesquisador demonstra ter uma interação com a situação que se propõe estudar, ao afetar e ser afetado por ela (André, 1995). Sobre essa questão, a autora (1995) considera que as técnicas etnográficas de observação participante e

a utilização de entrevistas demonstram-se relevantes para a pesquisa, na medida que torna:

[...] possível documentar o não-documentado, isto é, desvelar os encontros e desencontros que permeiam o dia-a-dia da prática escolar, descrever as ações e representações dos seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano do seu fazer pedagógico (André, 1995, p. 41).

Definidos os primeiros passos a serem percorridos na pesquisa, compartilho um episódio ocorrido em 2021, o qual desencadeou o pré-projeto de intenção de pesquisa enviado no ano de 2022, para a inscrição no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPR) e que retomo para a construção do diário de campo. Trata-se de um relato pessoal e reflexivo, em que justifico a escolha pelo tema em questão, o esporte:

Em meados de Outubro de 2021, a escola que atuo como professor e coordenador recebeu a visita das crianças da sede de educação infantil. Para recepcioná-las, costumo organizar uma série de atividades recreativas para lhe dar boas-vindas e assim conhecerem e desfrutarem do espaço que a sede de ensino fundamental dispõe, sobretudo da quadra. Observei seus comportamentos e procurei dialogar com essas crianças. Com interesse em jogar e brincar na quadra, as crianças revelavam o que mais gostavam de fazer, suas experiências e suas conquistas. Muitas das suas palavras diziam sobre esporte. Contudo, não ouvi exatamente essa palavra. Reconheço que a palavra esporte, não foi pronunciada por essas crianças que frequentavam na época da visita à educação infantil. Elas apenas contavam que haviam jogado bola com seus pais, que haviam brincado de corrida, que um dia arremessaram também (referência ao basquete). Ao ouvir seus comentários, a maneira como costumavam descrever vivências e como construíram relações com as práticas do esporte, refleti ser este o ponto de partida da minha caminhada (Diário de campo, 2023).

A partir desse *start*, percebi a existência de um tema de pesquisa que tanto procurava. O esporte tão recorrente em minha vida, sempre diante dos meus olhos. Para o presente estudo idealizei priorizar suas falas e suas movimentações no esporte. Imaginei ser importante ouvir suas percepções e reflexões. Concomitantemente a importância das falas das crianças, compreendi dar relevância aos gestos e aos movimentos do corpo infantil como forma de linguagem da criança. Logo, a observação e a análise do corpo em movimento seriam muito apropriadas para o desenvolvimento da pesquisa.

Como proposta, projetei uma série de intervenções pedagógicas capazes de serem realizadas durante as aulas de educação física, momento em que atuo como

professor das crianças e que costumo dialogar com elas. Inevitavelmente, eu acabara por definir assim o local de realização da pesquisa.

O conhecimento do ambiente de pesquisa, foi compreendido como fundamental para a minha atuação como pesquisador. A partir do acesso às práticas educativas da instituição, tendo em vista minha atuação profissional nesse espaço como responsável pela disciplina de educação física, imaginei ser possível o desenvolvimento do estudo com o grupo, um total de 96 estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental, do primeiro ao quinto ano.

Sobre a instituição escolar, esta foi fundada em 2007, em decorrência da demanda de crianças que frequentavam a sede de educação infantil, no bairro Santa Cândida, em Curitiba, sob a gestão da entidade mantenedora com início das atividades em 2006. Durante aquele período, as famílias solicitavam a extensão do atendimento educacional para os anos iniciais do ensino fundamental e para que isso fosse possível, houve um investimento financeiro para aquisição de um terreno para a construção de uma nova sede, desta vez voltada para o atendimento do ensino fundamental, no município de Colombo, de localização próxima ao imóvel, sede da educação infantil.

Sua comunidade escolar é formada por moradores, em sua maioria do bairro Santa Cândida, na cidade de Curitiba, bem como dos bairros Campo Pequeno, Osasco e São Gabriel, localizados na cidade de Colombo¹⁵. O entorno escolar tem como destaque a atividade comercial e industrial da região, além da presença de inúmeros conjuntos habitacionais. Áreas para práticas de lazer e atividades esportivas também podem ser observadas, como chácaras, bosques e parques, além de ginásios esportivos que promovem práticas para crianças e adultos. A região ainda conta com academias de natação, de lutas e escolas de futebol. Em suas falas, as crianças costumam comentar sobre a participação em eventos, em aulas e buscam visitar esses locais. A breve apresentação dessas informações sobre a comunidade escolar e de seu entorno podem fornecer uma leitura inicial sobre o contexto em que a instituição se faz presente.

Sobre a pesquisa, essa contou com a aprovação no Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da UFPR e todas as suas informações

¹⁵Colombo é uma cidade localizada na região metropolitana de Curitiba. Segundo o site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município possui 197,580km² de área territorial e uma população de 232.212 de habitantes, com base no levantamento em 2022 (IBGE, 2024).

estão publicadas na Plataforma Brasil, com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética/CAAE (69017223.0.0000.0214) e pelo número do parecer de aprovação¹⁶ (6.124.503).

Como benefícios diretos, a pesquisa tem como possibilidade a reflexão da população sobre conhecimentos, experiências, vivências anteriores e atuais por meio de sua prática, seja ela vinculada ao contexto escolar ou aos diversos outros quais ela ocorre. Além disso, (re)conhecer novas maneiras de se movimentar em jogos e brincadeiras com o esporte e/ou aperfeiçoá-las com o tempo, ao compartilhar saberes para a construção de gestos e movimentos entre as crianças.

Em uma perspectiva indireta, os resultados apresentados ao término do processo de pesquisa, no sentido de contribuir para que gestores e professores, especialmente da área de educação física, entre outros profissionais que atuam nesse contexto, possam desenvolver proposições educativas com o esporte, a fim de compreender os conhecimentos apresentados por essas crianças em relação ao tema pesquisado.

Em relação às garantias éticas, foi elaborado pela equipe de pesquisa, em consenso com a instituição de ensino, uma breve explanação sobre o estudo, com objetivos, metodologia a ser desenvolvida, bem como procedimentos que seriam realizados. Sobre tais questões, foram disponibilizados os contatos (e-mail e telefone) dos professores/pesquisadores para sanar quaisquer dúvidas.

A divulgação do estudo ocorreu na própria escola, por meio de conversa informal de um dos professores/pesquisadores com os estudantes, com interesse em manter a interação cotidiana existente no ambiente em questão e a compreensão sobre o estudo. Em seguida, foram encaminhados: Informativo sobre a autorização da pesquisa de Mestrado¹⁷ e os Termos de Assentimento Livre e Esclarecido¹⁸ (TALE) e o de Consentimento Livre e Esclarecido¹⁹ (TCLE) sobre a pesquisa pelo aplicativo de mensagens eletrônico e agenda escolar.

Os termos²⁰ foram elaborados, sendo o TALE organizado em um formato lúdico para a avaliação da participação das crianças e o TCLE, em texto descritivo

¹⁶ Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais da UFPR na seção: Anexos.

¹⁷ O Informativo encontra-se na seção: Anexos.

¹⁸ O TALE encontra-se na seção: Anexos.

¹⁹ O TCLE encontra-se na seção: Anexos.

²⁰ No envio para a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa – Ciências Humanas e Sociais da UFPR (CEP/CHS), esses eram os termos solicitados. Atualmente, os termos sofreram alterações sendo

destinado aos pais ou ao responsável legal. No TCLE, foram elencados os benefícios e os possíveis riscos, questões sobre o sigilo, a confidencialidade e a anonimidade de dados pessoais, o direito à obtenção de informações sobre os resultados, à assistência integral e a indenização frente a indícios de dano, durante e após o encerramento da pesquisa.

A decisão sobre a participação na pesquisa seria definida pela criança, ou seja, mesmo que os responsáveis autorizassem sua participação, ela seria efetivada a partir da vontade da criança, manifestada por meio de uma assinatura registrada no TALE. Mediante o aceite delas, os responsáveis também deveriam registrar a concordância por meio do TCLE. Dessa maneira, buscou-se pela autonomia da criança, pois ao adotar esse procedimento “[...] coloca em evidência o reconhecimento da capacidade das crianças de também participar da decisão sobre situações que lhes dizem respeito” (Carvalho; Santos; Machado, 2022, p. 41).

Durante este período de análise dos termos, estive à disposição para quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa. Foram assegurados nos termos, o direito à desistência da pesquisa a qualquer momento, ou ainda, a possibilidade de não participar das atividades propostas, de manifestar opiniões e por fim, a não interação com o pesquisador.

Em ambas as situações, independente do motivo da desistência, não haveria qualquer prejuízo à criança. Para tais situações, destaco Carvalho, Santos e Machado (2022) ao afirmarem que:

[...] esse assentimento não acontece apenas a partir do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) apresentado pelo(a) pesquisador(a) ao iniciar o campo, mas a cada encontro da pesquisa, visto que os termos de assentimento e consentimento se caracterizam como um caminho de entrada, e as crianças podem decidir não participar mais ou em determinado momento, mesmo que tenham concordado inicialmente (Carvalho; Santos; Machado, 2022, p. 41-42).

A divulgação do estudo na escola com orientações sobre a participação voluntária na pesquisa, a qual foi efetivada mediante o aceite do TALE por parte da criança e do TCLE pelos responsáveis, gerou comentários por parte das crianças na escola. O anúncio da pesquisa, despertou reações nelas, olhares curiosos sobre o que estava sendo apresentado e questionamentos envolvendo o esporte conhecido e

denominados RCLI (Registro de Consentimento Livre e Informado) e RALI (Registro de Assentimento Livre e Informado).

praticado por elas naquele momento. Manifestaram assim, o interesse sobre os objetivos da pesquisa e como seriam capazes de contribuir para o desenvolvimento dela.

Em alguns casos, demonstraram receio em suas falas, ao comentarem suas experiências anteriores com o esporte. Apresentaram certa preocupação com a realização de gestos e movimentos do esporte. De imediato, adotei como postura, tranquilizá-las, com informações sobre a pesquisa, a participação e a contribuição delas para esse estudo.

O comunicado com informações sobre a pesquisa foi enviado por aplicativo de mensagens para conhecimento dos pais/responsáveis das crianças e os termos, encaminhados pela agenda escolar, no formato físico (impresso). No entanto, fez-se necessário, para um pequeno grupo de pais/responsáveis, apresentar maiores esclarecimentos para compreensão do objetivo do estudo.

Apesar dos termos aprovados pelo Comitê de Ética apresentarem todas as informações sobre a pesquisa na escola, algumas dúvidas surgiram durante a leitura e análise, antes da assinatura. Quando solicitadas maiores informações com relação à pesquisa, essas foram prontamente sanadas, por meio do contato com os responsáveis de forma presencial e/ou por telefone. Ainda, por diversas vezes, permaneci nos locais de acesso à escola, em horários previstos para a entrada e a saída das crianças, estando à disposição para atendimentos aos responsáveis.

Antes de iniciar as intervenções, recebi informações de algumas crianças, a fim de justificar a não participação na pesquisa. Comentaram o receio dos responsáveis sobre uma possível exposição de dados da criança participante. Além disso, alegaram o possível esquecimento do envio dos termos.

Nesse sentido, reforço que tais orientações, sobre o sigilo de informações pessoais, foram apresentadas às crianças e aos pais/responsáveis, inclusive previstos nos termos. Ainda assim, permaneci à disposição para eventuais questionamentos que pudessem surgir durante a fase inicial da pesquisa. Com relação aos possíveis esquecimentos, informei as crianças sobre o prazo de entrega. Em alguns casos, recebi termos após o período acordado.

Do ponto de vista financeiro, as crianças não teriam gastos e não dependeriam de recursos extras para participar da pesquisa, tendo em vista que os dados seriam produzidos na própria escola, durante o horário das aulas de educação física.

Como critério de inclusão, avaliou-se que a criança deveria estar devidamente matriculada na instituição de ensino em que a pesquisa se desenvolve, além da entrega dos termos de assentimento e consentimento assinados, ao decidir pela sua participação na pesquisa. Já como critério de exclusão, atribuiu-se o fato da não entrega dos termos assinados, ao optar por não participar da pesquisa.

Sobre os riscos vinculados à produção de dados, no desenvolvimento da pesquisa foram registradas ações que envolvem movimentos corporais da criança no âmbito escolar, bem como suas narrativas que envolvem o esporte. Diante disso, o risco identificado seria de algum desconforto ou mesmo constrangimento ao se relacionar com a equipe de pesquisa no dia a dia escolar, além de responder perguntas sobre suas experiências com o esporte. Contudo, a possibilidade de ocorrência foi considerada mínima, principalmente pelo fato do processo de interação entre a equipe de pesquisa e o grupo estudado ocorrer de forma duradoura e não eventual.

O risco do desconforto relacionado ao registro do cotidiano da ação, foi compreendido como reduzido a partir da assiduidade, da participação e do comprometimento da equipe do projeto de pesquisa, essencialmente pela minha presença na escola, integrado ao dia a dia escolar e não ser reconhecido como estranho pela população pesquisada.

Ainda assim, como forma de mitigar os riscos associados ao desconforto pela participação nos momentos de diálogo, considerou-se a espontaneidade e o caráter não-obrigatório para a participação, com eventuais diálogos, por exemplo. Outro fator para redução de possíveis constrangimentos, seria o registro realizado no diário de campo sobre as observações de atividades e demais informações, após o término da aula, ou seja, sem a presença das crianças.

Sobre as intervenções pedagógicas, em conversas com a direção escolar, respeitou-se o planejamento letivo anual, definido pela instituição, no que diz respeito ao cumprimento dos conteúdos previstos nos documentos oficiais que orientam o currículo do ensino fundamental para as aulas de educação física. Dessa forma, essa pesquisa desenvolveu-se paralelamente às aulas de educação física, durante o segundo trimestre letivo do ano de 2023, sendo destinados oito encontros nos horários das aulas da referida disciplina, uma vez por semana.

Para a produção dos dados, inicialmente, idealizei a realização das rodas de conversa, por ser um instrumento atuante no desenvolvimento de interação social e

assim, percebê-las como “[...] espaço dialógico e interlocutivo entre crianças e adulto [...]” (Alessi, 2011, p. 128).

No entanto, ao reunir as crianças para conhecer suas expectativas para a pesquisa e de apresentar as intervenções pedagógicas com o esporte, em um formato de roda de conversa, notei algo diferente entre elas. Um certo estranhamento, uma vez que não tenho o costume de reuni-las desse modo. Conversavam entre elas, ao pé do ouvido, mas era possível ouvir o murmurinho. Ao me dar conta desse comportamento, compreendi que seria mais adequado para o desenvolvimento da pesquisa, alterar a maneira de como iria ouvir e dialogar com elas.

Ao apresentar a pesquisa com as informações percebi as crianças apreensivas com sua participação nas intervenções pedagógicas. Com o início do segundo trimestre letivo na escola, próximo de desenvolver a pesquisa, enfatizei durante as aulas de educação física, atividades pedagógicas que possibilitassem o conhecimento e a utilização do corpo para o desenvolvimento de diferentes movimentos e que, a meu ver, poderiam ser desempenhados por elas nos esportes. Para conhecimento do processo, em tais intervenções pedagógicas, não almejei o ensino de técnicas presentes nas modalidades esportivas e sim, a proposição de atividades que pudessem experienciar gestos e movimentos que remetem ao esporte e assim, desencadeassem suas falas e expressões para o conhecimento da compreensão da criança sobre ele.

Desde a intenção dessa pesquisa imaginei ser importante falar de esporte com elas e em minhas primeiras palavras com as turmas, pronunciei a palavra esporte como se soubessem do que eu estava falando. Adotei essa postura, com intenção de comunicá-las, na medida que as intervenções fossem sendo desenvolvidas. Dessa forma, perguntei se já haviam assistido algo relacionado a ele. De forma unânime, responderam que sim. Definitivamente, esconder a palavra esporte não era a minha intenção, por entender como algo visto por elas na televisão, nas mídias sociais, quando frequentam parques e escolinhas, adquirem materiais esportivos, entre outros (Diário de campo, 2023).

Esse meu comportamento, sobre a apresentação do esporte a elas, reflete a maneira que o identifico nesse espaço, quando as crianças manifestam o interesse por conhecer a jogada de alguma modalidade, me perguntam se assisti à entrevista de tal esportista exibida no telejornal, se já vi a bola utilizada em determinado campeonato europeu de futebol. Para essa realidade escolar, tive a oportunidade de falar e ouvir sobre esporte, suas experiências e saberes.

Durante as aulas de educação física na escola, as crianças já antecipavam alguns de seus comentários sobre esporte, em práticas que tinham o propósito de repertoriar as crianças com gestos e movimentos. As crianças contavam durante essas aulas sobre a relação com a prática de esportes e sobre o hábito de ir com certa frequência aos diferentes espaços, como parques e canchas para jogar e brincar. Acrescento ainda, que em seus depoimentos, citaram escolinhas de futebol, projetos municipais que participam e experiências em campeonatos e eventos esportivos. Conheci suas conquistas, quando jogam e brincam com esporte, seja em suas casas, nas escolinhas em que uma parte das crianças costuma frequentar. Nessas oportunidades de diálogo, ousei perguntar, como se fosse criança.

Da mesma forma que fui capaz de acumular experiências com os jogos e brincadeiras com o esporte, ao conviver com familiares e amigos na infância, identifiquei previamente em suas falas, semelhanças na maneira como narravam momentos vivenciados com o esporte, ao se referirem às suas práticas acompanhadas sempre de seus pais, de primos e de outras pessoas de sua convivência. Naquele momento estava a conhecer como foram suas primeiras aproximações com o esporte e desse modo, se minhas proposições seriam oportunas para assim discuti-lo na escola. Observei certa disparidade com relação ao acesso às práticas com o esporte nas turmas e como isso poderia impactar as intervenções pedagógicas.

Antecipadamente, nas aulas de educação física, procurei realizar atividades pedagógicas a fim de estabelecer relações com o esporte, com o devido cuidado, tendo em vista a faixa etária das crianças, com destaque para as que frequentavam o primeiro ano, uma vez que estavam por descobrir o esporte presente na escola naquele momento. Iniciei com a apresentação de materiais que costumo utilizar nas aulas, como as bolas (de basquete, de borracha, de futebol, de handebol, de tênis, de vôlei, por exemplo), cones e cordas, no sentido de oferecer esse conhecimento prévio a elas. Além desses materiais, as crianças também puderam conhecer outros elementos do esporte, caso da rede de tênis e vôlei, da tabela de basquete e da trave utilizada no futebol e no handebol.

Pude observar a curiosidade e apreço das crianças pelas atividades que contavam com a utilização desses elementos do esporte. Conforme utilizavam tais materiais, muitas delas informavam as facilidades e as dificuldades com o manuseio,

compartilhavam suas impressões e discutiam sobre os seus feitos realizados durante os momentos das aulas.

Para aquele momento, que antecedia as intervenções pedagógicas que seriam propostas, as atividades tinham como interesse o contato da criança com o esporte, e como é de costume delas, puderam brincar com tais materiais e equipamentos. Exploraram assim os espaços na quadra, arriscaram movimentos para a demonstração de seus conhecimentos.

Em meados do mês de maio do ano de 2023, iniciei a construção das primeiras linhas de registro da pesquisa, ao observar situações que envolviam gestos e movimentos das crianças em práticas com o esporte, bem como comportamentos e narrativas delas antes do início da pesquisa na escola.

A partir da elaboração de um roteiro de entrevista²¹, de forma semiestruturada, ensaiei possíveis discussões para iniciar com as intervenções pedagógicas. Procurei organizar um momento destinado a realização do questionário e a produção de parte dos dados da pesquisa.

Fiz a opção de preparar a sala de aula e a sala da coordenação escolar como locais para ouvir suas considerações. Algumas crianças se sentiram encorajadas para falar de esporte naquele momento. Percebi que iniciavam suas falas, mas logo em seguida elaboravam perguntas sobre esporte. Situações eram esquecidas. Na coordenação, as crianças analisavam o espaço, eram distraídas com a passagem de pessoas pelo corredor. Mesmo assim, consegui ouvi-las. Em suas falas, conheci suas experiências por meio de episódios. Muitas delas expressavam suas ideias e iniciavam suas frases dessa forma:

- Professor, sabia que um dia...

O compartilhamento de vivências, de saberes conquistados, o fenômeno inserido no cotidiano infantil. Procurei assim, me ancorar nos estudos de Carvalho, Santos e Machado, (2022) que, inspirados em Scramingnon (2017), ao considerarem:

“[...] narrativas de vida contadas nas suas particularidades, oferecendo aos adultos novas possibilidades de compreensão a temas que são, muitas vezes, capturados e hegemonizados por narrativas adultas sobre as experiências infantis” (Carvalho; Santos; Machado, 2022, p. 25).

²¹ O roteiro encontra-se na seção: Anexos.

Resolvi ouvir as palavras, dar atenção as suas expressões e diante do número de participantes, procurei registrar minhas impressões diante do que era dito naquele momento por elas. Como forma de organização das anotações das observações e das narrativas, ao final de cada intervenção, optei por dar ênfase aos registros no diário de campo, tendo como base as minhas impressões sobre os gestos e movimentos das crianças no esporte e suas falas com relação à prática desenvolvida. Compartilho então, da definição proposta por Winkin (1998) sobre o diário e o seu papel no processo de investigação, em que o considera como “[...] o lugar do corpo-a-corpo consigo mesmos, ante o mundo social estudado” (Winkin, 1998, p. 138).

Sobre a escrita do diário, informo que, o organizei de maneira digital, pelo computador, no tempo em que estive distanciado da intensidade das intervenções pedagógicas, mas realizada o mais imediatamente possível, muitas vezes na própria escola. Nesse caso, planejei desenvolver anotações rapidamente entre um momento e outro das intervenções. Para as análises, estimei um tempo maior para a escrita de episódios durante as intervenções, em dias posteriores aos encontros. Observar gestos e movimentos, a maneira como se comportavam, como expressavam suas ideias, conquistas, anseios, por exemplo, foram por mim, traduzidos em palavras. Ao final de cada intervenção, decidi que iria permanecer à disposição para sanar possíveis questionamentos, identificar e ouvir as impressões de participantes da atividade e assim, minimizar possíveis riscos e constrangimentos na realização das práticas.

Ao propor uma metodologia com enfoque qualitativo e optar pela observação participante, na medida que envolve quem investiga e quem participa no estudo do problema em questão, busquei produzir dados e de forma coletiva, com a participação das crianças, pensar na construção de futuras proposições com o tema pesquisado.

Com a definição do planejamento da disciplina, foi desenvolvido um cronograma para a realização das intervenções pedagógicas com o esporte na escola, nos meses de junho e julho do ano de 2023. Como proposta de realização, optou-se pela inserção de jogos e brincadeiras com o esporte, em alguns encontros durante os horários reservados à disciplina. Com o devido cuidado e respeito, as atividades de pesquisa foram conduzidas com adequações às crianças.

Para a organização didático-pedagógica das atividades com o esporte na escola, atentou-se para a definição de modalidades esportivas e das possíveis vivências com o esporte. Como critérios, priorizou-se práticas que se encontravam já

inseridas nas atividades cotidianas das crianças, caso do **basquete**, do **futebol** e do **vôlei**. As crianças comentavam, durante as aulas de educação física, no período que antecedeu a realização da pesquisa na escola, sobre tais modalidades, quando perguntado os esportes mais praticados por elas.

O **handebol** teve a sua inclusão pelo fato de ser uma modalidade esportiva que contempla similaridades com a tradicional “queimada”, como o arremesso e a retenção da bola. Identifico diariamente na escola, as vivências com tal brincadeira na quadra, na medida que desperta o interesse de grande parte das crianças, independente de idade e turma.

Nessa perspectiva, outra modalidade esportiva que apresenta relação com as brincadeiras presentes na infância, é o **atletismo**, sendo assim incorporada ao estudo. Em diversos momentos, costumo ver as crianças se movimentando nos espaços da escola, correm pela quadra, por seus corredores, para entrar e sair da escola. Saltam sobre os brinquedos, pulam elástico, amarelinha e corda. A meu ver, correr e saltar podem estabelecer relações com o brincar da criança, uma vez que, nas brincadeiras infantis, as crianças costumam brincar de pega-pega, pique-cola, pique-bandeira, pular corda, entre outras.

Talvez as próximas modalidades a serem mencionadas tenham sido as mais difíceis de serem escolhidas, pois nem sempre estão presentes nas escolas, nas aulas de educação física, nos anos iniciais do ensino fundamental. **Badminton, golfe e tênis**, especificamente. Disposto a fazer parte desse desafio, fiz a opção pela inclusão de tais modalidades como possibilidade à criança, de conhecer, de desenvolver sua prática e se possível, de ampliar seus conhecimentos sobre elas.

Nesse momento, relembro a obra de João Batista Freire (1993), em que o autor menciona que:

A criança deveria aprender a praticar esporte brincando. As regras, tradicionalmente impostas, seriam propostas: o jogo da queimada viraria handebol, o pega-pega se transformaria em Atletismo, Basquetebol; as **peladas** seriam, mais tarde, o futebol, a Amarelinha e o pular corda virariam os esportes de saltos, e assim por diante (Freire, 1993, p. 29, grifo do autor).

Para elaborar e ministrar as atividades pedagógicas com o esporte nos encontros desta pesquisa, refleti sobre como registrar e organizar as atividades desenvolvidas para esse estudo. Recorri a utilização de uma Ficha de Registro de Jogo, proposta por Sonoda-Nunes e Oliveira (2021), a qual foi por mim adaptada, para

a descrição detalhada da atividade e organização didática. Nesse caso, saliento que alguns campos apresentados na Ficha de Jogo/Brincadeira (papel/função, por exemplo) podem apresentar diferenciações das apresentadas pelos autores (2021), por terem o propósito de sua utilização para os jogos de luta.

As informações presentes nas Fichas de Registro de Jogo/Brincadeira (Sonoda-Nunes e Oliveira, 2021) estiveram sujeitas às adequações, conforme faixa etária dos participantes e possíveis dificuldades constatadas com o decorrer das atividades realizadas pelas crianças. Nesse caso, reforço que as fichas de registro procuraram demonstrar a organização didática para cada intervenção pedagógica proposta. Para a prática de tais atividades, procurei respeitar o contexto em que a pesquisa procurou se desenvolver, com atenção para os aspectos de segurança e bem-estar das crianças para vivências de situações educativas, sendo possível a (re)criação e a ampliação de práticas.

Tendo os dados produzidos na pesquisa, estes deveriam ser analisados por meio da triangulação, a partir de três processos interpretativos, conforme apresentado por Marcondes e Brisola (2014).

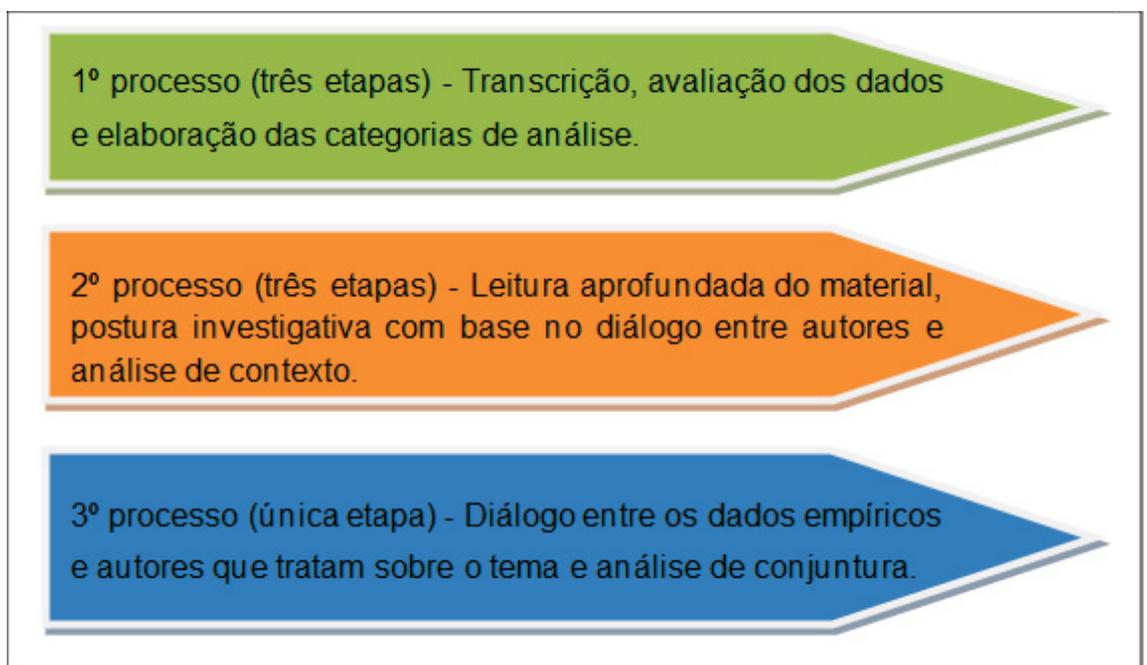
A triangulação como método de análise, tende a favorecer a percepção do todo acerca do objeto que se pretende estudar e a unidade entre os aspectos teóricos e empíricos. A análise deve contar com três importantes processos interpretativos. O **primeiro processo interpretativo** se distribui em três etapas. Na primeira delas, a reunião dos dados produzidos e sua transcrição, com atenção para as vozes, os movimentos do corpo, os silêncios, por exemplo. Inclui ainda, o desenvolvimento de marcações do que pode ser considerado relevante na narrativa ou em dados qualitativos levantados, tendo em conta os eixos estruturadores da pesquisa. Na segunda etapa desse processo, ocorre uma avaliação dos dados produzidos, trata-se de uma pré-análise, ao retomar os objetivos do estudo. Na terceira e última etapa desse processo, deve ser realizada a elaboração de categorias de análise, com reflexão, contextualização e exemplos.

O **segundo processo interpretativo**, é também composto por três etapas. A primeira delas requer uma leitura aprofundada dos dados produzidos, com questionamentos para a investigação e a avaliação de narrativas. Para a segunda etapa desse segundo processo, procura-se estabelecer o diálogo entre os autores que tratam sobre as categorias de análise que fazem parte do estudo. A terceira etapa busca a interpretação dos dados e a análise do contexto em que os dados foram

produzidos. O **terceiro e último processo interpretativo**, de etapa única, visa a reinterpretação, melhor dizendo, “uma interpretação das interpretações” (Marcondes; Brisola, 2014, p. 206). Nesse processo, deve-se realizar uma construção-síntese mediante diálogo entre os dados empíricos, autores que tratam da temática estudada e análise de conjuntura (Marcondes e Brisola, 2014).

Os processos e etapas que constituem a metodologia proposta para esta pesquisa são apresentados na FIGURA 1, a seguir:

FIGURA 1 – PROCESSO INTERPRETATIVO E SUAS ETAPAS



Fonte: O autor (2023) elaborado com base em Marcondes e Brisola (2014).

Para essa pesquisa, a triangulação de dados torna possível a compreensão do objeto de pesquisa sob diferentes perspectivas, uma vez que ao adotar tal método, o pesquisador aprende e apropria-se de fundamentais informações e concepções teóricas, o que lhe permite exercer sua própria consciência crítica (Marcondes; Brisola, 2014).

Dada a entrega dos termos (TALE e TCLE) na secretaria da escola, foi possível definir o número de participantes. A pesquisa contou com 57 crianças que frequentavam o ensino fundamental na instituição, sendo:

- 9 (nove) crianças do primeiro ano;
- 15 (quinze) crianças do segundo ano;
- 11 (onze) crianças do terceiro ano;
- 14 (quatorze) crianças do quarto ano e;
- 8 (oito) crianças do quinto ano.

A seguir apresento os dados produzidos nesse trabalho de pesquisa, a partir da minha interpretação, tendo como base as narrativas das crianças e as observações de suas ações, do corpo em movimento no esporte.

5 ÀS VEZES O JOGO É DECIDO NO DETALHE! A ESCRITA DO DIÁRIO DE CAMPO COMO INSTRUMENTO DE PESQUISA

Registros, confidências, observações, análises e interpretações constituem etapas criteriosas para o desenvolvimento deste trabalho de pesquisa. Assim, para que todas essas fases fossem cumpridas e desempenhadas, reconheço como imprescindível o exercício da (re)escrita para quem pesquisa.

Neste caso, me atento para descrever com precisão o quê os olhos são ou deveriam ser capazes de ver, de impedir o mínimo esquecimento, de ser justo e coerente com o perceptível em situações cotidianas, de almejar e alcançar a máxima neutralidade na descrição das narrativas, de evitar o, mesmo que minimamente, inclinações e falseamento de minhas impressões. Olhar para além das aparências, de ouvir o silêncio no diálogo, a pausa na escrita.

A pesquisa na escola contou com a seleção de instrumentos que pudessem efetivamente contribuir para a produção de dados. Em acordo com o professor orientador da pesquisa, houve a definição pela utilização da observação participante por considerá-la essencial para obtenção desse objetivo, ao apresentar-se, neste caso, como recurso metodológico para a contextualização do campo de pesquisa, ao contribuir para descrever situações que estiveram presentes na realidade cotidiana escolar. Nesse sentido, na minha opinião os registros das observações, que integram o diário de campo de pesquisa, “deixam marcas”, pois descrevem vivências reais, interações, reflexões sobre o dito e observado. São acontecimentos da/na pesquisa, daquilo que se propõe investigar.

Desenvolver a observação com minuciosidade e estabelecer relações de diálogo considero fundamentais para a realização de novas atividades relacionadas ao esporte. Os movimentos desempenhados com o corpo aparentam ser as relações que a criança tem com o esporte, pois percebo um processo de tomada de decisões em determinados momentos dos jogos e brincadeiras, a escolha por gestos e movimentos.

A respeito da instituição de ensino, local em que atuo como professor de educação física e que optei para o desenvolvimento do presente estudo, posso dizer que, de fato, trata-se de um lugar muito especial para mim. Desde 2006 atuo como professor e coordenador, sendo possível acompanhar as atividades do Centro de educação infantil até a implantação gradativa da escola dos anos iniciais do ensino

fundamental. Nesse período de atuação na instituição, compreendi a importância de um trabalho educativo capaz de oferecer as melhores condições possíveis para o processo de ensino-aprendizagem, além do respeito e acolhimento com a comunidade local.

Acompanhei o início da obra, vi cada detalhe sendo construído e transformado de acordo com as necessidades educacionais. Embora sua arquitetura tenha sido idealizada antes de sua fundação, o local foi sendo adequado obedecendo às exigências de órgãos fiscalizadores da estrutura escolar e de autorização de funcionamento. A propósito, sobre as características estruturais da escola, esta dispõe de quadra, onde são realizadas as aulas de educação física, atividades de extraclasse, ensaios artísticos e desenvolvidas atividades com jogos e brincadeiras. Neste espaço, também são realizadas reuniões com as turmas para eventuais comunicados, quando necessário.

Ao dialogar com as crianças que estudaram na escola em anos anteriores e as que atualmente frequentam, percebo a relevância que a quadra tem para elas, pois neste espaço costumam jogar, brincar, conviver e interagir com seus pares. Os antigos estudantes da instituição, geralmente ao retornarem à escola, demonstram expectativas para visitar os espaços, inclusive a quadra, ao lembrarem jogos e brincadeiras que fizeram parte daquela etapa de suas vidas.

Por acompanhar as obras de construção da escola em 2007, observei a busca pelo melhor aproveitamento do espaço diante do terreno disponível, uma vez que não apresenta grandes dimensões de largura e comprimento. Havia inicialmente neste espaço da quadra, um campo de grama. Com a utilização do antigo espaço pelas crianças, não foi possível a conservação do gramado. Por alguns meses, foi utilizado areia neste local, para que em seguida, visando melhor aproveitamento de atividades, a quadra recebesse piso de cimento.

Nos primeiros dias da pesquisa na escola, a fim de ilustrar qual a importância da quadra para as crianças, cito um episódio que envolveu o conserto do encanamento localizado abaixo do referido local. Nesse momento, talvez surjam dúvidas quanto ao propósito de abordar uma situação de reparo em um cano de água neste estudo. A breve explanação a seguir pode contribuir com reflexões sobre esse espaço da escola:

O anúncio da coordenação de ensino sobre o reparo na quadra, com previsão de cinco dias para a conclusão da obra, foi recebido pelas crianças de uma maneira bastante peculiar. Impactadas pela notícia, demonstraram-se preocupadas e ansiosas. Mesmo com os avisos dos coordenadores, as crianças insistiam em sair da sala de aula em direção ao banheiro, rumo ao bebedouro, pois estes estão localizados próximos à quadra. Observa-se nessa descrição que, provavelmente, as crianças gostariam da confirmação com seus próprios olhos, sobre o que de fato estava ocorrendo: a reforma da quadra. Os corpos que insistiam percorrer por esses espaços, inquietos, incrédulos, que monitoram e confirmam a situação no olhar. Um olhar apreensivo e angustiado. As informações sobre o episódio da quadra foram repassadas imediatamente, como se fosse a “brincadeira de telefone sem fio”. Resume-se, três dias para o cumprimento das etapas de uma obra: o reparo na tubulação de água, no piso de concreto e por fim, a pintura da área danificada (Diário de campo, 2023).

Nota-se, nesse acontecimento, a compreensão da criança com relação ao espaço escolar que ela interage, além da maneira como lida com questões imprevisíveis que possam impedir sua participação em práticas de movimento. Ainda sobre a quadra, não possui cobertura e por isso, nos dias de chuva, as atividades práticas realizadas nesse espaço costumam ser transferidas para outra data ou readequadas a outros espaços. As reposições das aulas e atividades pedagógicas são realizadas criteriosamente pelos professores da instituição e são aguardadas ansiosamente pelas crianças. Apesar da existência de locais cobertos para atividades, de menor área, a direção estuda a construção de uma cobertura para a quadra da escola. Eu que, por tantas vezes, disputei o uso da quadra no ensino fundamental, quando estudante, me identifico com tal importância dada a esse espaço por algumas delas.

As intervenções pedagógicas foram todas elas realizadas na quadra da escola, por se tratar de ser um local muito frequentado pelas crianças e por serem desenvolvidas a maioria das atividades propostas nas aulas de educação física. A seguir, apresento a descrição das atividades nas intervenções pedagógicas organizadas na Ficha de Jogo/Brincadeira (2021):

QUADRO 4 – FICHA DE REGISTRO DO JOGO CHUTE AO ALVO

PLANEJAMENTO DE JOGO/BRINCADEIRA – FICHA DE REGISTRO ²²	
Nome	Chute ao alvo
Faixa etária	5 a 10 anos – Ensino Fundamental
Objetivo	Desenvolver a vivência prática do futebol, por meio de situações que envolvam o elemento “chute” a gol.
Papel/função	Os jogadores utilizam-se de uma das ações do futebol (chute) para a participação na atividade.
Contexto	A atividade consiste na apresentação e desenvolvimento do fundamento “chute” no futebol. As crianças poderão experimentar diferentes formas de execução e de direção, com a alternância dos membros inferiores para alcançar seus objetivos no jogo, fazer o maior número de gol na atividade.
Competências motoras	Conhecer níveis de força e de direção com a utilização dos pés; Estimular a precisão em ações com os pés; Coordenar o movimento do corpo e dos pés com a bola.
Competências cognitivas e atitudes	Atenção e concentração; Compreender instruções e respeitá-las; Situar-se no espaço delimitado para execução.
Materiais	Bolas e traves reduzidas (mini gol).
Desenvolvimento	Para a realização, as crianças deverão posicionar-se de frente para cada mini trave, no local de execução do chute. Os participantes deverão permanecer em filas localizadas à frente de cada trave reduzida, tendo apenas uma chance por vez. O chute deverá ser executado em direção à trave solicitada. Ao longo da brincadeira, poderão surgir desafios, como inversão do alvo (de outra fileira) e converter o maior número de gols de uma equipe por um determinado período.
Regras de segurança	Evitar passar pela frente das traves; Não interferência na execução dos/das colegas.
Variações	Utilização dos dois pés; Alterar direção; Inverter a trave (alvo) das equipes que jogam.

Fonte: O autor (2024).

A primeira intervenção pedagógica, “**Chute ao alvo**”, com o propósito de desenvolver a vivência prática do futebol, buscou a apresentação de diferentes formas de realizar o chute, com o uso da parte interna do pé, do peito de pé e da ponta do pé, por exemplo, e o conhecimento da trajetória da bola para esses casos. Ao experimentarem diferentes formas de execução e de direcionamento da bola, foram acrescentados à atividade a alternância dos membros inferiores para o chute na atividade. Assim, as crianças puderam conhecer níveis de força e de direção, testar a precisão de seus chutes, coordenar os movimentos com o corpo e desenvolver a atenção e a concentração. Ouviram as instruções e foram informadas sobre as regras e o respeito a elas.

²² O modelo de Ficha de Registro de Jogo foi adaptado de Sonoda-Nunes e Oliveira (2021).

Como alvo do chute, as traves reduzidas, também conhecidas como mini gol, as quais foram organizadas no final da quadra. Distribuídas em duas fileiras, do lado oposto às traves reduzidas, as crianças estiveram posicionadas de frente para cada mini gol, em um local delimitado como área de execução do chute, tendo apenas uma chance por vez, como combinado antes do início dessa atividade. Dessa forma, o chute deveria ser executado em direção à trave, reservada para cada fileira, de trajetória retilínea.

Ao longo do jogo, promovi alguns desafios, como por exemplo, desenvolver o chute em uma trajetória diagonal, com o mini gol antes referência da outra fileira. As crianças foram se adequando àquela situação, com o olhar diferente da primeira maneira que fizeram a atividade. Como forma de tornar a atividade ainda mais dinâmica, foi definido que a fileira (equipe) que fizesse o maior número de gols em um determinado período seria considerada a vencedora. Fiz alguns testes para que essa atividade tivesse a duração de dois a quatro minutos, a depender do número de participantes de cada turma.

As crianças buscaram uma forma de organização para atingir o objetivo mencionado durante o jogo, com momentos de diversão e de descoberta sobre o seu corpo e desse fundamento no futebol. Foram realizadas adequações para as crianças menores, ao reduzir as distâncias entre os participantes e o alvo. Procurei tomar nota do que observei e mais tarde desenvolvi minhas considerações no diário.

Apresento a seguir um episódio ocorrido nessa intervenção com a turma do segundo ano que chamou bastante a atenção:

Após tecer elogios a tarefa desempenhada por uma criança, a qual envolvia a precisão com os pés, ouvi de uma outra colega um desabafo envolvendo a sua dificuldade com esportes. Perguntei o porquê daquela afirmação, ela me disse que não sabia esporte. Na busca por compreender aquela criança, mantive o diálogo com ela e busquei incentivar a continuidade de suas atividades, para a superação de suas dificuldades para aquele momento. Então, disse a ela que conhecer outros esportes possibilitaria o acesso a novos movimentos, desenvolver outras habilidades, aprendizados, por exemplo. Após esse meu comentário, a criança me olhou e revelou seu gosto por música e começou a cantar. Como se nada tivesse acontecido, realizou as demais atividades e houve o encerramento da aula (Diário de campo, 2023).

Reflieto, seria essa uma forma de chamar atenção do professor para também ser elogiada? Ou apenas demonstrar para si mesma, que ao não ter êxito em uma

atividade compreendida por ela como esporte, cantar seria buscar uma sensação de bem-estar?

Destarte, as conversas com crianças podem revelar experiências anteriores com as práticas de movimento, sejam elas com o esporte ou com outras possibilidades. Conhecer e procurar contribuir para que novas vivências sejam apresentadas a elas, lhe conferem uma nova oportunidade de construir conhecimentos, de adotar um outro comportamento diante de uma dificuldade, entre outras situações.

Na medida em que recebo suas informações, ao compartilharem suas opiniões, percebo o quão significativas são suas contribuições para o trabalho educativo nas aulas de educação física, no sentido de desenvolver novas proposições. Ao participarem de jogos e brincadeiras com o esporte, as crianças demonstraram decisões durante as práticas, ensinaram colegas, compartilharam a maneira como encontraram para realizar o movimento de chute e comentaram seus êxitos.

QUADRO 5 – FICHA DE REGISTRO DO JOGO VOLEIBOL COM ADEQUAÇÕES

PLANEJAMENTO DE JOGO/BRINCADEIRA – FICHA DE REGISTRO	
Nome	Voleibol com adequações
Faixa etária	5 a 10 anos – Ensino Fundamental
Objetivo	Desenvolver a vivência prática do voleibol em um jogo que permite a retenção de bola.
Papel/função	Os jogadores utilizam-se de ações simultâneas durante a realização do jogo (ataque e defesa).
Contexto	O jogo consiste na apresentação do voleibol à criança, com certas adequações para sua participação no jogo, a principal delas a retenção da bola, do passe até o lançamento para a quadra adversária.
Competências motoras	Desenvolver a coordenação de movimentos (frente/trás e lados) com e sem a bola; Estimular a precisão em ações com as mãos; Tempo de reação em ações no jogo.
Competências cognitivas e atitudes	Atenção e concentração; Compreender instruções e respeitá-las; Situar-se no espaço delimitado (posição); Cooperação, empatia e liderança.
Materiais	Bola e rede de voleibol.
Desenvolvimento	Para a realização, as crianças deverão posicionar-se na quadra, formando equipes, as quais podem variar o número de participantes de acordo com o espaço utilizado. Os participantes devem atentar-se para a passagem da bola, sendo que no final de cinco toques, deverão lançar sobre a rede para o campo adversário. Para obtenção de pontos são utilizadas as mesmas regras de partidas oficiais.
Regras de segurança	Evitar sair do local escolhido para jogar; Não interferência na execução dos/das colegas.
Variações	Trocar de lugares no jogo; Alterar integrantes de equipes; Modificar o número de passes de uma equipe.

Fonte: O autor (2024).

Na intervenção pedagógica, “**O voleibol com adequações**”, propus um jogo adequado às crianças com interesse na apresentação do voleibol. Para que a realização dessa atividade fosse possível, imaginei que a bola deveria ser retida pelas mãos de seus participantes e assim poderia ser manuseada mais facilmente nas jogadas até o seu lançamento para a quadra adversária.

Para esse jogo, foram apresentados alguns combinados: o número de “toques” (passagem da bola pelo participante) até o lançamento dela, com cinco passagens por integrantes da equipe antes de seu lançamento, isto é, os participantes dessa mesma equipe seriam os responsáveis por evitar a queda da bola em sua quadra e assim deveriam finalizar para que a bola fosse lançada para o outro lado. Coordenar movimentos (frente/trás e lados) com e sem a bola, desenvolver a precisão

em cada jogada em ações com as mãos e o tempo de reação para segurar a bola são aspectos importantes para a prática da atividade.

Dentro dessa proposta de intervenção pedagógica, as crianças do terceiro, quarto e quinto ano, em diversas oportunidades, lembraram do gesto técnico da “cortada” no voleibol, um movimento de bater a bola em direção ao chão após um salto, bastante explorada nesse esporte. Imagino que deveriam estar ansiosas por demonstrarem seus conhecimentos, mesmo sabendo que tal movimento de ataque não fazia parte dos combinados. Com dificuldades na execução (coordenação do tempo da bola e o acerto da mão), as crianças insistiram na realização da “cortada” no voleibol.

A “cortada” não estava presente no combinado com as turmas, pois em brincadeiras anteriores, sem a utilização da rede, as crianças insistiam em realizar somente esse movimento, não sendo possível desenvolver uma jogada com a participação de várias crianças. Aliás, para o jogo com adequações, pouco se exige deste gesto esportivo, uma vez que se tratava do início da vivência com o voleibol e a utilização da rede.

As crianças do terceiro, quarto e quinto ano, ao demonstrarem o interesse pela “cortada” do voleibol, apresentaram saberes sobre esse esporte, seja pelo contato com vídeos ou observando pessoas que praticam a modalidade ou ainda, a partir de experiências prévias diversas. Dessa maneira, pude observar a realização de um movimento conhecido visualmente por muitas delas no voleibol.

Algumas crianças, principalmente do primeiro ano, tiveram os primeiros contatos com a bola de voleibol e com a movimentação presente no esporte, sem a utilização rígida das regras, expressaram assim dificuldade com a manipulação da bola e em certos momentos demonstraram insegurança para participar das jogadas. Isso oferece uma reflexão, de que a intensidade do jogo foi diferente a considerar a idade da criança e suas experiências anteriores com a manipulação da bola e de alguma vivência com o voleibol.

Com os times mistos, formados por meninos e meninas, as crianças observavam como seus colegas participavam do jogo e, aos poucos, passaram a assumir uma postura de priorizar em suas ações, a escolha por participantes, vistos por elas como capazes de contribuir com conquistas, vantagens, facilidades, êxitos e/ou outro benefício no jogo.

Apesar da minha iniciativa de estabelecer combinados, com adequações às regras, como por exemplo, acrescentar ao jogo a alteração do número de passes (de cinco para sete), propor diferentes ações de ataque e defesa (com quem ainda não teria realizado tais ações), alternar as estratégias de jogo entre as equipes (definir participantes que impediriam a queda da bola), alteração do posicionamento em quadra; a preferência por certos participantes prevaleceu em momentos do jogo. Mesmo com a adaptação de fundamentos do voleibol e o respeito aos combinados, foi possível identificar em situações de jogo, a procura das crianças ora por participantes habilidosos ora pelo vínculo afetivo para a realização da tarefa, na medida em que preferem amigos para passar a bola (Diário de campo, 2023).

Com a ideia de permitir que a criança participasse de um jogo de vôlei, tais condições foram sendo desenvolvidas gradativamente. Apesar da realização de apenas uma intervenção, possibilitei que as crianças, nos horários de recreio, pudessem desenvolver o jogo. Com a rede de vôlei instalada, as crianças passaram a praticar o voleibol, algumas vezes na minha presença e em outras, acompanhadas por professoras. Observei nessas ocasiões que, as crianças ao desenvolverem percepções de jogo e tendo em vista a desenvoltura de alguns participantes com seus êxitos, utilizaram critérios para fazer escolhas, procuraram assim, exercer a **seletividade** na organização e no próprio jogo em questão.

QUADRO 6 – FICHA DE REGISTRO DO JOGO QUEM É MAIS VELOZ?

PLANEJAMENTO DE JOGO/BRINCADEIRA – FICHA DE REGISTRO	
Nome	Quem é mais veloz?
Faixa etária	5 a 10 anos – Ensino Fundamental
Objetivo	Desenvolver a vivência prática da corrida.
Papel/função	Os jogadores utilizam-se da corrida para percorrer um curto trajeto.
Contexto	A atividade consiste na apresentação da corrida. Atentos aos comandos para iniciar a largada os participantes experimentarão a corrida em um trajeto curto até a linha de chegada.
Competências motoras	Desenvolver níveis de direção e rapidez; Estimular a agilidade em ações de corrida; Coordenar o movimento de corrida.
Competências cognitivas e atitudes	Atenção, concentração e reação; Compreender instruções e respeitá-las; Situar-se no espaço delimitado para execução.
Materiais	Cones para delimitação de espaço.
Desenvolvimento	Para a realização, as crianças deverão posicionar-se ao lado dos cones e devem aguardar os comandos do professor para o início da corrida (largada). Ao longo da brincadeira, comandos diferentes poderão surgir, como a partir de charadas, jogo de adivinhação, por exemplo, para iniciar a largada. Ao percorrerem um pequeno trajeto delimitado por cones, serão trabalhadas a constância na corrida e chegada.
Regras de segurança	Evitar passar pela frente dos cones; Não interferência na execução dos/das colegas; Manter distância entre participantes.
Variações	Aumentar as distâncias; Alterar os comandos.

Fonte: O autor (2024).

A intervenção pedagógica, “**Quem é mais veloz?**”, foi desenvolvida para a apresentação da corrida à criança, presente em provas de atletismo. Para isso, as crianças deveriam se posicionar em um espaço determinado por cones, de onde deveriam realizar a largada. Após o comando para iniciar a corrida (em linha reta), deveriam correr até o cone que demarcava a linha de chegada dos participantes.

Nessa atividade, as crianças puderam desenvolver a agilidade em ações de corrida, a coordenação de movimentos, assim como atenção, concentração e tempo de reação que demanda essa atividade. Foram propostos diferentes comandos, que o: “um, dois, três e já!” conhecido por eles. A partir de charadas e o acerto da questão, eu apenas dizia a palavra “já!” para o início da corrida.

Ao percorrerem esse pequeno trajeto delimitado por cones, foram trabalhadas as situações de largada, com a concentração e tempo de reação; o desenvolvimento na corrida, na forma como os movimentos são empregados, agilidade e velocidade até a chegada, parte final do percurso, que define a colocação na prova dos

participantes. Dispostos pela quadra, cones indicavam o local que deveriam iniciar a largada e outros que indicavam o final do percurso na corrida. Fiquei intrigado com a forma com que as crianças do terceiro, quarto e quinto ano ficavam direcionando seus olhares para os cones de largada. Conto uma situação com a turma do terceiro ano, por envolver uma discussão importante que pode ser amplamente trabalhada na escola:

Nessa atividade, procurei me direcionar para perto dos cones (largada) para verificar se havia algo de errado neles. Perguntei o que tanto chamava a atenção delas, pois estavam acompanhando com os olhos se os cones utilizados em marcações estavam devidamente alinhados. Tamanho preciosismo com a colocação dos cones gerou nelas o comportamento de fiscalizar toda largada, sendo realizada a manipulação deles pelos participantes. Praticamente fiscais de prova, esse comportamento desencadeou comentários em um grupo de crianças do terceiro ano, sobre ser justo na atividade. A competitividade e o julgamento presente nessa parte da intervenção pedagógica. Ao perguntá-las, se naquele momento da atividade, estariam elas competindo, a grande maioria do grupo participante se manifestou de forma contrária. Muitas vezes compreendida como algo não recomendável na escola e nas aulas de educação física, resolvi antecipar nossa conversa para esclarecer essa questão com as crianças e assim desenvolver o restante da atividade. Diante disso, perguntei se, seria errôneo pensar em competir nas aulas de educação física na escola, em atividades com o esporte? Suas expressões revelaram o que certamente elas gostariam de dizer naquele momento. Como algo que está para ser dito, mas que exige cautela. Quem gostaria de se expor naquele momento? Quem seria o porta-voz da turma para falar sobre competitividade na escola? (Diário de campo, 2023).

Depois daquele meu pronunciamento, em que possibilitei a discussão sobre o tema e que todos poderiam aprender com aquela situação, ouvi vozes surgindo aos poucos. Para uma dessas crianças, a competitividade é vista na escola, mas seria vergonhoso, segundo ela, assumir-se competitivo(a). Quando perguntei, no primeiro momento, se as crianças se sentiam competitivas, suas cabeças balançaram negativamente. Como assim? E os cones? Sim, a competitividade esteve presente naquela prática, na atividade de corrida. De maneira descontraída, conduzi essa discussão sobre a competitividade na escola. Com risos, olhares desconfiados, as crianças confirmaram adotar a competitividade naquela ocasião. Suas preocupações com a posição dos materiais que demarcavam a etapa da largada na corrida; a maneira que corriam até a chegada, empregando seu esforço máximo; os olhares para a equipe adversária para comparar distâncias até o término da prova; os gritos e a vibração ao vencerem, foram demonstrações disso.

Em outras turmas (quarto e quinto ano) também comentei sobre a competitividade, em conversas ocorridas durante a própria prática. Optei por esse encaminhamento para evitar maiores desgastes entre elas e assim, propor soluções para que pudessem aproveitar o momento em que estavam desfrutando do esporte. Provavelmente, após o encerramento daquela atividade, talvez não fosse possível essa produtiva discussão.

QUADRO 7 – FICHA DE REGISTRO DO JOGO É PARA CORRER E SALTAR!

PLANEJAMENTO DE JOGO/BRINCADEIRA – FICHA DE REGISTRO	
Nome	É para correr e saltar!
Faixa etária	5 a 10 anos – Ensino Fundamental
Objetivo	Desenvolver a vivência prática da corrida com obstáculos.
Papel/função	Os jogadores utilizam-se da corrida e do salto para o finalizar um curto trajeto.
Contexto	A atividade consiste na apresentação da corrida e do salto à criança. De acordo com as orientações, os participantes desenvolvem a corrida e em certos momentos utilizam o salto sobre as barreiras dispostas no percurso.
Competências motoras	Desenvolver níveis de direção, força (membros inferiores); Promover o impulso e o equilíbrio para aterrissagem (salto); Coordenar o movimento de corrida com o salto.
Competências cognitivas e atitudes	Atenção e concentração; Compreender instruções e respeitá-las; Situar-se no espaço delimitado para execução.
Materiais	Cones e cordas.
Desenvolvimento	Para a realização, as crianças deverão posicionar-se ao lado dos cones e aguardar os comandos para o início da corrida (largada). Ao longo da “prova”, deverão correr e saltar de uma a duas barreiras (situações de impulso, fase aérea e a aterrissagem), os participantes retomam a corrida e encerram a tarefa.
Regras de segurança	Evitar passar pela frente dos cones; Não interferência na execução dos/das colegas; Manter distância entre participantes; Atentar-se para a execução dos saltos; Manter as barreiras com altura confortável (salto) para participantes; As cordas não devem estar presas/amarradas aos cones, elas apenas têm a função de referência. No caso de contato do corpo com as cordas, estas devem se soltar, para evitar acidentes.
Variações	Aumentar as distâncias; Modificar a altura das barreiras.

Fonte: O autor (2024).

Na intervenção pedagógica, “**É para correr e saltar!**”, procurei desenvolver uma atividade com interesse na apresentação da corrida e do salto à criança, elementos presentes em determinadas provas de atletismo, no salto com barreiras. Iniciei com algumas orientações sobre os movimentos da corrida, sobre a respiração e a maneira como as crianças deveriam realizar os saltos (aspectos de segurança). Além da apresentação da corrida e do salto, busquei desenvolver níveis de direção, de coordenação motora, de conhecimento de força dos membros inferiores e dos movimentos para realizar o impulso e a aterrissagem no salto.

Para os obstáculos foram utilizados dois cones, um ao lado do outro, com uma corda unindo-os, sem nós. A ideia era de dar apenas referência à criança. Para a brincadeira, as crianças deveriam posicionar-se ao lado dos cones, no início da

quadra e aguardar os comandos para a largada. Ao longo da brincadeira, deveriam correr por um trajeto retilíneo e saltar os obstáculos (barreiras no caso do atletismo) dispostos pela quadra. Com situações de impulso, fase aérea e de aterrissagem, as crianças deveriam retomar a corrida. Finalizariam a “prova” ao cruzarem a linha de chegada.

Embora a tarefa não busque o desenvolvimento da técnica do salto com barreiras, possibilitar a vivência dessa modalidade para a criança permite que o seu repertório de práticas possa ser ainda mais ampliado. Ao propor essa brincadeira, identifiquei nela movimentos que se assemelham com outras brincadeiras da infância, porém com união de duas tarefas, correr e saltar.

As crianças puderam experimentar a sensação do salto em movimento e algumas delas fizeram uso de uma pausa em seus movimentos quando estiveram em frente aos obstáculos, como se estivessem a estudar uma forma de como fazer a passagem sobre ele ou mesmo para o encorajamento para o salto. A meu ver, essas situações possibilitaram aprendizados e o conhecimento do corpo diante de uma ação que pode despertar diferentes sensações, como ansiedade, o fato de se sentir desafiado, de se projetar no espaço e de superar seus próprios anseios e limites (Diário de campo, 2023).

QUADRO 8 – FICHA DE REGISTRO DO JOGO POSSO ENVIAR MENSAGENS PARA O LEBRON?

PLANEJAMENTO DE JOGO/BRINCADEIRA – FICHA DE REGISTRO	
Nome	Posso enviar mensagens para o Lebron?
Faixa etária	5 a 10 anos – Ensino Fundamental
Objetivo	Desenvolver a vivência prática do controle de bola e do arremesso no basquete.
Papel/função	Os jogadores utilizam o controle da bola e realizam arremessos.
Contexto	A atividade consiste na manipulação e no possível domínio de bola pela criança. A partir deste suposto reconhecimento da criança, serão realizados os arremessos, com cálculos de distâncias e níveis de força para converterem a cesta.
Competências motoras	Desenvolver níveis de força, direção e precisão; Aperfeiçoar a coordenação motora e a manipulação da bola; Coordenar movimentos.
Competências cognitivas e atitudes	Atenção e concentração; Compreender instruções e respeitá-las; Situar-se no espaço delimitado para execução.
Materiais	Cones, tabela e bolas de basquete.
Desenvolvimento	Para a realização, as crianças deverão posicionar-se ao lado dos cones e deverão andar com a bola, conduzindo-a. Com o decorrer, propor o domínio da bola quicando com diferentes níveis de velocidade. Em outro espaço, com a tabela de basquete, organizar arremessos de diferentes lugares (utilizando ou não a condução da bola). Durante os arremessos, comentar sobre a possibilidade de comunicar LeBron James, jogador da NBA ²³ , ícone do esporte na atualidade, sobre os feitos das crianças durante a aula.
Regras de segurança	Evitar passar pela frente dos cones; Não interferência na execução dos/das colegas; Manter distância entre participantes; Não jogar a bola contra o rosto do colega ao entregá-la para a próxima atividade.
Variações	Aumentar as distâncias para condução da bola; Alterar a velocidade para conduzir a bola; Variar as distâncias nos arremessos.

Fonte: O autor (2024).

Na intervenção pedagógica, “**Posso enviar mensagens para o Lebron?**”, busquei desenvolver a vivência com o basquete, com a prática da manipulação e do controle de bola associadas à execução do arremesso. Para essa atividade, iniciei com a apresentação da bola de basquete e suas características. As crianças iniciaram a prática com testes do controle da bola de basquete em um percurso de ida e volta (retilíneo) como forma de desenvolver as primeiras aproximações com a modalidade.

Ao entender que estavam acostumadas com esse movimento de conduzir a bola, decidi pelo trabalho de arremesso, em distância curtas, bem próximas a tabela de basquete, adaptada às crianças. Para conhecimento, a tabela de basquete fica

²³NBA (*National Basketball Association*) trata-se da principal liga de basquetebol profissional da América do Norte.

instalada em uma parede que contorna um dos lados da quadra e está fixada em uma altura que permite que as crianças do ensino fundamental possam utilizá-la.

Com o decorrer da atividade, as crianças resolveram testar arremessos com distâncias maiores da tabela de basquete com o intuito de acertarem a direção e assim, converterem a cesta. É importante frisar que as atividades descritas, exigem do professor uma série adaptações, pelo fato do trabalho ser diferenciado dada a idade dos participantes. Em alguns casos, as crianças puderam utilizar bolas de borracha para a realização do arremesso. Reafirmo o interesse por apresentar o esporte às crianças e não cumprimento do rigor técnico, de materiais esportivos presentes em modalidades.

Quanto ao título, pensei em nomear a atividade de acordo com os movimentos que estariam presentes nela, porém em uma conversa descontraída com os meninos do quinto ano:

Resolvi comentar sobre o jogador de basquete profissional, LeBron James, com essa referida turma. Destaquei brevemente suas habilidades e suas pontuações em partidas da concorridíssima Liga de Basquete (NBA). Muitos já o conheciam, logo ousei acrescentar à atividade a ideia de enviar mensagens para o esportista, em caso de acerto nos arremessos. Evidentemente, encontrei uma forma de brincar com as crianças. Comentei com outras turmas sobre LeBron, porém nem todas as crianças o conheciam, principalmente as menores. O jogador de basquete norte-americano recentemente participou de um filme para o público infantil: Space Jam: um novo legado, lançado em 2021 (Diário de campo, 2023).

QUADRO 9 – FICHA DE REGISTRO DO JOGO ARREMESSOS COM E SEM OBSTÁCULOS

PLANEJAMENTO DE JOGO/BRINCADEIRA – FICHA DE REGISTRO	
Nome	Arremessos com e sem obstáculos
Faixa etária	5 a 10 anos – Ensino Fundamental
Objetivo	Desenvolver a vivência prática do arremesso no Handebol.
Papel/função	Os jogadores utilizam-se da bola de handebol para a execução de arremessos.
Contexto	A atividade consiste na apresentação da bola de handebol, sua manipulação e as possibilidades de arremesso no esporte.
Competências motoras	Desenvolver níveis de força, direção e precisão; Promover a manipulação da bola (ao andar e correr); Coordenar a posição dos pés e arremesso com as mãos.
Competências cognitivas e atitudes	Precisão e velocidade de reação; Compreender instruções e respeitá-las; Situar-se no espaço delimitado para execução.
Materiais	Cones, baliza e obstáculo (barreira para dificultar o arremesso).
Desenvolvimento	Para a realização, as crianças deverão posicionar-se ao lado dos cones para condução da bola. Para crianças maiores é possível mesclar ações de engajamento (posse de bola). Em outro momento, posicionar as crianças para a realização dos arremessos, em diferentes locais da quadra, com ou sem obstáculos.
Regras de segurança	Evitar passar pela frente de jogadores que arremessam; Não interferência na execução dos/das colegas; Manter distância entre participantes; Orientar goleiros com relação aos arremessos (proteção).
Variações	Aumentar as distâncias de condução de bola; Alterar lugares de arremessos; Inserir ou retirar obstáculos; Intercalar modos de arremessar.

Fonte: O autor (2024).

Na intervenção pedagógica, “**Arremessos com e sem obstáculos**”, o intuito era a vivência prática do Handebol. Para isso, foram apresentadas algumas das características desse esporte, no que tange à manipulação da bola e o arremesso. Os participantes iniciaram com deslocamentos com a bola em diferentes velocidades, gradativamente, em uma área delimitada por cones.

Ao avaliar previamente essa movimentação com a bola, optei por alterar o desenvolvimento dessa tarefa. Em alguns casos, não houve a variação de velocidade, por se tratar dos primeiros contatos com a condução de bola com uma das mãos. Nessa atividade, foi utilizada uma minibola de futebol, que pudesse ser manipulada pelos participantes, em que a criança segura com apenas uma das mãos a bola e a lança em direção ao chão para o seu retorno ao membro superior.

Em seguida, as crianças conheceram como é realizado o arremesso no handebol. No entanto, tal apresentação não buscava o aconselhamento técnico e sim,

experenciar esse movimento de lançar a bola em direção a baliza de diferentes distâncias e lugares da quadra. As crianças utilizaram a força para realizar o arremesso, estabeleceram níveis de direção e a precisão, sem a presença de obstáculos.

Para a parte final da aula, foi colocado próxima a trave, um brinquedo (escorregador de plástico móvel) para formação de uma barreira, com a finalidade de possibilitar uma variação na forma de realizar o arremesso (para cima, para o lado oposto do obstáculo, por exemplo) e a maneira de lidar com possíveis situações no jogo. Como regra de segurança, o brinquedo esteve posicionado longe dos participantes, sem a possibilidade de oferecer risco a eles. Apesar do brinquedo ser conhecido pelas crianças, devido a sua presença no parque da escola, buscou-se o cuidado com elas. Permaneci próximo da barreira para minimizar eventuais acidentes.

A meu ver, essa modalidade ao ser apresentada, foi constantemente associada ao futebol, por conter elementos que apresentam proximidade (bola, trave e o gol, por exemplo). Percebo as crianças, ao realizarem seus arremessos muito à vontade, comemoram os gols, mesmo que o movimento para que isso ocorra, venha de suas mãos e não de seus pés.

QUADRO 10 – FICHA DE REGISTRO DO JOGO QUE TACADA FOI ESSA?

PLANEJAMENTO DE JOGO/BRINCADEIRA – FICHA DE REGISTRO	
Nome	Que tacada foi essa?
Faixa etária	5 a 10 anos – Ensino Fundamental
Objetivo	Desenvolver a vivência prática da tacada no golfe.
Papel/função	Os jogadores utilizam o taco e uma bola pequena de borracha para a realizar a tacada.
Contexto	A atividade consiste na realização da tacada pela criança, ao envolver questões de precisão, coordenação motora, nível de concentração e de manipulação do taco.
Competências motoras	Desenvolver a precisão; Controlar a força imposta em cada tacada; Coordenar a posição do corpo.
Competências cognitivas e atitudes	Atenção e concentração; Controle da ansiedade.
Materiais	Cones, bolas de borrachas e taco.
Desenvolvimento	As crianças deverão posicionar-se na quadra para realizarem as tacadas de diferentes lugares. Os cones serão os buracos presentes no campo de golfe, dispostos com a abertura para frente. As crianças deverão calcular distância e força em suas jogadas.
Regras de segurança	Evitar passar pela frente de jogadores que irão realizar a tacada; Não interferência na execução dos/das colegas; Manter distância entre participantes;
Variações	Modificar distâncias para tacada; Alterar o braço que realiza a tacada.

Fonte: O autor (2024).

Na intervenção pedagógica, “**Que tacada foi essa?**”, buscou-se a vivência prática da tacada no golfe, uma situação característica desse esporte, porém com adequações para o contexto escolar. Sem a possibilidade de utilizar o taco específico do golfe, foi adequado à atividade um bastão de madeira, devido ao fácil acesso a esse material. Mesmo caso foi feito em relação à bola de golfe, substituída por uma bola pequena de borracha, uma vez que possibilita a continuidade da prática pela criança em outros espaços.

Para essa atividade, os buracos presentes no campo de golfe foram substituídos por cones, os quais foram direcionados com a superfície aberta voltada para a direção dos lugares de realização das tacadas. Com a formação de grupos, os cones foram sendo espalhados pela quadra, tendo cada equipe um alvo. As tacadas foram realizadas de distâncias menores para que as crianças pudessem conhecer os movimentos realizados com o corpo, situações que exigem atenção, concentração e postura.

Com o decorrer da atividade, foi possível a variação do braço para a tacada, o que exigiu um controle postural da criança para que houvesse o sucesso na jogada.

As crianças foram ainda orientadas sobre as regras de segurança durante a atividade para evitar possíveis acidentes durante o uso do taco. A atividade sofreu variações, ao respeitar a idade da criança participante e seu estágio de desenvolvimento.

QUADRO 11 – FICHA DE REGISTRO DO JOGO É BADMINTON OU TÊNIS?

PLANEJAMENTO DE JOGO/BRINCADEIRA – FICHA DE REGISTRO	
Nome	É badminton ou tênis?
Faixa etária	5 a 10 anos – Ensino Fundamental
Objetivo	Desenvolver a vivência de elementos presentes no badminton e no tênis.
Papel/função	Os jogadores utilizam-se da raquete de badminton para lançar a peteca/bolinha de plástico (adaptação) por sobre a rede.
Contexto	A atividade consiste na apresentação da raquete e da peteca do badminton. Para a realização do saque foram utilizadas bolinhas de plástico, as quais deveriam ser lançadas por sobre a rede.
Competências motoras	Desenvolver níveis de força, direção e precisão; Promover a manipulação da raquete para acertar a peteca/bola; Coordenação corporal para a execução.
Competências cognitivas e atitudes	Concentração, precisão e tempo de reação; Compreender instruções e respeitá-las; Situar-se no espaço delimitado para execução.
Materiais	Raquetes, rede, petecas/bolinhas de plástico.
Desenvolvimento	Para a realização, as crianças deverão posicionar-se de um lado da quadra para a realização do saque com a raquete. Devem lançar a bola para o alto e tentar acertá-la por sobre a rede. Nesse caso, a rede é instalada como no tênis, para possibilitar as ações das crianças. Ao longo da atividade, são pontuadas semelhanças e diferenças entre o badminton e o tênis.
Regras de segurança	Evitar passar pela frente de jogadores que estão utilizando a raquete; Não interferência na execução dos/das colegas; Manter distância entre participantes;
Variações	Aumentar as distâncias do saque; Modificar altura da rede; Alternar peteca/bolinha de plástico; Alternar membros superiores para o saque.

Fonte: O autor (2024).

Na última intervenção pedagógica, “**É badminton ou tênis?**”, as crianças puderam conhecer os elementos presentes nesses esportes, com uma prévia apresentação das modalidades e de seus equipamentos. Apresentei a elas então, os seguintes materiais: bola de tênis, a raquete e a peteca do badminton. Após conversar com as crianças sobre esses equipamentos, instalei a rede de vôlei já conhecida por elas, em outra intervenção, porém em uma altura semelhante à modalidade tênis. Imaginei que as crianças poderiam apresentar dificuldade com a elevação da rede, caso do badminton.

As crianças conheceram o manuseio da raquete do badminton e para testar suas jogadas, substituí as petecas de badminton por bolinhas de plástico. Essa substituição facilitou o acerto das jogadas e possibilitou um melhor aproveitamento na busca por direções, de precisão e da força que empregavam. Dispostas no final de cada lado da quadra e, tendo a rede instalada no meio deste espaço, as crianças

puderam experimentar o movimento de lançar a bola para alto e com a raquete em suas mãos, acertá-la. Possíveis adequações foram desenvolvidas, como variações na distância da jogada em direção à rede.

As crianças do primeiro e do segundo apresentaram maior dificuldade para a realização desse movimento, ao envolver concentração, precisão e tempo de reação. Nesse caso, com experimentos da tarefa, foram observando e compreendendo o lançamento da bola e o movimento que deveria ser desenvolvido. Na sequência, preocuparam-se com o uso da força em cada jogada. Algumas crianças do terceiro, quarto e quinto também precisaram de uma adaptação nas distâncias para a realização da tarefa.

Novamente reitero aqui meu intuito de apresentação do esporte à criança, com o interesse de conhecer sua compreensão sobre ele. Para isso, penso ser necessário avaliar as informações que as crianças trazem sobre os esportes, bem como registrar suas considerações quando o descobrem na escola em um formato voltado para esse espaço, com possibilidade de adequações. De forma ressignificada, foram utilizados materiais disponíveis da escola e que, em algumas hipóteses, poderiam até mesmo serem fabricados. No futuro, em anos finais do ensino fundamental, existe a possibilidade de as crianças conhecerem os equipamentos oficiais desses esportes apresentados e, se possível, poderão experimentá-los em suas práticas.

Ressalto que as intervenções pedagógicas aqui apresentadas não foram planejadas para serem transformadas em um material de consulta por outros professores. Buscou-se apenas a organização de práticas que pudessem despertar o diálogo e o corpo em movimento, como formas de linguagens da criança, tendo em vista o contexto escolar. Tenho por convicção de que não se trata de uma receita pedagógica, longe disso. Minhas escolhas apenas demonstram formas que encontrei para que as crianças conversassem sobre o esporte, ao movimentarem seus corpos e realizassem gestos esportivos.

É possível que, em outras ocasiões, minhas proposições possam ser alteradas, com a utilização de outros materiais, com nova organização de espaços, uma outra metodologia de ensino, caso seja necessário. Compreendo que o professor-pesquisador a todo momento deve estar disposto a rever e refletir sobre a sua prática, diante de novas necessidades. Afinal, quantas vezes, haverei de colocar

a mochila nas costas para buscar novas descobertas com o esporte? Espero que muitas.

Sobre as narrativas das crianças, as entrevistas e conversas ocorreram de forma espontânea, de caráter não-obrigatória, uma vez que me coloquei à disposição para o diálogo em outras ocasiões, de forma individualizada, em duplas, em pequenos grupos, quando assim desejado pela criança. Assim, alguns dados foram produzidos na organização de uma fila para a atividade, na execução de um gesto do esporte, na disputa por um ponto no jogo, no descontentamento ou na alegria por uma jogada ou em ocasiões em que fui procurado pelas crianças na coordenação da escola. Como exemplo disso, certo dia uma criança aguardava minha chegada à escola para entregar algo que havia produzido. Participante da pesquisa e das aulas extracurriculares de futebol na escola, compartilhou algo importante:

Certo dia acabei sendo surpreendido, ao receber dois recortes de papel sulfite, um deles colorido com caneta amarela e outro com caneta vermelha. Costumo receber cartas e desenhos sobre as aulas de educação física, de esportes e doces das crianças, mas o que seriam dois recortes coloridos? No primeiro momento, fiquei sem reação. Observei detalhes e prontamente fui informado por ela de que eram dois cartões confeccionados para as aulas de futebol. Minha interpretação momentânea foi a seguinte: estava a dizer que eu deveria adotar um rigor maior nos jogos de futebol (aula de extraclasse). Para aquela criança, utilizar cartões seria uma forma de **controlar ações violentas** cometidas por outra criança durante os jogos. Mesmo com a minha orientação nas aulas, em que procuro conversar sobre faltas e atitudes que podem gerar acidentes na quadra, os cartões produzidos pela criança, em sua maneira de ver, era uma tentativa coibir infrações, possíveis lesões e privilegiar momentos com a bola, com movimentos daquele que busca a construção de uma jogada, inclusive o gol (Diário de campo, 2023).

Carvalho, Santos e Machado (2022), inspirados na leitura da dissertação de Santos (2021), uma pesquisa com crianças, apontam que “[...] existem inúmeras oportunidades para que os adultos ouçam as opiniões das crianças como propositivas, algo que pode impactar as tomadas de decisão em um processo” (Carvalho; Santos e Machado, 2022, p. 46).

Refleti então sobre minha prática docente, sobre os combinados que temos durante as atividades, uma vez que utilizo os cartões somente em jogos considerados amistosos que costumo conduzir na escola. Adotar o uso constante seria a melhor forma de dar uma resposta às ações mais duras das crianças que jogam o futebol na escola? Fiquei pensativo. Compartilho a seguir, mais algumas situações com as crianças, sobre o que pensam quando participam de jogos com o esporte.

Em diferentes momentos, durante a prática de atividades, ouvi das crianças o vocábulo “injusto”. Compreendi nesses momentos que estavam buscando minha atenção, para que uma vantagem de algum participante pudesse ser reparada a tempo, uma forma de corrigir uma suposta infração no jogo/brincadeira. O suposto **juízo** realizado pelas crianças esteve presente não só na intervenção, “Quem é o mais veloz?”, que envolvia a corrida e o uso dos cones para o posicionamento na largada, mas também em outras atividades.

Observei esses momentos durante as intervenções de quem participa e de quem assistia momentaneamente as atividades (ao integrarem outras equipes), no sentido de conferir que a atividade deveria ser algo justo, idôneo, de uso do fair-play, por exemplo. A meu modo de ver, tive a impressão de que embora algumas crianças não conheçam esses termos, muitas delas o esperam presentes nessas atividades.

No jogo de voleibol adaptado, por exemplo, os combinados possibilitaram que a prática da modalidade fosse desenvolvida pelas crianças desta idade, por meio da retenção de bola, do maior número de toques até a passagem da mesma sobre a rede para o lado oposto, ações essas implementadas e executadas por todas as turmas. Durante o desenvolvimento do jogo, as crianças buscaram o monitoramento de jogadas do time adversário, reuniram-se para adoção de estratégias, inclusive ofereceram suporte (sua visão do lance em questão) para as decisões envolvendo infrações e marcações de pontos.

Apesar de expressarem suas opiniões, as crianças costumam aguardar decisões em lances pontuais de jogo, como por exemplo, em situações que a bola toca ou não a linha da quadra, para as ações de bloqueio com possível toque na rede, a quantidade de toques realizados por uma equipe, entre outras possibilidades. Fato é que nem sempre minhas decisões agradaram todas as crianças que ali estavam (Diário de campo, 2023).

Ao longo das intervenções pedagógicas percebi que muitas delas buscavam eleger e assim, ocupar os melhores lugares de posicionamento no voleibol segundo suas conclusões sobre a participação em jogadas; ficaram atentas aos cones e aos comandos nas atividades de corrida para otimizar a largada e ter vantagem na atividade, entre outras possibilidades.

Notei que, grande parte das crianças, que se encontravam imersas no jogo ou na brincadeira, dentro de suas possibilidades, buscaram participar de decisões de jogo/brincadeira, dialogavam com seus pares, questionavam decisões de quem

conduz a atividade, por exemplo, como forma de manifestar emoções e sentimentos no jogo.

Em uma atividade de contraturno, proposta com o voleibol adaptado, as equipes tiveram em sua formação crianças de diferentes faixas etárias. Observou-se que o jogo de voleibol, com o conhecimento e com a prática por parte das crianças, possibilitou que interações sociais pudessem ser desenvolvidas, bem como habilidades sociais, como por exemplo, a socialização, a cooperação, a coragem, a empatia, entre outras. Em momentos do jogo, participantes que apresentavam maior idade demonstraram zelo, cuidado e respeito pelas crianças menores (Diário de campo, 2023).

Acredito que a atividade, dessa vez realizada no contraturno escolar, permitiu a participação e o envolvimento das crianças que estavam dispostas a vivenciar o jogo. Essa conduta pode ter sido desenvolvida ao longo das conversas, das orientações durante a prática, do aconselhamento de familiares, das professoras que acompanharam a atividade e tanto contribuíram diariamente para o desenvolvimento de tais aspectos sociais.

Percebi que participantes que apresentavam facilidade com gestos e movimentos no jogo ou brincadeira, tinham a iniciativa de liderar as equipes, orientavam outros colegas e elaboravam estratégias. Observei o desenvolvimento da **autonomia** na criança em situações com o esporte.

Outro ponto a ser destacado é que a quantidade de participantes influenciou diretamente em situações de jogo, pelo fato de que equipes formadas por um número maior de participantes, prevaleciam jogadas com a participação das crianças que apresentavam maior facilidade para desempenhar funções. Quando organizado em equipes menores, o jogo possibilitou o envolvimento de um número maior de participantes, com melhor ocupação de espaços da quadra, melhor comunicação com os integrantes de equipe (Diário de campo, 2023).

As crianças ao participarem mais do jogo, demonstravam mais confiança em suas jogadas e estavam mais seguras para alternar passes e a passagem da bola sobre a rede. Algumas delas afirmaram que, durante o período de pesquisa na escola, realizaram treinos em casa, como possível forma de aprimorar o desempenho esportivo nas atividades. Embora eu não houvesse comentado sobre essa possibilidade com as crianças, ao longo das intervenções, demonstraram preocupação com a melhora de aspectos técnicos das modalidades, com correções posturais, nos gestos, algo visto por elas como aprendizado. Algumas crianças

destacaram a dedicação em situações de jogos e brincadeiras, como uma característica fundamental nas atividades esportivas.

Nesse caso, alguns comportamentos foram questionáveis pelo grupo no jogo de voleibol adaptado, como a não participação de algumas crianças em lances decisivos, adotar a postura de cruzar os braços ou de permanecer com o corpo agachado em situações que exigissem atenção e ações da criança. Em algumas atividades foi possível identificar cobranças entre as crianças, com relação à dedicação no jogo/brincadeira. O jogo coletivo, nesse caso, com interesses diferentes de integrantes de uma mesma equipe (Diário de campo, 2023).

Em determinados momentos, foram observados gestos dos participantes em direção à equipe adversária, com intenção de demonstrar a vibração de seu time, a força de quem converte uma boa jogada, a conquista da vitória no último instante e/ou que impede o ponto do time adversário, de quem ousa vencer seus próprios limites, por exemplo.

Expressaram contentamentos com seus feitos nas atividades, externaram com seus pares, realizaram gestos característicos de atletas profissionais, como dos jogadores de futebol, Cristiano Ronaldo, Erling Haaland e Kylian Mbappé e do velocista olímpico jamaicano, Usain Bolt (Diário de campo, 2023).

As crianças que frequentavam o primeiro e o segundo ano do ensino fundamental, apresentavam maiores dificuldades com relação à nomenclatura das modalidades esportivas. Como ilustração desse comportamento, ao compartilharem momentos e dialogarem com seus pares, expressaram com certa desconfiança o nome da modalidade esportiva que estavam se referindo. Diante disso, houve o cuidado de revisitar tais práticas apresentadas durante o trimestre letivo, quando necessário: retornei com comentários sobre as modalidades e seus elementos, a associação do voleibol e da rede para a passagem da bola, do basquetebol e da cesta para obter a pontuação. A cada tarefa anunciada nas aulas, acostumei ouvir seus comentários sobre as práticas propostas, em que reconheciam gestos e movimentos. Seus depoimentos eram repletos de otimismo, quanto a sua realização, nem tanto.

Alguns apontamentos específicos da turma do **primeiro ano** do ensino fundamental obtidos nos momentos de diálogo:

Nossa conversa esteve pautada no interesse das crianças na participação em jogos/brincadeiras com o esporte na escola. Afirmaram acompanhar esporte pela televisão e internet. Seus comentários estavam relacionados em sua maioria com o futebol. Em seus depoimentos, comentavam sobre os

materiais que já conheciam e mencionavam conteúdos esportivos assistidos por elas, como por exemplo, os anúncios publicitários. Ao longo dos encontros, observou-se que alguns esportes se apresentavam como novidade para a maioria das crianças. Destaco nesse caso, as questões relacionadas à nomenclatura das modalidades esportivas, presentes em suas falas e certa dificuldade para expressar de qual modalidade estavam se referindo. Apesar de muitas delas terem frequentado a educação infantil, para o grupo de crianças do primeiro ano, a palavra esporte, passou a ser mais pronunciada nessa fase da vida delas. Em suas brincadeiras, o esporte está cada vez mais presente. Incorporado ao repertório de práticas desenvolvidas por elas (Diário de campo, 2023).

As crianças que frequentavam o **segundo ano** do ensino fundamental, quando perguntado sobre esporte, tiveram suas falas relacionadas às regras que estão presentes nas diferentes modalidades, premiações, preparação física e treinamentos táticos:

Comentaram sobre as premiações existentes no esporte de alto rendimento, algo amplamente repercutido pela turma. Para elas, é possível ver as adequações realizadas no esporte proposto na escola, desenvolvido durante as aulas de educação física e nas intervenções pedagógicas presentes nesta pesquisa. Mencionaram diferenças no desenvolvimento físico e emocional de atletas profissionais e das crianças. Demonstraram, em sua maioria, conhecimento prévio sobre as modalidades, informações de atletas, preparação física que esportistas realizam, dos treinos táticos, da performance nas competições. Reconhecem que aprendem o esporte na escola de uma maneira diferenciada do que é visto por elas na mídia. Segundo elas, os atletas profissionais realizam treinamentos específicos para as atividades que desempenham e assim são capazes de executar com maior facilidade, em busca da conquista de seus objetivos. Em outras oportunidades de diálogo, ainda afirmaram que profissionais do esporte apresentam as condições ideais para performar (preparo físico e treinamento), assim evitam ou minimizam acidentes durante a prática, diferentemente delas que estão mais expostas às lesões, dores e quedas quando praticam esporte. Em resumo, a turma do segundo ano, demonstrou riqueza de detalhes, sobre como compreendem o esporte. A turma esteve muito envolvida com as atividades propostas (Diário de campo, 2023).

Em conversa com as crianças do **terceiro ano**, ouvi seus comentários sobre o conhecimento e a utilização de regras em competições profissionais. Buscaram estabelecer um comparativo com os jogos e brincadeiras desenvolvidos na escola, ao considerar suas especificidades, como por exemplo, a adequação ao número de participantes, a rotina de treinamento, o uso de técnicas e de materiais/instrumentos utilizados em diferentes modalidades.

Durante a conversa com as crianças, elas afirmaram que as atividades propostas com o esporte na escola não foram condizentes com o contexto que estão acostumadas a ver na televisão, ou seja, não contemplaram situações de jogo semelhantes às partidas oficiais. Para a apresentação das modalidades esportivas na escola foram desenvolvidas atividades com

elementos do esporte, com gestos e movimentos presentes nas ações de diferentes modalidades, uso de materiais e equipamentos para a prática adequados ou similares, ao respeitar especificidades dos anos iniciais do ensino fundamental. Apresentaram conhecimento de diferenças e semelhanças entre o esporte que costumavam assistir e o praticado na escola. Comentaram sobre jogadas desenvolvidas por atletas, sobre a intensa movimentação em quadra ou no campo e as estratégias adotadas por profissionais do esporte em jogos oficiais (posicionamento, esquema tático, por exemplo). Para elas, o desempenho individual e coletivo de profissionais é algo idealizado por elas (Diário de campo, 2023).

As crianças do **quarto ano** do ensino fundamental destacaram a apresentação de novas modalidades, informações sobre a prática desenvolvida em seu convívio social e a forma como o esporte foi apresentado na escola, com adequações às crianças. Por fim, demonstraram seus conhecimentos sobre o esporte obtido muitas vezes pelo acesso à mídia.

Em suas falas estavam presentes esportes que até então, não eram previamente conhecidos por elas, caso do badminton, golfe e do handebol. Considerados por muitos participantes como novidade, tais práticas foram inseridas no cotidiano escolar, devido as intervenções propostas na pesquisa. Segundo elas, é de costume praticar esportes com pessoas que estão em seu convívio social e, na maioria dos casos, gestos e movimentos foram aprendidos com a ajuda de familiares. Ao longo da pesquisa, elas manifestaram que parte de seu repertório de movimentos foram inspirados em atletas profissionais, vistos na mídia esportiva, tendo a predominância do futebol entre as crianças, sobretudo, os meninos. Os comentários sobre os movimentos realizados por elas nos esportes, teve o golfe como destaque. Apesar de ser explorado na atividade, o movimento de tacada, sua realização esteve condicionada a outros elementos como precisão e concentração para a sua realização. Não foi possível adquirir ou emprestar um taco para a prática, nem a original bola de golfe. Nesse caso, utilizou-se um taco de madeira, capaz de simular o equipamento e bolas pequenas de borracha como forma de substituir a bola característica desse esporte. Refletiram ser de suma importância aprimorar gestos, movimentos e o uso de técnicas. Para elas, dedicação e intensificação das práticas, contribuirão para o nível de desenvolvimento. Questões sobre o comparativo entre o espaço da escola e os locais de práticas profissionais foram também mencionadas. As medidas de quadra, dimensões de campos, altura de rede no voleibol, da tabela de basquete, foram exemplos de que na escola as práticas foram adequadas às crianças. Segundo as crianças do quarto ano, os atletas profissionais são diferenciados, principalmente no que diz respeito à força e à habilidade, sendo frutos do treinamento da prática esportiva. Revelaram ainda ter conhecimento e interesse em anúncios publicitários e pesquisam sobre os salários de atletas. Os ganhos dos atletas foram citados por elas em conversas, principalmente de jogadores de futebol (Diário de campo, 2023).

Por fim, as crianças do **quinto ano** do ensino fundamental deram ênfase as modalidades até então conhecidas por elas. Comentaram sobre a aprendizagem de movimentos, treinamentos e estabeleceram comparações do esporte que foi praticado nas intervenções pedagógicas com o que estão acostumadas a assistir:

Modalidades como o badminton e o golfe foram ditas como práticas até então desconhecidas por elas. Os movimentos presentes nesses esportes despertaram a atenção dessas crianças, bem como o salto na corrida com obstáculos. Para elas, a aprendizagem de novos movimentos e a obtenção de êxitos em sua performance, são elementos motivacionais para continuidade da prática de um esporte. Duas crianças dessa turma, participavam de projetos esportivos, sendo uma delas, praticante de badminton e outra de beisebol e corrida (atletismo). Durante as aulas, contaram sobre suas experiências nos projetos e demonstraram entusiasmo em praticar novas modalidades na escola. A turma, sobre a comparação do esporte desenvolvido na escola e o esporte visto por elas na mídia, apresentou justificativas diante do conjunto de habilidades de um jogador profissional, com considerações sobre a diferença no treinamento. As crianças destacaram a importância em dedicar-se nos treinamentos, com o intuito de serem mais capazes de desenvolverem habilidades em diferentes esportes ao longo da vida escolar (Diário de campo, 2023).

De modo geral, as contribuições das crianças, permitiram reflexões sobre o trabalho educativo com o esporte. Conduziram alternativas para eventuais ajustes em futuras intervenções pedagógicas e foram essenciais para a proposição de novos questionamentos nas aulas de educação física.

Nesse período de realização da pesquisa, notei a quadra constantemente movimentada pelas crianças com jogos e brincadeiras. Nos intervalos destinados às turmas, de recreação, a quadra apresentou uma divisão de espaços, com a finalidade de possibilitar o convívio das crianças tendo em vista a diversidade de atividades que desenvolvem nesse espaço. Demonstaram enorme apreço pelas práticas do basquete, do futebol, do voleibol (adequado), bem como nas brincadeiras de queimada e de pular corda, provavelmente por essas atividades utilizarem materiais que estão sempre disponíveis para uso.

Como possível repercussão do trabalho educativo com o esporte, fui procurado por um grupo de meninas do quarto e do quinto ano do ensino fundamental para a realização de aulas de futebol, como opção de aula extraclasse. A oferta da modalidade seria mais uma opção para as meninas dessa faixa etária, uma vez que a dança também integra as modalidades extraclasse. Por falta de horários para a abertura de turmas do futebol, não foi possível a oferta do futebol feminino para o ano letivo de 2023.

Com o início do ano letivo de 2024, as crianças que permaneceram na instituição escolar e integraram o estudo, perguntaram sobre o desenvolvimento da pesquisa e sobre possíveis conclusões. Comentei sobre a continuidade da pesquisa e sobre a análise das informações produzidas com as intervenções. Observando-as, no retorno das aulas de educação física, identifiquei situações de engajamento com

atividades esportivas, tendo como principal referência seus comentários sobre as férias, sobre suas experiências em atividades de lazer, o desenvolvimento da prática esportiva, a aquisição de novas habilidades e por fim, compararam seus movimentos com os realizados por atletas profissionais.

As meninas apresentaram novamente o interesse pela oferta das aulas de futebol feminino, como atividade extracurricular. Nesse caso, destaco essas crianças “[...] como interlocutores competentes, que podem informar e opinar sobre seus mundos sociais de diferentes maneiras” (Kremer; Barbosa; Gobbato, 2022, p. 85). Foram disponibilizadas vagas para a formação de turmas. Além da visibilidade da modalidade, presente na mídia, reflito sobre a contribuição das aulas com o esporte para que houvesse o interesse das meninas pela prática do futebol na escola ou ao mesmo para encorajá-las a buscar a prática da modalidade.

Percebo em alguns momentos, nos horários de recreação, as crianças com interesse pela prática do basquetebol, como possibilidade de conhecer mais sobre esse esporte. O arremesso da bola em direção a cesta tem despertado a atenção delas. Reparo como se concentram antes da execução, procuram organizar as filas e combinados, demonstram confiança no acerto e recomeçam quando o êxito não acontece. Nesses casos, como estratégia, costumam arremessar mais próximo da cesta para que o sucesso na tarefa venha ocorrer.

O futebol permanece como a principal prática esportiva da escola, agora com ampla participação das meninas do quarto e do quinto ano nas brincadeiras com a modalidade nos momentos de recreação. Uma brincadeira de chute a gol, por exemplo, apresenta organização própria, a partir de combinados desenvolvidos por seus praticantes, sendo respeitados criteriosamente por eles.

Fato é, que dialogar com as crianças na busca por conhecer a compreensão delas sobre o esporte tem enriquecido meu trabalho docente. Aprender e reconhecer que os gestos e os movimentos realizados com o corpo são capazes de demonstrar conhecimentos, habilidades, expressar sentimentos é algo que reflete em novas proposições educativas que procuro desenvolver na escola. Foram extremamente relevantes os momentos de diálogos que me acostumei a desenvolver com as crianças em situações espontâneas nos espaços de convivência na escola e durante as atividades propostas, em que as crianças expressaram ideias, preferências, sensações e conhecimentos sobre esporte.

Para esse contexto escolar, apesar da idealização de conversas em formato mais estruturado, pontualmente organizadas durante a investigação empírica, as crianças demonstraram maior espontaneidade quando conversavam comigo na quadra entre o intervalo de uma atividade, nos comentários sobre uma prática, durante as suas ações em jogos e brincadeiras.

Com o objetivo de conhecer a compreensão da criança sobre o esporte, ousei pesquisar dentro do contexto escolar em que atuo como professor de educação física. O esporte tão presente na escola, nos comentários das crianças, em suas práticas de movimento, nos jogos eletrônicos e nas mídias sociais que costumam acessar.

Relembro então, as palavras de Charlot (2000, p. 33), em que o autor afirma que a criança é “[...] um sujeito confrontado com a necessidade de aprender e com a presença, em seu mundo, de conhecimentos de diversos tipos”. É sobre conhecer a compreensão da criança, em uma época, que demonstra ser diferente da minha, com outras transformações econômicas, políticas e sociais, que desperta a curiosidade do exercício da pesquisa.

6 O PÓS-JOGO: AS CONSIDERAÇÕES SOBRE O ESTUDO

A partir dessas considerações que envolvem a triangulação de dados como método de análise, direciono o olhar para a produção dos dados desta pesquisa, tendo como base as narrativas com as crianças e minhas observações sobre o comportamento delas, seus gestos e movimentos. Isso me possibilita elencar categorias/temas que emergiram das falas das crianças e do corpo em movimento com o esporte na escola.

No entanto, destaco nesse momento de análise, as orientações de Garanhani e Alessi (2022), em que as autoras afirmam que:

[...] necessitamos estar atentos para escutar os ditos e não-ditos, valorizar os diferentes pontos de vista e os sentidos que as crianças dão às suas percepções. E, por fim, acolher seus enunciados (Garanhani; Alessi, 2022, p. 119).

Exatamente com essa intencionalidade de buscar a valorização da diversidade de olhares das crianças, idealizei desde o planejamento dessa pesquisa desenvolver o trabalho investigativo sobre um fenômeno tão presente e relevante em nossa sociedade, a fim de conhecer a compreensão da criança sobre o esporte.

Para isso, a proposição de oito intervenções pedagógicas, realizadas durante o horário das aulas de educação física, com crianças dos anos iniciais do ensino fundamental, inseridas em um determinado contexto social, em uma realidade escolar singular. Nesses encontros, imaginei ser possível presenciar situações que poderiam demonstrar as relações que as crianças apresentariam com o esporte.

Pois bem, em suas falas pude notar quais os conhecimentos prévios que trazem sobre o esporte, sobre suas práticas. Percebo assim, o esporte presente no cotidiano infantil, de maneira mais específica, na escola. O envolvimento ao participarem de jogos e de brincadeiras e (re)conhecerem modalidades esportivas. Conhecimento que se amplia e reverbera nesse espaço.

Ao optar por um estudo etnográfico me atendo ao pensamento de Sarmiento (2003), em que o autor revela que:

A etnografia visa apreender a vida, tal qual ela é quotidianamente conduzida, simbolizada e interpretada pelos actores sociais nos seus contextos de acção. Ora, a vida é, por definição, plural nas suas manifestações, imprevisível no seu desenvolvimento, expressa não apenas nas palavras, mas também nas linguagens dos gestos e das formas, ambígua nos seus

significados e múltipla nas direcções e sentidos por que se desdobra e percorre (Sarmiento, 2003, p. 153).

Aprender sobre a vida, sobre o cotidiano. No contexto, verifica-se uma ação. Manifestações da criança sobre o esporte, com palavras, gestos e movimentos. Assim, ao ter como objetivo geral desse estudo, para conhecer a compreensão da criança sobre o esporte, utilizei como referência o modelo analítico (5E's) proposto por Marchi Júnior (2015), ao abordar a **polissemia dimensional do esporte** (a emoção, a estética, a ética, o espetáculo e o educacional) no sentido de relacionar os dados produzidos na pesquisa com as dimensões apresentadas pelo autor.

Como ponto de partida, a **emoção**. A manifestação dos sentimentos e das sensações das crianças nas atividades pedagógicas com o esporte. O preparo e a concentração no início de um jogo, as situações sobre competitividade, a busca por resultados, o esforço em cada lance disputado, a espera pelo resultado em um jogo, a seletividade na adoção de critérios para a formação de uma equipe.

Afinidades construídas no jogo e nos momentos fora dele. As ações ao jogar, a cobrança e a autocobrança, por assim dizer. Na derrota, reconhecer as críticas. Na vitória, os elogios e a exaltação de alguns, pela jogada mais importante ou pelo ponto/tento da vitória. Comemora-se e muito, quando vencem. Quando espectadores, torcem por outras equipes. Contestam marcações de um jogo. Sobram questionamentos para o juiz, melhor dizendo, para o professor. Aliás, se tem uma câmara perto da quadra, que se use para definir um lance duvidoso. Atitude justificável em época de recurso eletrônico no esporte.

O episódio na primeira intervenção: elogios a tarefa desempenhada por uma criança, capaz de despertar em outra um desabafo. Para quem desabafa, dificuldade com esporte, por não saber como fazê-lo. Incentiva-se. O olhar da criança revela o gosto por música. O canto que se inicia, como se nada tivesse acontecido. Reflito então sobre o chamado, proferir um elogio. Ao não ter êxito no esporte, cantar poderia ser a busca por uma sensação para se sentir bem. Como se acompanhasse pela televisão a entrevista de um atleta prestes a uma pausa na carreira, após uma difícil situação, seja ela pela eliminação no campeonato, por não avançar em uma prova classificatória, por uma eliminação inesperada nos Jogos Olímpicos. Superação de expectativas e de desafios. Atletas e torcedores lidam com emoções, a criança também.

Prossigo com minhas considerações sobre o estudo, na segunda dimensão apresentada por Marchi Júnior (2015), a **estética**. Atletas costumam ter uma rotina de treinamento e de preparação física, entendida pela criança nesse estudo, como fundamental para o desempenho de suas funções. Em minhas observações, muitas delas acompanham a carreira de esportistas e se inspiram em suas trajetórias. Procuram traçar um comparativo entre a maneira como elas praticam esporte e os profissionais que nele atuam. Para elas, a importância de um corpo condicionado para performar em diferentes modalidades esportivas. O corpo do esportista profissional diferente do delas, na capacidade de realizar grandes feitos, grandes jogadas, a exemplo da “cortada” no vôlei e sua combinação de precisão e força. A finalização de uma jogada, técnica, algo visto por elas pela televisão, em um jogo com amigos e familiares. Um movimento de imponência.

Ainda por essa dimensão do esporte, relembro a seguinte frase: “Professor, eu estou treinando em casa!” O comportamento da criança na busca por seus objetivos: o sucesso nas tarefas, a preparação do corpo para as situações de jogo, o desenvolvimento da força, da agilidade em determinadas atividades. A criança que se inspira na rotina do atleta, em busca de afirmação, do caminho correto para ter resultados. Resultados esses que podem ser apresentados na escola, nos locais de ensino/prática do esporte (as conhecidas “escolinhas”), nos clubes em que costumam frequentar.

A **ética**, dimensão apresentada por Marchi Júnior (2015), me possibilita recordar regras e combinados com as crianças na escola, nos jogos desenvolvidos com o esporte no local de pesquisa. Importante mencionar que as crianças fizeram questão de conhecê-las. O primeiro contato para que as ações do jogo pudessem ser realizadas. Com o jogo em andamento, suas análises para se certificarem que essas estavam sendo devidamente cumpridas. Após o jogo, retomam suas análises, discutem o que valeu ou não, justificam suas opiniões.

Sobre esse aspecto, posso dizer que nas atividades procurei ser o mais criterioso possível e evitar eventuais discussões. Algumas crianças, ao demonstrarem alcançar seus objetivos nas atividades, argumentaram sobre minhas decisões nos jogos. Opinavam sobre lances pontuais, sobre um possível favorecimento à uma equipe. Minha intenção foi sempre acertar, mas até hoje desconheço um árbitro que não tenha se equivocado em lance de jogo, na interpretação de uma jogada. Ossos do ofício.

Recordo, ao tratar sobre a ética, do recebimento de dois recortes de papel confeccionados por uma criança, os quais simbolizavam cartões amarelo e vermelho, reconhecidos por ela como objetos de punição dentro de um jogo. A meu ver, sentia-se incomodada no treino de futebol, aula extracurricular, pelo fato de ser impedida de jogar, em função das faltas que costumava receber. A autonomia, o conhecimento de regra e de sua liberdade para jogar futebol. Argumentação crítica, puramente expressa.

O esporte visto como **espetáculo**. As crianças demonstraram em suas falas, em seus movimentos, em suas condutas, conhecimentos sobre o fenômeno esportivo. Defendem suas equipes, comemoram com seus pares, questionam a arbitragem em situações de jogo. Inspiram-se em gestos e movimentos presentes no esporte, no comportamento de atletas em competições, no conteúdo que assistem em transmissões, nas entrevistas e inclusive nas ações de atletas em nossa sociedade.

Ao terem acesso às informações sobre o esporte na mídia, observam como atletas se comportam, uma torcida se manifesta, as postagens nas redes sociais. Visualizam a forma como uma equipe se reúne para definição de estratégias, como rezam em campo, reconhecem e avaliam as situações de *fair-play*. As crianças demonstram acompanhar o espetáculo esportivo.

Em alguns momentos reproduzem o que costumam assistir. Positiva ou negativamente. Oportunidades para conversarmos sobre a violência nos estádios, sobre os gritos de uma torcida, os insultos a um árbitro ou a um atleta. O preconceito e o racismo. Vozes que não deveriam ser ditas e nem ouvidas, que manifestam a raiva e o ódio. A briga da torcida, das equipes, os ônibus apedrejados instantes antes da partida. O espetáculo do esporte ou esporte espetáculo. O anúncio de marcas, a valorização de seus patrocinadores, a interação com torcedores, o engajamento do público, as enquetes. Luzes, cores e entretenimento.

Por fim, o esporte como princípio formativo, **educacional**. Uma dimensão que se conecta às demais, ao falar de esporte. Adentra espaços, inclusive na escola, que oferece um repertório de conhecimentos a serem trabalhados, questionamentos e reflexões a partir de tantas situações e que oportuniza ampliar discussões.

O vocabulário do esporte presente nas atividades escolares. O conteúdo que (in)forma, que permite compartilhar experiências, exteriorizar sentimentos, o diálogo, a troca de experiências, a abordagem de diferentes assuntos que nele estão presentes.

Interconexões, portanto, com a emoção, a estética, a ética, o espetáculo. Educa, promove uma ação. Amplas possibilidades, ao dividir opiniões, que se aproximam e/ou se distanciam. Do consumo e de ser consumido. Reflexão e crítica. Do exemplo a ser seguido e daquele que jamais deveria ter sido visto. Do comportamento e do (des)controle emocional em jogo.

Da figura estampada em um livro didático à icônica comemoração na quadra. O encantamento por uma modalidade esportiva, por um time, por um corte de cabelo, por usar uma luva ao jogar futebol. A expressão “sim” usada para demonstrar um contentamento com o seu gol. São tantas palavras ditas, gestos, movimentos e intenções. O esporte, potencialidade formativa.

Conhecimentos do esporte nos espaços da escola. A reprodução é logo percebida. Não se trata de criticar ou de tecer elogios. Mantenha-se o diálogo sobre ele, então. Os comportamentos das crianças podem ser inspirados em atletas, assim como o consumo de marcas esportivas e dos noticiários com informações sobre os últimos acontecimentos do esporte. São as cifras milionárias ou bilionárias de novos contratos dos jogadores, os anúncios publicitários.

A notoriedade do esporte. Passam-se os anos. Vilanizado ou sacralizado. Presente nas minhas vivências, quando criança. Presente atualmente na vida de muitas crianças. Sim, perdura e ecoa na escola. São as jogadas, as comemorações, as provocações nos jogos na escola. Orgulhosamente apresentado. Mochila nas costas, com o adesivo, a bola, o boné, a camisa, o chaveiro, o emblema. A criticidade estabelecida no comentário:

- A bola foi fora, professor!

Coletes arremessados e possíveis julgamentos. Também fui capaz de manifestar comportamentos, compartilhados na escrita desse trabalho. Relembro: assistir, consumir e reproduzir. Mas o esporte é sensacional. Sensacionalista. Somos movidos pela emoção. Emotivos quando o praticamos e quando o assistimos. Fascinante. Nada do que assisto no esporte irá mudar na minha vida. O time que tanto torci, perdeu. Foi eliminado. Esbravejar e assimilar o resultado. Não assisto mais. Melhor, me programo para novamente assistir. Retomo minha torcida pelo mesmo time e para acompanhar o esporte que acabara de me deixar assim. É o esporte!

Reflieto então sobre a seguinte frase construída por Kremer, Barbosa e Gobbato (2022):

Nesse sentido, as lógicas infantis muitas vezes fogem aos olhos e às interpretações do pesquisador. É necessário, portanto, grande rigor para que o olhar investigativo não seja dominado pelo ponto de vista apenas do adulto (Kremer; Barbosa; Gobbato, 2022, p. 87).

Ao longo da construção desse estudo essa revelou ser uma das minhas grandes preocupações. A interpretação do que pude observar. Acolhe-se os anseios, as conquistas, as dúvidas, as frustrações e as tensões. As crianças e suas impressões e expressões sobre o esporte. Opiniões e discussões que o envolvem, ao tentar ser justo. Entre contentamentos e descontentamentos. As crianças competem ainda aprendendo a competir.

O esporte como forma de linguagem. Gestos, movimentos e expressividade, constituído de elementos, códigos e símbolos. Uma forma de comunicação que se pode dizer, universal. O universo do esporte e suas linguagens.

Como forma de encerrar esse trabalho, mas não a discussão sobre o esporte, me apego as palavras de Marques (2006):

E é isso mesmo: escrever é uma obsessão, paixão. É ter um título, problema-tema-hipótese, e viver com ele essa paixão amorosa o dia todo. Dorme-se com ele, e se descobre que a noite é a melhor conselheira. Acordamos com ele e com ele na cabeça fazemos tudo o mais durante o dia. Gostaríamos, talvez, de ter um tempão só para escrever. Não adianta, não o temos e se o tivéssemos duvido que escrevêssemos melhor. A criatividade não é bicho que se agarre; ela surge de inopino, nos interstícios, nos sonhos da imaginação vagamundos, de forma que, quando menos se espera, escrever é preciso (Marques, 2006, p. 17).

Idealizei escolher as melhores palavras para descrever os momentos por mim aqui narrados. Histórias vividas e contadas durante a pesquisa na escola. Minhas interpretações. Sob o sol que invade a quadra, a organização de cada intervenção, das orientações nas atividades e concomitantemente da produção dos dados dessa pesquisa. Observações registradas em minha memória, entre um chamado de uma criança para tomar água, para amarrar pares de tênis, para auxiliar uma tarefa, para evitar a discussão entre os participantes, para acalmar os ânimos das crianças, para recuperar uma bola lançada no telhado da escola. Fatos da vida de professor.

Acontecimentos registrados no diário de campo, no computador, ao recordar da infinidade de palavras ouvidas, de gestos e movimentos observados que contam histórias com o esporte. Entre semelhanças e diferenças daquilo que acompanham na mídia. Ponderações.

Sem esquecer das histórias de quando eu era criança. A criança que fui e insisto em contar para não me distanciar daquilo que foi observado e posteriormente relatado. Compartilhei histórias, as quais ainda tenho na memória desde os tempos de criança. O autor que vivenciou e vivencia o esporte na escola.

Antes do ponto final, estimo que novas histórias possam ainda ser contadas e que os próximos passos sejam tão importantes quanto esses significaram em minha trajetória acadêmica e pessoal. Se escrever é preciso, que venham novas inspirações e oportunidades. Sigo o meu caminho, a navegar em mares que ainda desconheço.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, K. As crianças participam de corpo inteiro. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 23, n. 2, p. 347-362, maio 2018. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/4384>. Acesso em: 27 jun. 2024.

ALESSI, V. M. **Rodas de conversa: uma análise das vozes infantis na perspectiva do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Teses e dissertações, UFPR, 2011. Disponível em <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/25924>. Acesso em: 22 set. 2024.

ANDRÉ, M. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.

BARBANTI, V. O que é esporte? **Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde**, v. 11, n. 1, p. 54–58, 2012. Disponível em: <https://rbafs.org.br/RBAFS/article/view/833>. Acesso em: 22 ago. 2024.

BORBA, A. M. A infância na escola e na vida: uma relação fundamental. *In*: BEAUCHAMP, J.; PAGEL, S. D.; NASCIMENTO, A. R. **Ensino fundamental de nove anos**. Brasília: MEC, p. 33-46, 2007.

BUSS-SIMÃO, M. Experiências sensoriais, expressiva, corporais e de movimento na Educação Infantil. *In*: MORO, C.; VIEIRA, D. M. (orgs). **Leituras em Educação Infantil: contribuições para a formação docente**. Curitiba: NEPIE/UFPR, 2019. 266p.

CAMARGO, G. B.; GARANHANI, M. C. O corpo criança na travessia da educação infantil para os anos iniciais do ensino fundamental. **Educação e Pesquisa** [online]. v.48, 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/198965>. Acesso em: 27 jun. 2024.

CARNEIRO, M. A. B.; DODGE, J. J. **A descoberta do brincar**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2007.

CARVALHO, R. S de; SANTOS, N. S.; MACHADO S. Pauta ético-metodológica em discussões sobre pesquisa com (sobre/para) crianças na Educação Infantil. *In*: CARVALHO, R. S de. **Percursos investigativos em pesquisas com (sobre/para) crianças na educação infantil** (1ed.). Porto Alegre: Cirkula, 2022.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Tradução de: Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. Braga, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003. Disponível em: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/04/Pesquisa_Qualitativa_em_Ciencias_Sociais_e_Humanas_-_Evolucoes_e_Desafios_1_.pdf. Acesso em: 28 jul. 2024.

DE SOUZA RIZZO, D. T.; MARQUES ARANHA, A. C.; SILVESTRE MONTEIRO DE FREITAS, C. M.; DAOLIO, J.; LOPES, J. C. Educação Física Escolar e Esporte: Significações de alunos e atletas. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 19, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/40650>. Acesso em: 7 mar. 2025.

DICIONÁRIO OLÍMPICO, 2024. **Notícias** Formas de arremesso. Disponível em: <https://www.dicionarioolimpico.com.br/basquetebol/cenario/enterrada>. Acesso em: 19 set. 2024.

FREIRE, J. B. Da Criança, do Brinquedo e do Esporte. **Motrivivência**, p. 22–29, 1993.

FREITAS, G. de A. C.; MIZUNO LEMOS, F. R. Ensino do esporte na educação física escolar: perspectivas de estudantes do 9º ano. **Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana**, São Carlos, v. 7, n. 3, p. 171–181, 2023. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2023-v7-n3-p171-181>. Acesso em: 7 mar. 2025.

FREITAS, M. V. **A participação das crianças no esporte de alto rendimento: para além do “como deve ser”**. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências do Movimento Humano). Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2015.

GARANHANI, M. C. O professor de Educação Física no contexto escolar: elementos para reflexões sobre sua função docente. *In*: HORN, G. B.; GARCIA, T. M. F. B.; SCHMIDT, M. A. (orgs). **Diálogos e perspectivas de investigação**. Ijuí-RS: Unijuí - 2008, p. 197-206.

GARANHANI, M. C.; ALESSI, V. M. Desafios metodológicos da pesquisa com crianças: Reflexões e Proposições. *In*: CARVALHO, R. S de. **Percursos investigativos em pesquisas com (sobre/para) crianças na educação infantil** (1ed.). Porto Alegre: Cirkula, 2022.

GARANHANI, M. C.; MORO V. L. A escolarização do corpo infantil: uma compreensão do discurso pedagógico a partir do século XVIII. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 16, p. 109-119, 2000. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2040>. Acesso em: 27 jun. 2024.

GARANHANI, M. C.; PAULA, D. H. L. Notas sobre a educação do corpo da criança em movimento. *In*: GONÇALVES, J.C.; GARANHANI, M. C.; GONÇALVES, M. Bocchi (orgs.). **Linguagem, Corpo e Estética na Educação**. São Paulo: Hucitec, 2020.

GARANHANI, M. C.; PAULA, D. H. L.; CAMARGO, G. B. Corpo criança: conceito em construção em pesquisas. **Cadernos de Educação**, n. 68, 7 jun. 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/27036>. Acesso em: 19 set. 2024.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

G1 GLOBO. **Notícias** Música Charriots of fire Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2022/05/19/como-a-musica-de-carruagens-de-fogo-de-vangelis-virou-sinonimo-de-corridas-pelo-mundo.ghtml>. Acesso em: 20 set. 2024.

G1 GLOBO. **Notícias** Reação das crianças sobre a medalha de Isaquias Queiroz. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2024/08/09/reacao-criancas-baianas-medalha-isaquias-queiroz.ghtml>. Acesso em: 19 set. 2024.

GUARINON, P. C. **Representações sociais e o currículo de educação física: com a palavra os alunos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Estudos Socioculturais e Comportamentais da Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Acesso em: 7 mar. 2025.

IBGE. **Dados** Colombo-PR. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/pr/colombo.html>. Acesso em: 20 set. 2024.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 8 ed. Perspectiva: São Paulo, 2017.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. *In*: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Ensino Fundamental de Nove anos**. Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2a edição. Brasília, 2007.

KREMER, C.; BARBOSA, M. C. S; GOBBATO C. Pesquisa com crianças e etnografia: diálogos profícuos para uma aproximação às lógicas infantis. *In*: CARVALHO, R. S de. **Percursos investigativos em pesquisas com (sobre/para) crianças na educação infantil** (1ed.). Porto Alegre: Cirkula, 2022.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

LE BRETON, D. Aprender o impalpável: sobre o ensino da Yoga. *In*: GONÇALVES, J.C.; GARANHANI, M. C.; GONÇALVES, M. Bocchi (orgs.). **Linguagem, Corpo e Estética na Educação**. São Paulo: Hucitec, 2020.

LEGARREA DE SIQUEIRA, R. L. **Diário de campo**. Dissertação (Mestrado) - Corpo em movimento: a compreensão da criança sobre o esporte em jogos e brincadeiras nos anos iniciais do ensino fundamental. Universidade Federal do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/UFPR), Curitiba, 2025.

LETRAS DE MÚSICA. **Notícias** Letras de música do filme Rocky III. Disponível em <https://www.letras.mus.br/temas-de-filmes/737523/significado.html>. Acesso em 20 set. 2024.

LISBÔA, M. M. **Quando o esporte-da-mídia vende sonhos e desejos: publicidade e infância na Copa do Mundo da FIFA 2014**. 2016. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Desportos, Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Florianópolis, 2016.

MACAGNAN, L.; BETTI, M. Futebol: representações e práticas de escolares do ensino fundamental. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 28, n. 2, p. 315–327, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/84073>. Acesso em: 3 fev. 2025.

MACHADO, T. da S.; BRACHT, V.; FARIA, B. de A.; MORAES, C.; ALMEIDA, U.; ALMEIDA, F. Q. As práticas de desinvestimento pedagógico na Educação Física Escolar. **Movimento**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 129–147, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/10495>. Acesso em: 25 jan. 2025.

MARCHI JÚNIOR, W. Como é possível ser esportivo e sociológico? In: GEBARA, A.; PILATTI, L. A. (Org.). **Ensaio sobre história e sociologia nos esportes**. Jundiaí: Fontoura, 2006. p. 159-195. (Coleção Norbert Elias, v. 2.).

MARCHI JÚNIOR, W. O esporte “em cena”: perspectivas históricas e interpretações conceituais para a construção de um Modelo Analítico. **Revista da ALESDE**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 46-67, jul. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/alesde/article/view/43890>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MARCONDES, N. A.; BRISOLA, E. M. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, São José dos Campos-SP-Brasil, v. 20, n. 35, p. 201–208, jul. 2014. Disponível em: <https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/228>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**. O Princípio da Pesquisa. 5 ed. Ed. Ijuí- RS: Unijuí, 2006.

MELO, V. A. Apontamentos para uma história comparada do esporte: um modelo heurístico. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 107-20, jan./mar. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16751>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MOHER, D.; LIBERATI, A.; TETZLAFF, J.; ALTMAN, D. G. Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. **BMJ**, London, 339:b2535, 2009.

NASCIMENTO, A. M do. A infância na escola e na vida: uma relação fundamental. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Ensino Fundamental de Nove anos**. Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2a edição. Brasília, 2007.

OLIVEIRA, C. A. de S. **Representações sociais de crianças sobre a Educação Física na escola**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2022. Acesso em: 7 mar. 2025.

OLIVEIRA, V. M. de; SOUZA, J. de. A Infância, o brincar e o jogar: reflexões a partir do referencial teórico de Norbert Elias. **Rev. Belo Horizonte**, v. 34, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/21294>. Acesso em: 27 jun. 2024.

OLYMPICS. **Informações** sobre Rayssa Leal. Disponível em: <https://olympics.com/en/galleries/rayssa-leal-defesa-natureza-coi>. Acesso em: 19 de set 2024.

OLYMPICS. **Notícias** Tipos de saque. Disponível em: <https://olympics.com/pt/noticias/ornada-nas-estrelas-viagem-tipos-de-saque>. Acesso em: 19 set. 2024.

PAGE, M. J., MCKENZIE, J. E., BOSSUYT, P. M., BOUTRON, I., HOFFMANN, T. C., MULROW, C. D., SHAMSEER, L., TETZLAFF, J. M., AKL, E. A., BRENNAN, S. E., CHOU, R., GLANVILLE, J., GRIMSHAW, J. M., HRÓBJARTSSON, A., LALU, M. M., LI, T., LODER, E. W., MAYO-WILSON, E., MCDONALD, S., MOHER, D. (2021). **The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews**. *International Journal of Surgery*, 88, 105906. Disponível em: <https://www.prisma-statement.org/prisma-2020-statement>. Acesso em: 9 mar. 2025.

PAULA, D. H. L.; GARANHANI, M. C. A brincadeira como instrumento de geração de dados para avaliação na educação infantil. **Zero-a-seis**, v. 23, p. 1736-1754, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/79562>. Acesso em: 28 Jul. 2024.

QVORTRUP, J. A infância enquanto categoria estrutural. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 36, n. 2, p. 631–644, 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28253>. Acesso em: 22 jul. 2024.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; SILVA, S. A. D. da; GOMES, T. M. R.; PESUTO, C. de L.; BACCARELLI, W. Competições escolares: reflexão e ação em pedagogia do esporte para fazer a diferença na escola. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 11, n. 1, p. 37–45, 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/1207>. Acesso em: 9 ago. 2024.

RICHTER, A. C.; GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. Considerações sobre a presença do esporte na educação física infantil: reflexões e experiências. **Educação em Revista**, Curitiba, n. 41, p. 181-195, set. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/16507>. Acesso em: 27 jun. 2024.

RODRIGUES, E. F.; MONTAGNER, P. C. Esporte-espetáculo e sociedade: estudos preliminares sobre sua influência no âmbito escolar. **Conexões**, Campinas, SP, v. 1, n. 1, p. 55–70, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/article/view/8640806>. Acesso em: 7 mar. 2025.

SABINO, F. **O menino no espelho**. 116 ed. Rio de Janeiro, Record, 2020.

SAMPAIO JUNIOR, N. V.; MARTA, F. E. F.; ROCHA JUNIOR, C. P. da. Memórias das práticas educativas dos professores de educação física escolar. **Educação em Foco**, [S. l.], v. 29, n. 1, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/44228>. Acesso em: 7 mar. 2025.

SANCHES, S.M; RUBIO K. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educação e Pesquisa**, [S. l.], v. 37, n. 4, p. 825–841, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/28304>. Acesso em: 9 ago. 2024.

SANTOS, N. S. **Crianças, performances e arte contemporânea: instalações efêmeras de jogo na educação infantil**. [Dissertação de Mestrado]. Porto Alegre: UFRGS, 2021.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª Modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. **Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da Infância e educação**. Porto, Portugal: Edições ASA, 2004.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de Pesquisa: perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. pp. 137-179.

SAYÃO, D. T. Corpo e movimento: notas para problematizar algumas questões relacionadas à educação infantil e à educação física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Campinas, v. 23, n.2, p. 55-67, jan. 2002. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/270/253>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SCRAMINGNON, G. **Ser criança, ser adulto, ser professor: encontros, diálogos e desvios com crianças de seis a dez anos**. Tese (Doutorado). Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ), 2017.

SEDORKO, C. M.; FINCK, S. C. M. Sentidos e significados do esporte no contexto da Educação Física escolar. **Journal of Physical Education**, v. 27, n. 1, p. e-2745, 3 Aug. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/view/28572>. Acesso em: 07 mar. 2025.

SONODA-NUNES R. J.; OLIVEIRA S. R. de L. **O ensino das manifestações de luta: utilizando o jogo como estratégia pedagógica**. Editora Intersaberes, 2021.

SOUZA, J. de. Movência: um elogio à Educação Física e ao Esporte. **Movimento**, [S. l.], v. 29, p. e29004, 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/121546>. Acesso em: 19 set. 2024.

SOUZA, J. de; MARCHI JÚNIOR, W. Bourdieu e a sociologia do esporte: contribuições, abrangência e desdobramentos teóricos. **Tempo Social**, São Paulo, Brasil, v. 29, n. 2, p. 243–286, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/106962>. Acesso em: 25 ago. 2024.

TAMASHIRO, G. S. **O brincar em experiências de iniciação esportiva da escola: um estudo com crianças pequenas**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, 2023.

TAQUES, M.J.; MADRID S. C. de O. O processo de ensino e aprendizagem do esporte na escola na perspectiva dos professores de Educação Física. **Cinergis**, v. 18 n. 3 (2017). Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/cinergis/article/view/8917>. Acesso em: 7 mar. 2025.

TAQUES, M.J.; MADRID S. C. de O. Reflexões sobre a prática pedagógica dos professores por meio do esporte. **Horizontes - Revista de Educação**, [S. l.], v. 6, n. 11, p. 86–107, 2018. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/horizontes/article/view/8501>. Acesso em: 7 mar. 2025.

UNESP. Faculdade de Ciências Agrônomicas. **Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Matos**. Tipos de revisão de literatura. Botucatu: UNESP, 2015.

UOL. **Notícias** Rebeca Andrade. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/afp/2024/08/06/facanha-de-rebeca-andrade-inspira-meninas-de-guarulhos-sua-cidade-natal.htm>. Acesso em: 19 set. 2024.

VAGO, T. M. Pensar a Educação Física na Escola: para uma formação cultural da infância e da juventude. **Cadernos de Formação RBCE**, n. 3, p. 25–42, 2009.

VÁRIOS AUTORES. **Metodologia do Ensino da Educação Física**. Editora Cortez, São Paulo, 2012.

VAZ, A. F. Ensino e formação de professores e professoras no campo das práticas corporais. In: VAZ, A. F.; SAYÃO, D. T.; PINTO, F. M. (Orgs.). **Educação do corpo e formação de professores: reflexões sobre a prática de ensino de educação física**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. p. 85-107.

VOSGERAU, D. S. A. R.; ROMANOWSKI, J. P. Estudos de revisão: implicações conceituais e metodológicas. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 14, n. 41, p. 165-189, jan./abr. 2014.

WINKIN, Y. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus, 1998.

ANEXOS

ANEXO 1 – INFORMATIVO SOBRE A AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA DE MESTRADO

Senhores Pais e/ou Responsáveis:

Informamos que o professor Rafael, responsável pela disciplina de Educação Física em nossa escola, desenvolve um trabalho de pesquisa vinculado ao curso de Mestrado em Educação, que ele realiza junto a Universidade Federal do Paraná (UFPR), sob orientação do professor Dr. Ricardo João Sonoda Nunes (UFPR). O tema do estudo é o esporte na escola por meio de jogos e brincadeiras com crianças nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Desse modo, encaminhamos pela agenda escolar dois termos para leitura e concordância de alunas/alunos (TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO) e responsáveis (TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO) que gostariam de fazer parte desta pesquisa a ser realizada em nossa escola. Em caso de aceite, os termos deverão retornar pela agenda escolar assinados até a data de 03/07/23 (segunda-feira).

As informações sobre a pesquisa estão presentes nos termos enviados, porém ressaltamos que a participação na pesquisa não é obrigatória e não acarretará prejuízos às alunas e aos alunos nas atividades escolares. Para os participantes, informamos que a pesquisa trata sobre os movimentos realizados pela criança no esporte em jogos e brincadeiras. Os dados coletados serão com base nos depoimentos das crianças em relação às práticas, sendo mantidos em sigilo. A pesquisa não inclui a utilização de áudio, vídeo e fotos. Por fim, sua participação nesta pesquisa é muito importante, pois possibilita a realização de novos estudos e proposições pedagógicas para a área da Educação Física.

Desde já, agradecemos sua atenção.

Direção escolar.

ANEXO 2 - ROTEIRO DE ENTREVISTA – RODAS DE CONVERSA PARA A PESQUISA: CORPO EM MOVIMENTO: A COMPREENSÃO DA CRIANÇA SOBRE O ESPORTE EM JOGOS E BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

ROTEIRO DE ENTREVISTA – RODAS DE CONVERSA PARA A PESQUISA: CORPO EM MOVIMENTO: A COMPREENSÃO DA CRIANÇA SOBRE O ESPORTE EM JOGOS E BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL.

Pesquisador Principal/Orientador	Prof. Dr. Ricardo João Sonoda Nunes
Colaborador/Orientando/Mestrando	Prof. Esp. Rafael Luis Legarrea de Siqueira

I. SOBRE AS EXPERIÊNCIAS COM JOGOS E BRINCADEIRAS COM ESPORTE

- Vocês já praticavam algum esporte? Qual?
- Contem para nós como era jogar esse esporte? O que vocês faziam?
- Jogavam junto com alguém? Quem era? Gostavam de jogar esse esporte?
- E vocês já conheciam esse esporte que realizamos na aula de hoje?
- E o jogo/brincadeira que realizamos, vocês conheciam?
- Foi legal jogar esse esporte? Por quê?

II. SOBRE OS MOVIMENTOS CORPORAIS E O ESPORTE

- Como vocês aprenderam a realizar os movimentos desse esporte que já praticavam? Alguém ensinou vocês?
- Como vocês se sentem ao se movimentar durante um jogo/brincadeira de esporte?
- São movimentos fáceis ou difíceis de fazer? Por quê?

- Vocês já tinham realizado os movimentos corporais nos jogos e brincadeiras com o esporte que foram apresentados nessa aula?
- Como vocês se sentiram?

III. SOBRE O MOVIMENTO COMO FORMA DE LINGUAGEM DA CRIANÇA

- Se vocês fossem contar para outra pessoa sobre os movimentos que fizeram na aula de hoje, como seria?
- Vocês já ouviram alguém chamar algum desses movimentos por outro nome?
- Quais palavras vocês podem utilizar para descrever esses movimentos?
- Esses movimentos significaram alguma coisa para vocês? O quê?
- Quando vocês jogam/brincam de esporte, os movimentos do seu corpo demonstram como você é? Por quê?

Observação: o diálogo durante a entrevista coletiva será conectado com as observações realizadas pelo professor pesquisador ao aplicar as atividades.

ANEXO 3 – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

TALE LÚDICO

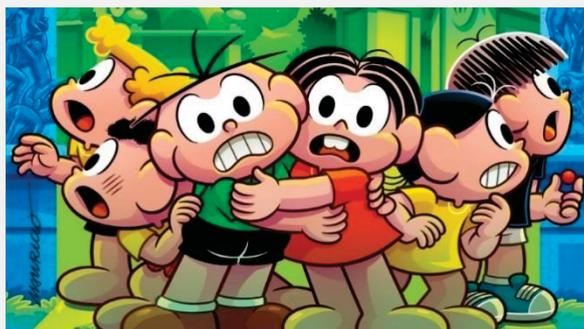
**Oi, como você se chama?**

Eu me chamo Ricardo Sonoda e quero te convidar para participar do meu estudo que estou fazendo junto com o professor Rafael:

“Corpo em movimento: a compreensão da criança sobre o esporte em jogos e brincadeiras nos anos iniciais do ensino fundamental.”

**Posso te contar do nosso estudo?**

Vamos assistir às suas aulas de educação física na escola e vamos realizar alguns jogos e brincadeiras sobre o esporte. Depois dessas atividades conversaremos com toda a turma junta. Essa conversa vai demorar uns 20 minutos. Se não quiser conversar com toda a turma ao mesmo tempo, você também pode nos procurar durante a aula ou junto com alguns amigos e algumas amigas.

Às vezes você pode não gostar de tudo que vamos fazer na pesquisa.

Você pode se cansar quando fizermos os jogos e brincadeiras e também sentir incômodo ou aborrecimento quando realizarmos a conversa.

**Mas sabe? Coisas boas também podem acontecer.**

Você poderá aprender como os esportes são importantes para movimentar o seu corpo e ainda conhecerá outros jogos e novas brincadeiras.

E também se divertirá bastante!



Mas se você não gostar, pode dizer:

“chega, não quero mais”.

E aí podemos brincar de outra coisa.

Se você quiser falar conosco, peça a seus pais e eles nos encontrarão:

Ricardo Sonoda / (41) 9 8408-7082 / rj.sonoda.nunes@gmail.com

Professor Rafael / (41) 3666 5366 / rafaellegarrea@gmail.com

Departamento de Educação Física - Universidade Federal do Paraná



Nós também já explicamos tudo para seus responsáveis, mas queremos te ouvir. Pode ser?



Então, você quer fazer parte deste nosso estudo?

Hum, acho que sim. Entendi tudo, essa pesquisa não interfere nas atividades avaliativas da escola. Você me explicou direitinho as coisas boas e as não tão boas e você respondeu todas as minhas perguntas.

Quero sim! E vou contar para as amigas e para os amigos!



Eu entendi tudo, que sou livre para aceitar ou recusar participar da pesquisa, que posso interromper a minha participação a qualquer momento sem dar uma razão. E se eu não participar da pesquisa, não haverá nenhum problema.
Entendi tudo e até vou assinar aqui!

Eu receberei uma via assinada e datada deste documento.

Curitiba, 26 de junho de 2023.

[Nome e assinatura da criança]

CAAE (*): **69017223.0.0000.0214**

Parecer de aprovação: **6.124.503**

Endereço e contato do Pai/Mãe/Responsável Legal

Endereço:

Contato:

ANEXO 4 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - PAIS E/OU RESPONSÁVEL LEGAL

Título do Projeto: **CORPO EM MOVIMENTO: A COMPREENSÃO DA CRIANÇA SOBRE O ESPORTE EM JOGOS E BRINCADEIRAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Pesquisador responsável: **Prof. Dr. Ricardo João Sonoda Nunes**

Pesquisador assistente: **Prof. Esp. Rafael Luis Legarrea de Siqueira**

Local da Pesquisa: XXXXXXXXXXXXXXXX

Endereço: XXXXXXXXXXXXXXXX

A criança sob sua responsabilidade, está sendo convidada a participar de uma pesquisa. Este documento, chamado **Termo de Consentimento Livre e Esclarecido** visa assegurar os direitos dela como participante da pesquisa. Por favor, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com os pesquisadores. Você é livre para decidir se a criança pode participar e ainda pode desistir a qualquer momento sem que isto lhe traga prejuízo algum.

A pesquisa intitulada “Corpo em movimento: a compreensão da criança sobre o esporte em jogos e brincadeiras nos anos iniciais do ensino fundamental”, tem como objetivo analisar como as crianças de 5 a 10 anos, inseridas nos anos iniciais do ensino fundamental, compreendem o esporte em jogos e brincadeiras com o corpo em movimento. Ela será realizada entre os meses de julho a dezembro de 2023.

Participando do estudo, a criança está sendo convidada a:

- realizar as atividades propostas pelo professor, no formato de jogos e brincadeiras com o esporte. Essas atividades ocorrerão na própria escola, durante as aulas da disciplina de educação física, como estratégia pedagógica para abordar o conteúdo já previsto no currículo;
- dialogar com demais colegas de turma a partir de ação orientada pelo professor, que será realizada uma vez por mês, ao término das atividades mencionadas no item “a” e terá duração de 20 minutos e/ou dialogar com os pesquisadores no momento em que a criança se sinta mais confortável possível.

Responsável Legal [rubrica]

Ricardo João Sonoda Nunes [rubrica]

Pesquisador Responsável

Desconfortos e riscos: é possível que a criança experimente algum desconforto (ou constrangimento) ao se relacionar com a equipe de pesquisa no dia a dia escolar e responder perguntas sobre as experiências dela com o esporte. Esse risco será reduzido a partir da assiduidade, participação e comprometimento da equipe do projeto de pesquisa, essencialmente por parte do pesquisador que atua como professor na escola, de forma a integrar-se ao dia a dia da escola e não mais serem reconhecidos como estranhos pelas crianças. Ao término de cada intervenção, nós, pesquisadores, ficaremos à disposição para sanar possíveis questionamentos, identificar e ouvir as impressões dos participantes da atividade e assim, minimizar possíveis riscos, como constrangimentos na realização das práticas e nos relatos produzidos pelas crianças (roda de conversa). O (A) senhor (a) terá a garantia de que problemas para a criança, como desconforto, decorrentes do estudo, serão tratados imediatamente e sem qualquer ônus. No caso eventual de danos graves decorrentes da pesquisa a criança tem assegurado o direito à indenização nas formas da lei. Apesar destes riscos, destacamos que o benefício direto esperado com essa pesquisa é a possibilidade de a criança refletir sobre os seus conhecimentos, as suas experiências e as suas vivências anteriores e as desenvolvidas atualmente, por meio de sua prática, seja ela vinculada ao contexto escolar ou aos diversos outros quais ela ocorre. Além disso, possibilita a tal população conhecer novas maneiras de se movimentar em jogos e brincadeiras com o esporte e/ou aperfeiçoá-las com o tempo, assim como compartilhar saberes essenciais para a construção de gestos e movimentos entre as crianças.

Sigilo e privacidade: O (A) senhor (a) tem a garantia de que a identidade da criança será mantida em sigilo e nenhuma informação será cedida a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, os nomes não serão citados. Os dados obtidos serão utilizados unicamente para essa pesquisa e armazenados pelo período de cinco anos após o término deste estudo, sob responsabilidade dos pesquisadores responsáveis (Resolução 466/2012 e 510/2016).

Ressarcimento e Indenização: O estudo será realizado na própria escola e durante as aulas da disciplina de educação física, não gerando despesas extras. Os materiais e equipamentos utilizados para a realização da pesquisa não são de sua responsabilidade e o (a) senhor (a) não receberá qualquer valor em dinheiro pela participação da (o) criança. Caso haja algum gasto decorrente da alteração de rotina da criança para participar da pesquisa, o (a) senhor (a) será ressarcido (a) integralmente dessas despesas. O (A) senhor (a) terá a garantia ao direito à indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com os pesquisadores Rafael Luis Legarrea de Siqueira, na Escola XXXXXXXXX, sito a Rua XXXXXXXXX, telefone XXXXXX e

Ricardo João Sonoda Nunes, no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná, sito a Avenida Cel. Francisco H. dos Santos, 100, Centro Politécnico, Jardim das Américas, CEP: 81531-980 – Curitiba/PR. Telefone: 3361-3072. O horário para esclarecer eventuais dúvidas, antes, durante ou depois de encerrado o estudo é de segunda à sexta-feira das 9h às 11h e das 14h às 17h. O contato também pode ser realizado por e-mail: rafaellegarrea@ufpr.br - rj.sonoda.nunes@gmail.com

Responsável Legal [rubrica]

Ricardo João Sonoda Nunes [rubrica]

Pesquisador Responsável

Em caso de denúncias ou reclamações sobre a participação da criança sob sua responsabilidade e sobre questões éticas do estudo, o (a) senhor (a) poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais do Setor de Ciências Humanas (CEP/CHS) da Universidade Federal do Paraná, sito a rua General Carneiro, 460 – Edifício D. Pedro I – 11º andar, sala 1121, Curitiba/PR. Telefone: 3360-5094 ou pelo e-mail cep_chs@ufpr.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP): A responsabilidade do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Este documento é elaborado em duas vias, assinadas e rubricadas pelo pesquisador e pelo/pela responsável legal da criança, sendo que uma via deverá ficar com o (a) senhor (a) e outra com o pesquisador.

Esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com seres humanos da UFPR sob o número CAAE nº 69017223.0.0000.0214 e aprovada com o Parecer número 6.124.503 emitido em 16 de junho de 2023.

Consentimento livre e esclarecido:

Após ter lido este documento com informações sobre a pesquisa e não tendo dúvidas informo que autorizo a participação da criança sob minha responsabilidade no presente estudo.

Nome do/a participante da pesquisa: _____

Curitiba, 23 de junho de 2023.

[Responsável Legal]

Eu declaro ter apresentado o estudo, explicado seus objetivos, natureza, riscos e benefícios e ter respondido da melhor forma possível às questões formuladas.

Ricardo João Sonoda Nunes [Pesquisador Responsável]

ANEXO 5 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: CORPO EM MOVIMENTO: A COMPREENSÃO DA CRIANÇA SOBRE O ESPORTE EM JOGOS E BRINCADEIRAS NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Pesquisador: RICARDO JOAO SONODA NUNES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 69017223.0.0000.0214

Instituição Proponente: Programa de Pós-graduação em Educação

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.124.503

Apresentação do Projeto:

Vinculada ao curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação, a presente pesquisa de cunho etnográfico, tem como objetivo analisar como as crianças de 5 a 10 anos, inseridas nas séries iniciais do Ensino Fundamental, compreendem o esporte em jogos e brincadeiras com o corpo em movimento. Ao considerarmos o esporte como um dos fenômenos de maior impacto sociocultural do final do século XX e início do XXI, observaremos no dia a dia de crianças e jovens, seja em contextos de lazer ou de ensino formal, como, por exemplo, vinculado a disciplina de educação física em instituições de ensino. Ele se fará presente nos gestos e movimentos corporais, no vocabulário, nos símbolos, entre outros aspectos que integram nossa cultura e quais fazemos parte e estamos expostos desde a infância.

No contexto em que esta pesquisa se desenvolve, o esporte configura-se como possibilidade de abordagem e prática de movimento presente na escola. Nesse sentido, tomamos os jogos e as brincadeiras como ferramentas educacionais para a realização do trabalho pedagógico com o esporte, contribuindo, desta forma, para que a criança se comunique e transforme os seus movimentos com o corpo como forma de linguagem. Os jogos e as brincadeiras com o esporte são importantes alternativas de vivências corporais para a criança, ao permitir relações de convivência, de contato com movimentos, capazes de expressar e comunicar suas sensações e ampliar conhecimentos.

Utilizaremos a técnica da observação participante, realizando o registro das atividades que

Endereço: Rua General Carneiro, 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121

Bairro: Centro

CEP: 80.060-150

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-5094

E-mail: cep_chs@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



Continuação do Parecer: 6.124.503

envolvem a participação das crianças no trabalho educativo com o esporte e a apresentação de seus relatos nos momentos pautados pelo diálogo, ao propormos analisar suas compreensões sobre o assunto por meio de suas movimentações corporais em jogos e brincadeiras.

Destaca-se que esse tema (jogos e brincadeiras - jogos esportivos) está presente nos referenciais curriculares na área do conhecimento da Educação Física, favorecendo a realização de tal estudo na escola, na medida em que as movimentações corporais em tais práticas podem manifestar os saberes das crianças sobre o esporte. Ao adotarmos os jogos esportivos em nossas intervenções, apresentamos às crianças o esporte educacional e suas práticas corporais constituídas de regras, estruturas, espaços e gestos, os quais demonstram uma cultura esportiva da escola.

Considera-se nesta pesquisa a roda de conversa como instrumento atuante no desenvolvimento de interação social, ao incentivar a oralidade, o diálogo, a expressão da criança. Entretanto, estamos cientes que tal atividade possa oferecer certo desconforto a ela, como o fato de falar em público, do julgamento de outros colegas de classe em determinadas situações, por exemplo. Dessa forma, compreendemos sua participação nesta atividade de forma espontânea, de caráter não-obrigatória, uma vez que os pesquisadores estarão disponíveis para o diálogo também de maneira individual, em dupla, em pequenos grupos, se assim for desejado.

No que diz respeito as intervenções pedagógicas estas serão desenvolvidas nas aulas de Educação Física durante o segundo trimestre letivo, na instituição de ensino indicada, para os alunos do ensino fundamental, de forma a contemplar o conteúdo em questão.

Os registros das observações após as aulas propostas nas diferentes turmas, bem como, as informações relatadas durante a roda de conversa (semanalmente), e/ou durante diálogos individuais ou em pequenos grupos, serão organizados na forma de diário de campo de pesquisa.

Ao propormos uma metodologia com enfoque qualitativo, consideramos esta pesquisa como participante, uma vez que envolve quem investiga e quem participa no estudo do problema em questão, ao produzirmos dados e de forma coletiva, possibilitarmos a construção de interessantes proposições para o tema pesquisado.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar como as crianças de 5 a 10 anos, inseridas nas séries iniciais do ensino fundamental, compreendem o esporte em jogos e brincadeiras com o corpo em movimento.

Objetivo Secundário:

Promover relatos das crianças sobre o esporte, a partir de movimentos corporais em jogos e

Endereço: Rua General Carneiro, 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121

Bairro: Centro

CEP: 80.060-150

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-5094

E-mail: cep_chs@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



Continuação do Parecer: 6.124.503

brincadeiras; Descrever a utilização de movimentos com o corpo para demonstração dos conhecimentos das crianças sobre o esporte.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Sobre os riscos vinculados à coleta/produção de dados, o desenvolvimento da pesquisa implica no registro das ações que envolvem movimentos corporais da criança no âmbito escolar. Diante disso, o risco identificado é algum desconforto ou mesmo constrangimento ao se relacionar com a equipe de pesquisa no dia a dia escolar e responder perguntas sobre suas experiências com o esporte. O risco do desconforto relacionado ao registro do cotidiano da ação será reduzido a partir da assiduidade, participação e comprometimento da equipe do projeto de pesquisa, essencialmente por parte do pesquisador que atua como professor na escola, de forma a integrar-se ao dia a dia da escola e não mais serem reconhecidos como estranhos pela população pesquisada.

Ainda como forma de mitigar os riscos associados ao desconforto pela participação na roda de conversa, será considerada a espontaneidade e o caráter não-obrigatório para participar, possibilitando o diálogo também de maneira individual, em dupla, e/ou em pequenos grupos, se assim for desejado pela criança. Outro fator para reduzir um possível constrangimento causado pelos registros realizados no diário de campo, é o fato de que tanto as observações das atividades propostas durante a aula, quanto as informações relatadas durante a roda de conversa, serão registradas após o término da aula, sem a presença das crianças.

Por fim, ao término de cada intervenção, nós, pesquisadores, ficaremos à disposição para sanar possíveis questionamentos, identificar e ouvir as impressões dos participantes da atividade e assim, minimizar possíveis riscos, como constrangimentos na realização das práticas e nos relatos produzidos pelas crianças.

Benefícios:

Em relação aos benefícios diretos dessa pesquisa para a população estudada, destacamos a possibilidade de refletir sobre os seus conhecimentos, as suas experiências e as suas vivências anteriores e as desenvolvidas atualmente, por meio de sua prática, seja ela vinculada ao contexto escolar ou aos diversos outros quais ela ocorre. Além disso, possibilita a tal população conhecer novas maneiras de se movimentar em jogos e brincadeiras com o esporte e/ou aperfeiçoá-las com o tempo, assim como compartilhar saberes essenciais para a construção de gestos e movimentos

Endereço: Rua General Carneiro, 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121

Bairro: Centro

CEP: 80.060-150

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-5094

E-mail: cep_chs@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



Continuação do Parecer: 6.124.503

entre as crianças.

Já em uma perspectiva indireta, entendemos que os resultados apresentados ao término do processo de pesquisa, possibilitarão gestores, professores, especialmente da área de educação física, entre outros profissionais que atuam nesse contexto, propor intervenções pedagógicas voltadas para o trabalho educativo com o esporte, na medida em que compreenderem esses conhecimentos apresentados pelas crianças em relação ao tema pesquisado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto de pesquisa com resposta a primeiro parecer emitido por este CEP. As inconsistências apontadas no parecer foram sanadas.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Tanto o TCLE quanto TALE estão adequados, após os ajustes solicitados no primeiro parecer.

Recomendações:

Nada a acrescentar.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após análise e deliberações deste colegiado concluiu-se que, salvo melhor juízo, não há pendências ou inadequações no protocolo em tela.

Considerações Finais a critério do CEP:

01. Solicitamos que sejam apresentados a este CEP, RELATÓRIOS PARCIAIS semestrais (a cada seis meses a partir da data de aprovação), com o relato do andamento da pesquisa, via Plataforma Brasil, usando o recurso NOTIFICAÇÃO. Informações relativas às modificações do protocolo, como cancelamento, encerramento, alterações de cronograma ou orçamento, devem ser apresentadas no modo EMENDA. No encerramento da pesquisa deve ser submetido via NOTIFICAÇÃO da Plataforma Brasil o RELATÓRIO FINAL.

02 - Importante: (Caso se aplique): Pendências de Coparticipante devem ser respondidas pelo acesso do Pesquisador principal. Para projetos com coparticipante que também solicitam relatórios semestrais, estes relatórios devem ser enviados por Notificação, pelo login e senha do pesquisador principal no CAAE correspondente a este coparticipante, após o envio do relatório à instituição proponente.

03 - Favor inserir em seu TCLE e/ou TALE o número do CAAE e o número deste Parecer de aprovação, para que possa apresentar tais documentos aos participantes de sua pesquisa.

Endereço: Rua General Carneiro, 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121

Bairro: Centro

CEP: 80.060-150

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-5094

E-mail: cep_chs@ufpr.br

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS**



Continuação do Parecer: 6.124.503

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2105519.pdf	28/05/2023 22:45:04		Aceito
Outros	10_Carta_Resposta_Pend.pdf	28/05/2023 22:41:44	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	8_Projeto_Vers_1.docx	28/05/2023 22:40:48	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	7_TALE_Ludico_Vers_1.docx	28/05/2023 22:39:44	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	6_TCLE_Resp_Vers_1.docx	28/05/2023 22:38:54	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
Outros	9_Roteiro_Roda_Conversa.docx	17/04/2023 22:38:58	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	8_Projeto_v3.docx	17/04/2023 22:38:35	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	7_TALE_Ludico.docx	17/04/2023 22:37:35	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	6_TCLE_Resp.docx	17/04/2023 22:37:26	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
Outros	5_Dec_Compr_Pesquisa.pdf	17/04/2023 22:35:41	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
Outros	4_Dec_Concord_Inst_Coparticipante.pdf	17/04/2023 22:11:39	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
Outros	3_Analise_Merito.pdf	17/04/2023 22:11:00	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
Outros	2_Ata_Aprov_Colegiado.pdf	17/04/2023 22:10:13	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
Outros	1_Carta_Encaminhamento.pdf	17/04/2023 22:08:53	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito
Folha de Rosto	0_Folha_de_Rosto_Assinada.pdf	17/04/2023 22:03:06	RICARDO JOAO SONODA NUNES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: Rua General Carneiro, 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121
Bairro: Centro **CEP:** 80.060-150
UF: PR **Município:** CURITIBA
Telefone: (41)3360-5094 **E-mail:** cep_chs@ufpr.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PARANÁ - CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS



Continuação do Parecer: 6.124.503

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CURITIBA, 16 de Junho de 2023

Assinado por:
LORIANE TROMBINI FRICK
(Coordenador(a))

Endereço: Rua General Carneiro, 460, Edifício D. Pedro I, 11º andar, sala 1121

Bairro: Centro

CEP: 80.060-150

UF: PR

Município: CURITIBA

Telefone: (41)3360-5094

E-mail: cep_chs@ufpr.br